

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS –
MESTRADO

ROSA ULICIMARA DE MENEZES BALBUENA

**FAMÍLIA E ESCOLA DISPOSIÇÕES E EXPECTATIVAS
PRESENTES NAS ESCOLHAS PROFISSIONAIS DOS JOVENS DE
CLASSE MÉDIA E POPULARES NA CIDADE DE SANTA
MARIA-RS**

SANTA MARIA, julho de 2020.

Rosa Ulicimara de Menezes Balbuena

**FAMÍLIA E ESCOLA DISPOSIÇÕES E EXPECTATIVAS PRESENTES NAS
ESCOLHAS PROFISSIONAIS DOS JOVENS DE CLASSE MÉDIA E
POPULARES NA CIDADE DE SANTA MARIA-RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós
Graduação em Ciências Sociais, da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de **Mestre em Ciências
Sociais**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Laura Senna Ferreira

**Santa Maria, RS
2020**

Balbuena, Rosa

FAMÍLIA E ESCOLA DISPOSIÇÕES E EXPECTATIVAS PRESENTESNAS ESCOLHAS
PROFISSIONAIS DOS JOVENS DE CLASSE MÉDIA EPOPULARES NA CIDADE DE
SANTA MARIA-RS / Rosa Balbuena.- 2020.

159 p.; 30 cm

Orientador: Laura Senna Ferreira

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de SantaMaria, Centro de
Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS,
2020

1. Jovens 2. Trabalho 3. Educação 4. Família 5. Escola

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da
Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, ROSA BALBUENA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Rosa Ulicimara de Menezes Balbuena

**FAMÍLIA E ESCOLA DISPOSIÇÕES E EXPECTATIVAS PRESENTES NAS
ESCOLHAS PROFISSIONAIS DOS JOVENS DE CLASSE MÉDIA E
POPULARES NA CIDADE DE SANTA MARIA-RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**

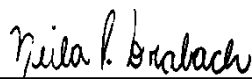
Aprovada em 06 de novembro de 2020



Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Laura Senna Ferreira



Prof^ª. Dr^ª. Mari Cleise Sandalowski



Prof^ª. Dr^ª. Neila Pedrotti Drabach

Santa Maria, RS 2020

DEDICATÓRIA

À minha filha Maria Clara que desde seus três aninhos, aguarda pacientemente seu colo, sua hora de dormir, de brincar, de ter atenção, e ,que se adequou às leituras e à escrita da mãe. À minha mãe Neicy Balbuena que sempre me inclinou aos estudos para que eu pudesse ser e ter o que quisesse na vida. Ao meu marido Daniel Chagas pelo incentivo a crescer profissionalmente. Amor é o que norteia a dedicação a um projeto.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo além de dedicar essa dissertação, a minha mãe Neicy Balbuena que mesmo com mínimo de capital cultural, me forneceu todos os meios para que eu fosse morar em outra cidade e me graduar assim como todos os membros da minha família que ajudaram de alguma forma e com isso me impulsionaram a ser a primeira a chegar a uma pós-graduação em nível de mestrado na minha família. Agradeço a minha pequena Maria Clara, pela paciência que teve, e, que quando crescer e ler a dedicatória deste trabalho irá compreender as horas intermináveis da mãe à frente do computador. Ao meu marido que sempre me incentivou a procura de aperfeiçoamento profissional, mesmo quando eu mesma resistia a isso, foram muitas as discussões, mas conseguimos!

Agradeço imensamente a grande parceria, paciência e dedicação da professora Laura Senna, minha orientadora, que acreditou em minha capacidade e me deu a chance de fazer esse estudo. Sem ela e sua imensa empatia, eu não teria conseguido.

Meus sinceros agradecimentos àquelas que são minhas fieis escudeiras, Luciane Oleques (pelo começo da idealização do processo seletivo e noites de vinho tinto com discussões epistemológicas), Mariana Corrêa Soares (por ter estendido a mão todas as vezes que precisei, por me apoiar e ajudar entre tantas coisas, nas buscas de livros pdf.), Susiane Santarem (pelas risadas garantidas e pela leveza que precisei inúmeras vezes). Às queridas Joseane Bortolini e Liege Bidese Chagas, que abraçaram minha filha como às delas enquanto eu escrevia. À amiga Andreliisa G. Mello pelo empréstimo de livros, pelo presente MDT e apoio. Enfim, a todas e todos que estiveram e estão comigo sempre e, que à sua maneira contribuíram para que essa dissertação se concluísse. A vida é muito melhor com amigos!

Meus agradecimentos às diretoras das duas escolas pesquisadas que contribuíram com seu tempo e disposição na entrevista e que iluminaram esse estudo. Também agradeço às duas supervisoras/coordenadoras que prontamente me ajudaram em diversas questões que ampararam essa pesquisa.

Aos alunos queridos, que pacientemente conversaram e responderam à entrevista, disponibilizando um tempinho de suas vidas atribuladas entre escola, cursinho

e/ou trabalho. Muito obrigada! O universo de vocês é de uma riqueza imensa, aprendi muito com todos e todas.

Meus agradecimentos às minhas chefas diretas que tiveram compreensão e aceite das vezes que não consegui cumprir algum prazo burocrático.

Agradeço aos professores do programa de pós-graduação em Ciências Sociais, não seria justo citar nomes, mas a todos vocês que tive oportunidade de ter aula, muito obrigada! Vocês não imaginam o tamanho da minha admiração por todos. A melhor forma de imortalidade é o conhecimento transmitido e/ou instigado.

RESUMO

FAMÍLIA E ESCOLA DISPOSIÇÕES E EXPECTATIVAS PRESENTES NAS ESCOLHAS PROFISSIONAIS DOS JOVENS DE CLASSE MÉDIA E POPULARES NA CIDADE DE SANTA MARIA-RS

AUTORA: Rosa Balbuena

ORIENTADORA: Laura Senna Ferreira

A presente dissertação versa sobre questões que correspondem à educação e ao mundo do trabalho juvenil. A pesquisa proposta objetivou investigar a influência das instituições família e escola nas expectativas profissionais de jovens pertencentes a duas escolas, a saber, uma pública e uma privada na cidade de Santa Maria – RS, tomando por base alunos que estão na terceira série do ensino médio. Buscou-se compreender a influência da escola particular e da pública e em que sentido isso acontece. A pesquisa esteve apoiada nos conceitos desenvolvidos por Pierre Bourdieu sobre *habitus* e capital cultural, bem como o de disposições favoráveis desenvolvido por Bernard Lahire. O estudo buscou observar o *habitus* de classes dos alunos das diferentes instituições e em que medida a escola reforça e/ou altera esse, tomando por base elementos objetivos e subjetivos presentes no momento dos jovens optarem por uma determinada carreira. Cabe considerar que alguns alunos de instituições públicas têm expectativas/ escolhas / sucesso em profissões que contrariam o seu *habitus* previsível. Nesse sentido, o propósito foi analisar até que ponto a escola reforça e/ou altera as probabilidades ocupacionais já presentes na vida familiar e na comunidade de origem dos estudantes. Por fim, pode-se apreender desta dissertação, em que medida o *habitus*, bem como o conhecimento, as habilidades, as informações, ou seja, o conjunto de qualificações intelectuais transmitidas pelas famílias e reproduzidas nas escolas tem influência singular na vida desses agentes sociais. A pesquisa lançou mão de uma metodologia qualitativa e esteve orientada pela perspectiva de que as subjetividades tanto do ponto de vista individual como coletivo são fortemente marcadas pelas experiências familiar e escolar.

Palavras- Chaves: *Habitus*, Capital cultural, instituições, família e escola.

ABSTRACT

FAMILY AND SCHOOL PROVISIONS AND EXPECTATIONS INSIDE IN THE PROFESSIONAL CHOICES OF YOUNG FROM MIDDLE AND POPULAR CLASSE IN SANTA MARIA CITY, RIO GRANDE DO SUL STATE.

This dissertation deals with issues that correspond to education and the world of youth work. The proposed research aimed to investigate the influence of the institutions the family and school on the professional expectations of young people belonging to two schools, namely, a public and a private in Santa Maria city, Rio Grande do Sul state, based on students who are in the third grade of high school. Was studied and sought to understand the influences of private and public schools and in what reason and grade this happens. The research was supported by the concepts developed by Pierre Bourdieu about habitus and cultural capital, as well as that of favorable dispositions concept developed by Bernard Lahire. The study sought to observe the class habitus of students from different institutions and the extent to which the school reinforces and / or alters this, based on objective and subjective elements present in the moment that young people choose by a career. It is worth considering that some students from public institutions have expectations / choices / success in professions that contradict their predictable habitus. In this sense, the purpose was to analyze the extent to which the school reinforces and / or changes the occupational probabilities already present in the family life of students and their original community. Finally, this dissertation show the extent to which habitus, as well as knowledge, skills, information, that is, the set of intellectual qualifications transmitted by families and reproduced in schools, has a singular influence on the lives of these social agents. The research made use of a qualitative methodology and was guided by the perspective that subjectivities, both from an individual and collective point of view, are strongly marked by family and school experiences.

Keywords: Cultural capital, family, *habitus*, institutions and school

SUMÁRIO

Introdução	11
CAPÍTULO 1 – Conceitos Norteadores – Da teoria à prática	28
1.1 Apontamentos teóricos sobre juventude	48
1.2 As categorias: Instituição, Família, Escola, Trabalho e Educação	56
CAPÍTULO 2 – Escola Privada <i>versus</i> Escola Pública	63
2.1 A Escola privada	63
2.2 A Escola pública	83
CAPÍTULO 3 – Jovens – Expectativa de Vida e/ou de Profissões	101
3.1 A Família e suas expectativas	102
3.2 Escola perpetuadora e Escola Agência - Visões dos alunos	138
Considerações finais	150
Referências bibliográficas	154

INTRODUÇÃO

Os anos de magistério, e passeando por mundos educacionais tão diferentes tanto públicos como privado, torcendo e vibrando a cada conquista dos meus alunos, me trouxeram a dúvida de como alguns seguiam determinadas profissões e outros apenas sonhavam com essas, mas não a seguiam, e sim migravam para um outro caminho, muitas vezes o caminho mais possível. De que forma esses percursos eram construídos e determinados me instigaram a realizar esta pesquisa.

Este trabalho que apresento traz consigo questões pertinentes de serem investigadas, em função de sua temática sempre atual e desafiadora na sociedade brasileira, falar de juventude, de perspectivas de trabalho, de educação e de família, é sempre uma forma de discutir realidades sociais que em nosso país são cada dia mais preocupantes.

O que passa na cabeça de um jovem de 3º série de ensino médio que precisa decidir uma profissão que seguirá? O que implica na escolha da sua futura profissão? O que faz com que esses jovens sigam para determinadas profissões? É o que podem, é o desejado ou é o contingente? Foi esse imaginário que me levou a investigar essas questões e por conseguinte me instigou a pensar nessa pesquisa. A forma como essas questões são tratadas dentro da sociedade vai mostrar qual a influência que esses jovens recebem das instituições, tanto família como escola.

A questão central desta pesquisa instiga questionar como as instituições família e escola impactam nas expectativas profissionais de jovens pertencentes a escolas públicas e privadas da cidade de Santa Maria.

Nesse sentido busquei analisar como essas instituições influenciam o pensamento desses jovens, em relação a suas escolhas profissionais no momento que estão na passagem do Ensino Médio para opção de curso universitário e/ou ingresso no mercado de trabalho (Nogueira, 2000), analisando, por exemplo, se a influência da escola particular se distingue da pública e em que sentido isso acontece. O estudo buscará observar o *habitus* (Bourdieu, 2005) de classes dos alunos das diferentes instituições e em que medida a escola reforça (Willis, 1991) e/ou altera esse *habitus*, tomando por base elementos objetivos e subjetivos presentes no momento dos jovens optarem por uma determinada carreira. Cabe considerar que alguns alunos de instituições públicas

têm expectativas/ escolhas / sucesso em profissões que contrariam o seu *habitus* previsível. Analisar até que ponto a escola reforça e/ou altera as probabilidades ocupacionais já presentes na vida familiar e na comunidade de origem dos estudantes. Com esse propósito, a investigação irá lançar mão, no início do ano de 2019, de questionários e entrevistas semiestruturadas com jovens secundaristas de duas escolas – uma pública e uma privada – de ensino médio de Santa Maria - RS.

Observar duas escolas, uma pública estadual e outra privada, me deu a oportunidade de participar de mundos distintos e distantes. Ao analisar os vários elementos que compõem essa instituição, desde a análise dos PPPs (Plano político pedagógico) das referidas escolas, passando pelas reuniões de formação, conselhos de classe e modos de condução da disciplina escolar com os alunos, bem como pelas atividades ofertadas para eles, pude observar que todos esses elementos são análogos no entanto com estruturas diferentes.

Essa pesquisa foi desenvolvida entre os anos de 2018 e 2019, quando por sua vez a escola pública estadual pesquisada, teve transição de direção, que é realizada através de eleição direta a cada três anos, a eleição é composta por chapas de professores e votadas por toda a comunidade escolar (pais, mestres, funcionários e alunos), portanto, na pesquisa consta elementos da direção do ano de 2018 bem como da atual. Já na escola privada a direção não tem transição, a escolha é feita em função de meritocracia e confiabilidade e indicação de pessoa que faça parte da mesma ordem eclesiástica, uma vez que essa escola privada também é confessional. A diretora atual ocupa o cargo há vinte anos.

A escola pública está localizada em um bairro periférico da cidade, e tem em sua grande maioria de alunos crianças advindas de famílias de baixa renda e algumas inclusive em situação de vulnerabilidade, é composta por cerca de 790 alunos e abrange toda a educação básica. É sustentada com verbas estaduais e seus professores e demais quadro funcional são funcionários públicos estatutários e estáveis. Já a privada está localizada no centro da cidade, seus alunos em grande maioria fazem parte da classe média com alguns que podem situar-se em classe alta, bem como com alguns bolsistas de baixa renda, no entanto nem perto da situação da referida escola pública, conta com cerca de 1800 alunos aproximadamente e atende todas as esferas educacionais desde o

berçário até o ensino médio, seus professores e funcionários são celetistas e não há estabilidade de vínculo empregatício.

As duas escolas possuem seus planos políticos pedagógicos (PPP), uma espécie de “carta magna” a ser seguida e deve ser dessa forma para toda escola, seja ela pública ou privada. Nesses contém todas as regras e formas de condução do processo educacional. O que os difere no entanto é a forma de utilização. Enquanto na escola privada o PPP é utilizado como base para toda e qualquer situação que envolva o processo educacional, e é a base para o planejamento do ano letivo, na pública, ele é utilizado toda vez que surge alguma dúvida, nesse processo. O que leva a escola a ter certa instabilidade em suas regras.

Quando percebo desde a estrutura física até a estrutura pessoal das escolas, observo a grande influência que essa instituição tem nas escolhas desses jovens, em relação à suas futuras profissões. Fato é que apenas boa vontade ou até mesmo boa administração não faz boa escola, estrutura física e de pessoal é base para isso também.

A estrutura de laboratórios, bibliotecas, acesso à informática, ginásios, salas ambientadas e espaço de lazer pode ser constatada nas duas escolas, a escola pública tem toda a estrutura física muito próxima a da privada, no entanto o funcionamento é precário e aqueles que funcionam tem sua utilização muito pouco desfrutada, em razão ao que tudo indica do tipo de metodologia que os professores estão acostumados a usar, enquanto na privada, os docentes são continuamente impelidos à utilização desses meios como forma de despertar a atenção dos alunos e existem técnicos sempre prontos para solução de qualquer problema que possa vir a se apresentar.

O convívio diário com os alunos e suas expectativas se apresenta a mim, não apenas suas preocupações e comportamentos escolares, também se abrem para mim aquilo que trazem em sua base constitutiva, a forma de falar, de se expressar, os assuntos discutidos e principalmente as suas preocupações com suas realidades, tudo isso mostra muito do *habitus* incorporado por eles.

Os pais dentro da escola privada, como de fato reforça o senso comum já produzido, são presentes toda vez que são solicitados ou em reuniões convocadas pela escola bem como entrega de notas, mas são presentes, muito mais quanto ao tocante da cobrança em relação a notas e pareceres do que na preocupação do andamento do ano

letivo de seus filhos e de seus comportamentos, a presença ali se apresenta como forma de cobrança de resultado, uma vez que há o pagamento para isso. Salvo algumas exceções. Contudo, dentro da escola pública, a presença familiar é bastante difícil, e até mesmo em casos mais graves como o de abandono escolar, em que o aluno simplesmente deixa de comparecer às aulas, é complicado conseguir entrar em contato com a família. Dados preenchidos na hora da matrícula como telefones quase sempre são trocados em questão de meses, e qualquer situação mais grave na maioria das vezes a escola precisa se valer de outros órgãos públicos como conselho tutelar para poder encontrar os familiares dos alunos.

No estado do Rio Grande do Sul as notas das escolas públicas foram trocadas, antes numéricas agora se dão através de conceitos e na entrega de notas dos alunos, por vezes a pequena parcela de pais que se interessam em pegar os boletins ou pareceres de seus filhos têm enorme dificuldade de entender esses conceitos, a pergunta constante é se seus filhos estão “bem de notas” o que significa atingir a média e se passarão de ano, ou seja, nesse sentido há paridade de ideias de famílias o que interessa é o final do processo educacional, os resultados, aquilo que farão desses alunos segundo algumas categorias bem ou mal sucedidos em sua vida.

A partir dessa problemática apresento os seguintes objetivos que consistem em investigar em que medida as instituições família e escola estariam na base da estruturação das escolhas profissionais de jovens estudantes de ensino médio e de que modo o capital cultural e o *habitus* (segundo Pierre Bourdieu), que se encontram no seio dessas instituições seriam reprodutores de diferenças sociais que se reproduzem na sociedade, bem como entender a dinâmica das instituições através da análise da estrutura (física e humana) das escolas (PPP, direcionamento pedagógico entre outros). Analisar os argumentos dos alunos frente às suas expectativas quanto ao mercado de trabalho, relacionar os conceitos de *habitus* Bourdieuseano, bem como o conceito de capital cultural e reprodução, observando quanto esses interferem nas expectativas desses jovens, para tanto se tornou necessário a utilização de mais de uma técnica, para que a pesquisa pudesse tornar-se mais rica de dados, técnicas como a de observação participante/diário de campo foram utilizadas em função da posição que ocupo enquanto docente das duas instituições, o que me permitiu um passeio completo por todas as áreas das duas escolas e acesso a conselhos de classe, reuniões pedagógicas, festas comemorativas, observação da estrutura das escolas, das bibliotecas, entre outros. O

método de entrevistas com gestores, coordenadores/supervisores, esse com o intuito de tentar entender qual é a dinâmica da instituição e saber qual a pedagogia seguida, dados de reprovação, aprovação, relação professor aluno, também utilizado a pesquisa documental, dados históricos e projeto político pedagógico das escolas, e por fim me utilizo da entrevista (aplicada à estudantes de 3º série de ensino médio), dividido em 4 blocos: 1. Idade, gênero, bairro, etc., 2. Profissão pai, profissão da mãe, irmãos, instituições que os pais estudaram etc., 3. Relação com a escola: São repetentes ou não, participam de projetos, etc., 4. Expectativas: relação subjetiva deles com o conhecimento, as profissões que desejam, leituras (leem? O que?), lazer, esportes, etc. Esta pesquisa se deu durante o período entre o segundo semestre de 2018 e o ano de 2019.

METODOLOGIA E REFLEXÕES EPISTÊMICAS

A definição de um objeto em uma pesquisa científica dentro de um determinado campo de investigação é algo que esconde várias questões e que por vezes ilusoriamente parecem ser de fácil trato. Definir seu objeto necessariamente leva às questões metodológicas e éticas que perpassam toda a pesquisa científica, quer seja ela no campo social ou de outra ordem.

Precisamos pensar a pesquisa de um ponto de vista prático, daquilo que realmente é possível fazer e ao pensar em um objeto é recomendável obedecer a níveis que tornam possíveis a delimitação desse, conforme expõe VÍCTORA, (2000, p.45): “Isto significa que toda pesquisa opera um recorte sobre uma determinada realidade, uma vez que é impossível contemplar, através de uma só pesquisa, a totalidade dos fenômenos naturais ou sociais”. A autora ainda explica detalhadamente cada um desses recortes, como sendo um recorte temático, outro de nível disciplinar, outro de delimitação empírica e por fim o recorte metodológico. Tal classificação dentro da minha pesquisa poderia ser determinada respectivamente como juventude (recorte temático), trabalho e educação (recorte disciplinar), jovens estudantes de terceira série do ensino médio (delimitação empírica) e pesquisa qualitativa (recorte metodológico). Ou seja, minha proposta foi investigar a influência das instituições família e escola nas disposições profissionais de jovens pertencentes à escola pública e privada na cidade de Santa Maria - RS.

A definição metodológica do meu trabalho se deu no intuito de conseguir através da pesquisa qualitativa analisar como essas instituições influenciam esses jovens na escolha de suas futuras profissões e ainda analisar em que medida por meio de influência subjetiva a escola torna-se reprodutora do meio social de origem desses jovens ou ainda se tem sido capaz de cumprir o seu papel social de mobilidade, assim como demonstrar que a questão do capital cultural e do *habitus* que se encontram no seio destas instituições estão na base das diferenças sociais que se reproduzem na sociedade.

Estes conceitos foram centrais nesta pesquisa e para isso recorri a Pierre Bourdieu que melhor esclarece e define esses dois conceitos argumentando que: “A influência do capital cultural se deixa apreender sob forma da relação, muitas vezes constatada, entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança” (BOURDIEU,1998, p. 42).

Ou ainda falando do *habitus* como:

O *habitus* deve ser pensado como sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias, características de um grupo de agentes (BOURDIEU, 2005, p.191).

Para tanto dentro do universo metodológico optei pela pesquisa qualitativa na busca das respostas ao que se pode chamar de um “problema social”, visto que quando pensamos nessa temática algumas questões de ordem social nos desafiam a refletir sobre a forma como esses jovens de camadas médias e populares escolhem suas profissões, o que os levam a essas escolhas e como dessa forma a sociedade se reproduz e vai sedimentando diferenças e posições sociais. É nesse sentido que chamo a atenção para aquilo que delimitei como um problema social sustentada na conceituação de VÍCTORA (2000.p.47): “Um problema social é uma leitura que um grupo social ou uma instituição faz de uma determinada realidade e transforma essa leitura em uma demanda, bandeira de luta ou questão política”.

Ainda nesta mesma perspectiva busquei a singularidade deste trabalho na dimensão do conflito existente entre a questão daquilo que é tomado como *habitus* e como falta de capital cultural dentro da escola pública, o insucesso, e aqueles alunos que mesmo com o improvável chegam ao “sucesso” acadêmico e profissional, tomando as

palavras sucesso e insucesso aqui como indicadora de profissões que acarretam grau econômico e simbólico elevado.

Para tanto, dentro desta pesquisa me servi de recursos do método qualitativo. Desta forma com dados específicos coletados de entrevistas aplicadas ao meu objeto constaram questões sobre suas relações com o conhecimento, leituras, profissões desejadas, profissões dos pais, participação em projetos, repetências ou não, lazer, cultura, entre outros. As entrevistas que apliquei aos alunos pertencentes ao universo dessa pesquisa foram pensadas de forma a alcançar as famílias através de suas falas. Dessa forma, sendo eu professora atuante nas escolas de pesquisas não tive como negligenciar os aportes que o método qualitativo me abona, através da observação participante, diário de campo, pesquisa documental e entrevistas.

A etnografia tem sido bastante usada em pesquisas educacionais, relacionadas à antropologia da educação, No livro *Anthropologies of education-A global Guide to ethnographic studies of learning and schooling* (2012), no capítulo sobre o mundo anglofona, Sara Delamont em seu texto *The Parochial Paradox: Anthropology of education in the Anglophone World* explora a antropologia da educação e faz uma separação entre antropologia da educação e etnografia da educação, ¹“*This Chapter explores anthropology of education in the Anglophone world. It Separates the anthropology of education from the much wilder field of educational ethnography*”(Delamont, 2012, p.49) e afirma que em função do amplo trabalho etnográfico feito por sociólogos, geógrafos, psicólogos e pesquisadores em educação a etnografia da educação da escola são amplas e díspares ²“Por causa de todo o trabalho etnográfico realizado por sociólogos, geógrafos, psicólogos e pesquisadores educacionais, o campo da etnografia e da educação é amplo e díspar” (Delamont, 2012, 50), e relata sobre a dificuldade que é estudar e ser um pesquisador em educação, da falta de reconhecimento que esses têm no meio acadêmico :

Em outros países que não os Estados Unidos e o Canadá, as sociedades eruditas para antropólogos não têm seções educacionais, não há revistas para antropologia da educação, a pesquisa educacional não figura nas revistas antropológicas, e é difícil para um pesquisador estudar educação e sustentar uma identidade credível e validada pelos pares como educação para o estudo

¹ “Este capítulo explora a antropologia da educação no mundo anglófono. Separa a antropologia da educação do campo muito mais selvagem da etnografia educacional” (Delamont, 2012, p.49).

² “Because of all the ethnographic work done by sociologists, geographers, psychologists, and educational researchers, the field of ethnography and education is wide and disparate”.(Delamont, 2012, p.50).

e sustentar uma identidade credível e validada por pares como antropólogo, seja na antropologia ou na educação. (TRADUÇÃO LIVRE³)

A autora ainda fala sobre o padrão de estudos que existe nessa área onde geralmente trabalha-se com grupos de baixas taxas de conclusão do ensino médio e menor ainda em graduação e ainda que, esses grupos são estudados quando fracassam e depois desaparecem da disciplina se o empenho escolar melhora, também expõe que essas pesquisas geralmente são uma comparação dessa instituição escola em relação a alguma outra instituição e que geralmente essa comparação fala de relações desconfortáveis.

Qualquer que seja o grupo étnico em particular, eles são estudados quando⁴ fracassam e depois desaparecem da disciplina se a conquista escolar “melhorar” até a norma: ninguém está publicando atualmente sobre a escolaridade de americanos laosianos ou canadenses laosianos. A persistência de artigos sobre nativos americanos e canadenses, sobre afro-americanos e canadenses, e sobre hispano-americanos e canadenses é um indicador de que essas populações continuam a “fracassar”, “fracassar”, “desistir” ou estar “em risco” no sistema escolar. (TRADUÇÃO LIVRE)

A autora também expõe que as pesquisas no campo educacional ficam centradas em um espaço muito formal que é o espaço da escola, bem como o foco dessas ser a escola, os alunos e os professores, Delamont (2012) critica essa questão, pois a escola ou ainda o mundo escolar é feito por diversos atores, o leitor quando em contato com essas pesquisas, aprende muito sobre choques culturais e pouco sobre as interações pessoais que existem na escola, pois a escola é feita não somente de um espaço físico centrado no ensino/aprendizagem, escola é lugar de trocas, de afetividade, de sentidos e sentimentos, de relações interpessoais que nos são dados pela etnografia.

⁵ O leitor aprende pouco sobre a interação nas salas de aula, mas muito discute a cultura entre vários professores, burocratas, políticos e avaliadores

³“In countries other than the United States and Canada, the learned societies for anthropologists do not have educational sections, there are no journals for anthropology of education, educational research does not figure in the anthropological journals, and it is hard for a researcher to study education and sustain a credible, peer-validated identity as study education and sustain a credible, peer-validated identity as an anthropologist, either in anthropology or in education”. (Delamont, Sara, 2012, p.50).

⁴ “Whatever the particular ethnic group, they are studied when failing, and then vanish from the discipline if the school achievement ‘improves’ to then norm: No one is currently publishing on the schooling of Latin Americans or Latin Canadians. The persistence of papers on Native Americans and Canadians, on African Americans and Canadians, and on Hispanic Americans and Canadians is -an indicator that those populations continue to ‘underachieve’, ‘fail’, ‘drop out’ or be ‘at risk’ in the school system”. (Delamont, Sara, 2012, p.54)

⁵ The reader learns little about interaction in the classrooms, but a great deal about teachers, bureaucrats, politicians, and educational evaluators. A scholar wishing to know about different pupil styles, about talk in science versus talk in motor mechanics, or about bodily self-presentation in the cafeteria or in the gym, or about teachers interactions in the faculty lounge would not be able to discover anything about them despite forty years of research. (Delamont, Sara, 2012, p.56)

educacionais. Um estudioso que desejasse saber sobre diferentes estilos de alunos, sobre falar em ciência versus falar em mecânica de motores, ou sobre auto apresentação corporal na lanchonete ou na academia, ou sobre interações de professores no corpo docente não seria capaz de descobrir nada sobre eles apesar de quarenta anos de pesquisa. (TRADUÇÃO LIVRE)

Valer-me desse método me leva a apresentar um detalhamento maior ao leitor, com ele consegue-se detalhar as características objetivas e subjetivas daquele universo pesquisado. Os saberes e as práticas que encontramos em cada escola, suas particularidades nos são apresentadas através desse método que vai usar a empiria como base. Nesse ponto recorro àquilo que Mariza Peirano (2014, p.380) descreve em seu texto *Etnografia não é método*, para explicar a empiria posta nesse método, Peirano não coloca a empiria somente como a forma tradicional que a palavra é usada, como aquilo que nos é passado pelos sentidos, empiria para ela vai além, pois os sentimentos também fazem parte dela, “a empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos –, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação”. No entanto, busco apresentar de forma objetiva a estrutura das instituições que provocam algum tipo de influência nos jovens pesquisados, procurei explicitar todas as dinâmicas envolvidas nessas, tais como abordagem pedagógica, dados de aprovação e reprovação, relação professor/aluno, quantidade de alunos, juízos professorais, posições políticas pedagógicas de gestores e diretores, análise de projetos políticos pedagógicos entre outros, que de alguma forma contribuíram para a pesquisa, como colocado abaixo em relação às técnicas:

Ao conceber o processo de pesquisa como um mosaico que descreve um fenômeno complexo a ser compreendido é fácil entender que as peças individuais representem um espectro de métodos e técnicas, que precisam estar abertas a novas ideias, perguntas e dados. Ao mesmo tempo, a diversidade nas peças deste mosaico inclui perguntas fechadas e abertas, implica em passos predeterminados e abertos, utiliza procedimentos qualitativos e quantitativos. (Günther, Hartmut, 2006, p.202).

Ou, ainda quando coloca:

Além da influência de valores no processo de pesquisa, há de se constatar um envolvimento emocional do pesquisador com o seu tema de investigação. A aceitação de tal envolvimento caracterizaria a pesquisa qualitativa. Já a intenção de controlá-lo, ou sua negação, caracterizariam a pesquisa quantitativa. (Günther, Hartmut, 2006, p.203).

Se por um lado o desafio dos recortes temáticos e metodológicos são ultrapassados e definidos, a pesquisa no campo sociológico nos brinda com mais

algumas reflexões desta vez de cunho ético e moral. Pois em contrapartida às ciências naturais, as ciências sociais encontram um problema que é o objeto que fala como Bourdieu (2004, p.50) bem lembra: “A maldição das ciências humanas, talvez, seja o fato de abordarem um objeto que fala”, o que nos leva a um maior desafio naquilo que diz respeito a objetividade em razão dos diversos sentimentos que desenvolvemos, quando em proximidade e envolvimento com o objeto pesquisado:

Com efeito, quando o sociólogo pretende tirar dos fatos a problemática e os conceitos teóricos que lhe permitam construir e analisar tais fatos, corre sempre o risco de se limitar ao que é afirmado por seus informadores. Não basta que o sociólogo esteja à escuta dos sujeitos, faça a gravação fiel das informações e razões conhecidas por estes, para justificar a conduta deles e, até mesmo, nas razões que propõem: ao proceder dessa forma, corre o risco de substituir pura e simplesmente suas próprias prenoções pelas prenoções dos que ele estuda ou por um misto falsamente erudito e falsamente objetivo da sociologia espontânea do “cientista” e da sociologia espontânea de seu objeto. (BOURDIEU, 2004, p.50).

Vale lembrar que para esse autor o sociólogo deve ter atitude científica em relação a sua prática profissional. Portanto, quando penso em minha pesquisa, onde tenho contato direto com o objeto, julgo trabalhar com alguns parâmetros éticos necessários. Minha pesquisa foi desenvolvida em escolas que eu pesquisadora trabalho, no entanto, desde a abertura do meu diário de campo trabalhei da forma mais objetiva e aberta possível. Falar e explicar sobre minha pesquisa foi prática recorrente para que não houvesse qualquer tipo de interpretação errônea por parte de terceiros.

Seguir o código de ética da sociedade brasileira de sociologia (SBS), no que tange a ética nas pesquisas com seres humanos, foi outro cuidado que obtive em função da observação participante, feita com consentimento dos envolvidos, também tive o cuidado de impessoalizar a pesquisa para que não houvesse constrangimentos e ressentimentos em relação às expectativas dos pesquisados e entrevistados, à maneira que aconteceu com William Foote Whyte, em seu livro Sociedade de esquina, (2005, p.343-344), cobrado legitimamente por um dos pesquisados a respeito da caracterização feita sobre ele, bem como da relevância da publicação do livro em relação a trazer benefícios a aquele grupo que pesquisou.

O dilema ético que permeou meus pensamentos dava conta das entrevistas que foram direcionadas aos gestores, diretores, coordenadores, da instituição escola, pois estava frente a chefes e colegas, o que ampliou o desafio e comprometimento de manter o anonimato e privacidade dos interlocutores, bem como as exigências da ordem do

distanciamento, sem que ocorresse o chamado “mal estar”, por conta da minha proximidade. Recorro aqui a Bourdieu novamente, para especificar com mais clareza esse “mal estar” que pode ser gerado pela entrevista.

E a proximidade social com a pessoa interrogada é sem dúvida o que explica a impressão de mal estar que quase todos os interrogadores que estão colocados numa tal relação disseram ter experimentado, às vezes durante toda a entrevista, às vezes a partir de um momento preciso da análise: em todos esses casos efetivamente, o interrogatório tende naturalmente a tornar-se uma socianálise a dois no qual o analista está preso, e é posto a prova, tanto quanto aquele que ele interroga. (BOURDIEU, 2011, p.698).

Por fim concluo essas reflexões tendo em vista que o trabalho do pesquisador deve ter sensibilidade suficiente para atender as demandas que a pesquisa social irá despertar e que de fato esta poderá acarretar aquilo que o autor acima citado conceituou de esquizofrenia na relação entre o seu trabalho e sua escrita. “Temos de dizer ou fazer algo, e no momento em que isso é dito ou feito, dizer que não se faz o que está sendo feito, que não se diz o que está sendo dito e, em terceiro discurso, dizer que não se faz o que se acaba de dizer que está sendo feito, etc. (BOURDIEU, 2015, p. 28).

Conforme mencionado anteriormente, o desenvolvimento da pesquisa se deu sob a perspectiva do método de abordagem qualitativo, no ambiente escolar. Foram escolhidas uma escola da rede pública estadual e uma escola da rede privada para pesquisa e levantamento de dados e esses foram coletados através de questionários e observação sobre a visão dos jovens dessas escolas em relação à expectativa de trabalho e relacionadas a seu contexto socioeconômico. Nessa perspectiva, me amparei no texto de Glaucio Ary Dillon Soares, “O calcanhar metodológico da Ciência política no Brasil”. Embora o autor analise a questão metodológica das ciências políticas, discute longamente com dados de diversas revistas nacionais e internacionais sobre a questão de aplicação dos métodos qualitativos e quantitativos. Expõe ele que existe uma falsa oposição entre métodos quantitativos e qualitativos e que essa oposição está sendo superada pela diversificação dos dados audiovisuais, sonoros e também pelo desenvolvimento de hardwares e softwares, que são capazes de lidar com número de dados complexos e informações verbais e escritas antes próprio do campo da pesquisa qualitativa, que eram base de dados somente de pesquisadores qualitativos e que pesquisadores quantitativos conseguem lidar hoje. (Soares, Glaucio, 2005, p.34). Também coloca que a solução para essa questão é, portanto, a integração do trabalho qualitativo e quantitativo. (Soares, 2005, p.48).

Nesse sentido, enquanto pesquisadora estive em um campo que é de domínio da minha profissão, a saber, professora. A necessidade de distanciamento da profissão e do campo se fez presente para que conseguisse obter os resultados almejados na pesquisa. Estive muito próxima à antropologia no que tange o estudo e análise do ser humano usando a distinção feita por Tim Ingold (2011) de antropologia como sendo o estudo “com” enquanto, a etnografia seria o estudo “de” (Ingold, 2011, p.1), pois, lancei mão da observação participante com a mesma perspectiva científica e preocupação com os dados coletados que Malinowski (1884 -1942), deixa como herança em seus estudos. Esse antropólogo polaco teve o arrojo e desafio de viver com os nativos para entendê-los e buscar o conhecimento daquilo que seria o esqueleto (o fixo), mas também o “sangue” (aquilo que é fluido), dentro de suas pesquisas.

Quando se fala de estranhamento dentro do campo, me remeto a Mariza Peirano, no seu texto “Etnografia não é método”, no qual ela destaca a questão do estranhamento no relato da experiência que faz acerca de seu recadastramento biométrico, estranhamento esse que buscarei, e diz que produzir etnografia é produzir teoria, que teoriza. (Peirano, 2014, p.383), nesse sentido, entende-se que é errado pensar etnografia somente como uma descrição, pois a etnografia deve ser uma descrição com interpretação, que deve ter um discurso.

Dessa forma busco no texto de Chiara Pucetti (2016), “Trabalho de campo: envolvimento e experiência em antropologia” a sustentação para o uso do meu campo de trabalho como campo de pesquisa, onde ela coloca que os sentimentos e emoções foram negados durante anos em pesquisas, e, no entanto os aspectos íntimos manifestados pelas emoções podem ser objeto de estudo. E que muitas vezes falamos em fazer pesquisa, mas não pensamos em como as emoções estão colocadas na pesquisa (Pucetti, 2016, p. 50). Também encontro em Roberto DaMatta (1978, p.30), em "Ofício de etnólogo”, ou como ter “Anthropological Blues” que da mesma forma que Pucetti, coloca questão do lado emocional da pesquisa, além da sua subjetividade (versão qualitativa do método), mas com o adendo que o pesquisador deverá manter uma distância mínima que irá garantir a objetividade de seu trabalho (DaMatta, 1978, p.28), encontrando-se na pesquisa quantitativa a melhor maneira de chegar a virtude do meio termo.

Um dos passos que se deu em minha pesquisa foi à análise das influências das instituições família e escola na estruturação do pensamento sobre o trabalho dos jovens pertencentes às escolas pública e privada, e para isso foi necessário compreender como se reproduzem e de que forma se solidificam as desigualdades, essa tarefa foi iniciada no estudo da família como instituição e, portanto como guardiã de todo o capital cultural que será herdado pelo indivíduo, isso quando se tratando de classe média, que o detém em contraponto àquelas famílias de classes populares que depositam em outra instituição, a saber, a escola, a esperança em alguns casos e tarefa em outros de ser a complementadora desse capital tem-se, portanto, um campo – a escola – que serve de distribuidora desse capital juntamente com a família. Como se observa nos escritos de Bourdieu sobre a transmissão do capital cultural:

A influência do capital cultural se deixa apreender sob a forma de relação, muitas vezes constatada, entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança. A parcela de “bons alunos” em amostra da quinta série cresce em função da renda de suas famílias. Paul Clerc mostrou que, com diploma igual, a renda não exerce nenhuma influência própria sobre o êxito escolar e que, ao contrário, com renda igual, a proporção de bons alunos varia de maneira significativa segundo o pai não seja diplomado ou seja *bachelier*, o que permite concluir que a ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural. (BOURDIEU, 2015, p.46)

Outro conceito de Bourdieu, também ajudará a estabelecer a estruturação socioeconômica da sociedade, o *habitus*, esse instrumento conceitual que auxilia a apreender a homogeneidade das disposições para as ações e que seguindo a definição clássica de Bourdieu o *habitus* deve ser pensado como:

sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente. (BOURDIEU, 1983 p.61)

E que em minha pesquisa esse foi o guia para refletir sobre em qual sentido a instituição escola é reprodutora do meio social existente e possivelmente não cumpridora do seu papel social que é o de mobilidade.

Também foi necessária a análise dos discursos e argumentos dos alunos frente às suas expectativas em relação ao mercado de trabalho, pois, segundo Michel Foucault, o discurso é um objeto associado ao poder, que tem a capacidade de produzir a realidade e não somente reproduzir (Foucault, 1996, p.10) e verificar a esfera conflitiva

entre o público e privado no sentido de ver se a escola privada de fato cria mais expectativas do que as públicas, analisando aquelas situações que estão fora da previsibilidade, nessa perspectiva é necessário pensar em um fazer/saber sociológico a exemplo daquele que Pierre Bourdieu coloca nos seus escritos “Profissão de Sociólogo” (2002) como uma construção intelectual constante em oposição ao saber espontâneo, pois esse está no cerne das teorias tradicionais, pré-concebidas e colocadas como universais que estão na base do senso comum: “A familiaridade com o universo social constitui para o sociólogo, o obstáculo epistemológico por excelência, porque ela produz continuamente concepções e sistematizações fictícias ao mesmo tempo que as condições de sua credibilidade”(Bourdieu,2002, p.23) dos rankings A exemplificação do fato saber/fazer sociológico em contrapartida ao saber espontâneo mostra-se através das escolas brasileiras, mais especificamente dentro do Rio Grande do Sul, que estabelecem lugares segundo notas de testes aplicados pelo governo, onde contrariando as estimativas ou expectativas de escolas de redes privadas como aquelas que obtêm melhores notas e por conseguinte maiores níveis de aprovação em ENEM e vestibulares, tem-se nos primeiros lugares, escolas federais e portanto públicas. Essa questão me remeteu ao termo de Boaventura dos santos, “sociologia das ausências”, pois explicita bem o que o termo quer sinalizar, aquilo que não é considerado, já que, quando se pensa nas escolas federais, muitas vezes esquece-se que são públicas.

Retomando de forma mais pontual alguns aspectos, em síntese, sublinho que em razão das peculiaridades próprias do universo escolar e do fato da pesquisadora trabalhar nesse *locus*, este estudo lançará mão de uma pluralidade de técnicas de coleta de dados, a saber: Observação participante (nas duas escolas); diário de campo (nas duas escolas); entrevistas (com gestores, coordenadores, e diretores, buscando tentar entender qual é a dinâmica da instituição e saber qual a pedagogia seguida pela instituição, pesquisa documental (a partir dos PPP das escolas, conselhos de classe, reuniões pedagógicas, festas comemorativas, estrutura das escolas, biblioteca, entre outros), questionário aberto aplicados a estudantes de 3º série de ensino médio.

APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Conforme o planejamento proposto para a presente dissertação, estruturei a exposição da pesquisa da seguinte forma, no Capítulo I, que chamo de “Conceitos norteadores – da teoria à prática”, apresento e discuto os conceitos que serão utilizados, como *habitus*, capital cultural, violência simbólica, reprodução social de Bourdieu que a meu ver sustentam a pesquisa já que traduzem teoricamente aquilo que na prática é experienciado, quando se trata de trajetórias escolares dos indivíduos amparados na questão da prática cultural, ou seja, aquilo que o indivíduo se tornará depende do processo educativo pelo qual passará tanto no âmbito familiar, como no da escola, que segundo Bourdieu, é reprodutora e conservadora das desigualdades sociais, pois prima por uma única forma de conhecimento, àquela herdada das classes mais abastadas e desconsidera o das populares ou ainda, quando pressupõe que os agentes pertencentes a essa última classe o detêm. Também me utilizo de Bernard Lahire para fazer um contraponto a Bourdieu e por consequência um “tensionamento” entre o pensamento desses dois autores, uma vez que Lahire irá trabalhar com a teoria das configurações familiares terem o poder de dar ferramentas para o sucesso escolar em meios populares, isso se dará pelas disposições favoráveis que esses indivíduos obterão. Portanto, Lahire vai observar os fenômenos da transmissão cultural como uma construção e apropriação do ambiente social, nesse sentido, se Bourdieu percebe a criança como passiva, só faz aquilo que aprendeu e a partir disso vai reproduzindo, por outro lado, Lahire, observa a criança como ativa, de forma que reconfigura aquilo que aprende e torna diferente. Os estudos de Lahire, portanto, embora sejam centrados em casos particulares, nos dados de análise de suas entrevistas, trazem uma teoria geral aplicável ao social. Acredito que enriquece a pesquisa também a aproximação que farei entre esses.

Outros autores também de grande importância, relacionado ao tema aqui proposto estarão norteando a pesquisa e dando subsídios para tal, Paul Willis, por exemplo, com sua etnografia *Aprendendo a ser trabalhador*, desenvolve vários conceitos que penso serem pertinentes à pesquisa, como o de cultura contra escolar – uma cultura que se desenvolve em decorrência da cultura de chão de fábrica - Ainda destaco Nadir Zago que trabalha com a questão dos percursos escolares nas classes populares dentro do Brasil, e aproxima-se de Willis quando trata do comportamento de resistência ao estudo, bem como também Maria Alice Nogueira, que desenvolve seus estudos em torno de camadas médias intelectualizadas, mostrando a trajetória desses estudantes

rumo ao ensino superior e todos os processos que passam tanto familiares como escolares até chegarem àqueles cursos de excelência.

No capítulo II, apresentarei os dados coletados referentes às escolas pesquisadas, seus diferentes agentes e discutirei o *habitus* escolar, bem como qual o papel da escola no *habitus*, o que me leva a questionar, a escola muda o hábito previsível? Neste capítulo, tendo por base uma reflexão sobre a instituição escolar, abordarei sobre a forma de reprodução das desigualdades sociais sancionadas pela escola. O pano de fundo que embasa as preocupações do capítulo é a relação entre as diferentes culturas escolares e a construção das expectativas profissionais dos estudantes. Ou seja, quais são as institucionalidades, as materialidades, as visões de mundo e as historicidades presentes em cada uma das escolas que a torna capaz de impactar os percursos juvenis de uma maneira singular.

E, no capítulo III, apresento os dados utilizados na pesquisa a partir dos relatos dos estudantes, onde as famílias serão acessadas através das entrevistas com esses, pretendo aqui construir um aparato de conhecimento no que diz respeito a seus gostos, educação, idade, gênero, onde moram, quais bairros – isso influencia?- relações familiares, expectativas, na tentativa de obter conhecimento sobre qual a influência que as instituições família e escola têm sobre as escolhas desses jovens em relação a suas escolhas profissionais, bem como buscarei compreender o *habitus* familiar e o capital cultural expresso nas entrevistas. As questões que tentarei desvendar nesse capítulo me levam novamente a Bourdieu, uma vez que ele detecta uma discordância entre aquilo que é apreendido pelas crianças no seio familiar e aquilo que a escola exige no que tange às classes populares, ou seja, a escola é pensada para aqueles que detêm capital cultural e nesse sentido ela se torna perpetuadora das desigualdades. Não são todas as famílias que terão condições de desenvolver o *habitus* do estudo em suas crianças, e, as que assim o fizerem, segundo o autor, já colocam seus filhos em posição privilegiada., Uma vez que a família é responsável pelo aprendizado precoce, a construção do capital cultural, uma dimensão do *habitus*, pressupõe investimento tanto de tempo, como de capital econômico.

Nas considerações finais, a partir dos dados coletados e analisados, procurei elaborar uma síntese dos conceitos articulados com o campo. De forma a perceber se as

questões problematizadas tiveram suas respostas e de que modo foi delineado o caminho até essas respostas no caso delas existirem.

CAPÍTULO 1 – CONCEITOS NORTEADORES – DA TEORIA À PRÁTICA

A escolha de uma profissão⁶ que será – hipoteticamente - pelo resto da sua vida laboral, é uma ocasião de muita apreensão por parte de jovens que nesse momento de sua vida têm diversas expectativas colocadas em cima das suas escolhas. Saber o que se encontra no fundamento dessas escolhas e de que forma elas são feitas, ou seja, com base em que, é o que sucinta essa pesquisa e a escolha desse tema. As influências que esses jovens recebem e que por sua vez irão pautar suas escolhas é o primeiro passo para o possível entendimento, isso é claro, quando há escolhas e não apenas a imposição do meio em que vivem. Sendo essa juventude o esperado futuro do seu país, e, por consequência, a formação de uma nova sociedade, que se espera, mais justa e humanizada, cabe à investigação e análise de quais sentidos e influências das instituições família e escola exerce na geração de expectativas e/ou disposições em relação à escolha da carreira profissional.

Para analisar a influência nas disposições laborais desses, foi necessária a observação e análise de duas instituições em específico, a família e a escola, pois essas além de ser o primeiro contato social dos indivíduos, são também aquelas que nortearão e que inculcarão nesses jovens, a maior parte das disposições ou *habitus* que serão mobilizados em suas escolhas. Desta forma, buscar esclarecer a hipótese da família ser a guardiã do capital cultural assim como a da escola ser perpetuadora ou não das diferenças sociais sucinta à pesquisa.

A análise das variações das eficácias da ação de inculcação que se realiza principalmente em e pela relação de comunicação conduz, por conseguinte ao princípio primeiro das desigualdades do êxito escolar dos alunos procedentes das diferentes classes sociais: com efeito, pode-se colocar, por hipótese, que o grau de produtividade específica de todo trabalho pedagógico que não seja o trabalho pedagógico realizado pela família é função da distância que separa o *habitus* que ele tende a inculcar...(BOURDIEU, PASSERON, 2014, p.94)

Parto dessa forma, de alguns conceitos básicos que dão embasamento ao resto das discussões que seguem em torno das escolhas desses jovens. Para tal, tornou-se necessário mobilizar conceitos de base empírica e científica assegurados como os de *habitus* e capital cultural, bem como também o de reprodução social de Pierre Bourdieu, sendo esse último trabalhado em conjunto com Jean Passeron, pois, através da análise

⁶ O conceito de profissão aqui utilizado relaciona-se com a definição de Dubar (2005, p.189, *apud* Ferreira, 2013, p.42/43). Para o autor, as profissões envolvem conhecimentos e saberes específicos, formas de socialização e tradição que são próprias ao grupo profissional.

desses conceitos podem-se criar subsídios para demonstrar que a questão do capital cultural, e do *habitus* que se encontram no seio dessas instituições, estão na base das diferenças sociais que se reproduzem na sociedade.

Recorrer também a conceitos trabalhados por Bernard Lahire, tal como o de disposições particulares, embora esse bastante crítico àquele, faz-se necessário quando se busca explicar determinados êxitos de classes populares, pois se o sucesso escolar nas camadas mais altas pode ser explicado pelo *habitus* bourdieiano, bem como pelo capital cultural, o sucesso nos meios populares pode explicar-se pelo conjunto de disposições favoráveis inculcadas ao indivíduo. Nesse sentido, conhecer o meio em que são criadas as futuras possibilidades que vão afluir ou não futuramente na exclusão social e no mantimento de padrões de segregação da sociedade, torna-se importante, para que se possa aludir uma futura perspectiva de mudança.

Ignorar, como se faz frequentemente, que as categorias recortadas de uma população de estudantes por critério como origem social, o sexo ou tal característica do passado escolar foram inegavelmente selecionadas no curso da escolaridade anterior, seria impedir-se de ter uma total consciência de todas as variações que fazem aparecer esses critérios. (Bourdieu, Passeron, 2014, p.95)

A sociedade adota certos padrões que reproduzimos sem nos atentarmos dos motivos. Facilmente, observamos as desigualdades se reproduzirem ao longo da história, e damos ao fator econômico a justificativa para todos os males, não que este, não seja um dos principais, no entanto, a estruturação dessas desigualdades está também naquelas que são os primeiros meios de socialização do indivíduo, a família e a escola. Como Bourdieu e Passeron em sua obra “A reprodução” (1970) colocam habilmente sobre a forma de reprodução que o sistema escolar que em vez de ser a possibilidade de mobilidade social daqueles menos favorecidos, torna-se através da sua cultura inculcada, um agente segregador, seletivo ou ainda legitimador das desigualdades sociais.

Numa formação social determinada, o TP⁷ pelo qual se realiza o AP⁸ dominante tem sempre uma função de manter a ordem, isto é, de reprodução da estrutura das relações de força entre os grupos ou as classes, na medida em que tende, seja pela inculcação, seja pela exclusão, a impor aos membros dos grupos ou classes dominados o reconhecimento da legitimidade da cultura dominante, e a lhes fazer interiorizar, numa medida variável, disciplinas e censuras que serve tanto melhor aos interesses, matérias ou simbólicos, dos

⁷ Trabalho pedagógico.

⁸ Ação pedagógica.

grupos ou classes dominantes, quanto mais tomam a forma da autodisciplina e da autocensura (Bourdieu, Passeron, 2014, p.62).

Compreender como se reproduzem e de que forma se solidificam essas desigualdades é tarefa para ser iniciada no estudo da família como instituição e, portanto, como guardião de todo o capital cultural que será herdado pelo indivíduo. Isso quando se tratando de classes médias e/ou superiores que o detém, em contraponto àquelas famílias de classes populares, que depositam em outra instituição, a saber, a escola, a esperança em alguns casos e tarefa em outros, de ser a complementadora desse capital, e que, não o faz, em razão de seu caráter predominantemente reprodutor da lógica das classes dominantes detentoras do capital cultural.

Numa formação social determinada, o arbitrário cultural que as relações de força entre os grupos ou classes constitutivas dessa formação social colocam em posição dominante no sistema dos arbitrários culturais é aquele que exprime o mais completamente, ainda que sempre de maneira imediata, os interesses objetivos (materiais e simbólicos) dos grupos ou classes dominantes (Bourdieu, Passeron, 2014, p.30).

Há muito que dentro do Brasil discute-se educação como mola propulsora de mobilidade social, levando a sociedade a demandar políticas públicas que superem a perpetuação da cultura de segregação assentada na ideia da falta de capital cultural ou herança cultural dos jovens de classe populares⁹.

No senso comum propaga-se a ideia de que aqueles que não chegam às profissões com valorização social mais alta, assim não o fazem por falta de interesse, e como em um círculo vicioso, a comunidade escolar, o Estado, os familiares não depositam nem expectativas, nem esperanças de que esses indivíduos possam vir a pertencer a categorias sócio profissionais mais elevadas.

Corroborando com Bourdieu (2014), as imposições que são feitas a determinados grupos sociais através do poder da violência simbólica encontrada em na ação pedagógica que reproduz aquilo que foi inculcado pela cultura dominante - em termos de escolhas profissionais, no caso, as populares (serviços braçais, com baixo

⁹ O termo classe que abordo nesta pesquisa tem como objetivo contemplar aquilo que é resumido por Pierre Bourdieu, como aqueles sujeitos que dentro de um campo social em distinção a outros através do poder de “propriedade” e ou de “distinção”, ocupam uma posição e que são detentores em maior ou menor grau do capital. Nesse caso aponto para o capital cultural, uma vez que a pesquisa tem por temática a escaramuça entre indivíduos que têm acesso a esse capital em detrimento daqueles que possuem em menor volume e que tão pouco têm desenvolvido em si o *habitus* que daria estrutura para o desenvolvimento deste.

status social e econômico, mão de obra barata) e no caso das classes altas (profissões de status social, cultural e econômico elevadas, considerados de alto prestígio social), é necessário compreender se, e, porque a escola reproduz aqueles *habitus* que já foram incorporados pelos sujeitos envolvidos nessas relações. Dessa forma, o aluno da classe popular que chega a essa escola, e que não tem o *habitus* ajustado à cultura dominante, será eliminado mais facilmente de uma possível seleção? Na perspectiva de Bourdieu (2014), a reprodução dentro do sistema escolar se dá de forma viciosa, pois, se intentada uma ação pedagógica, a autoridade pedagógica poderá trazer em si a reprodução daquilo que foi aprendido e inculcado através do arbitrário cultural, ou seja, daquela cultura legitimada dentro daquela sociedade. Ter a certeza de que alunos de classes populares não conseguiram avançar muito além em suas vidas escolares e, portanto, trabalhar de forma a não incentivá-los a ir adiante, seria o exemplo mais empírico que um trabalho pedagógico pode dar para reprodução de um sistema de ensino que pode ser legitimador de desigualdades.

Considerando-se 1) que um SE¹⁰ não pode se desincumbir de sua função própria de inculcação senão com a condição de produzir e de reproduzir pelos meios próprios da instituição as condições de um TP¹¹ capaz de reproduzir nos limites dos meios da instituição, isto é, continuamente ao menor preço e em série, um *habitus* tão homogêneo e tão durável quanto possível, entre o maior número possível dos destinatários legítimos” entre os quais os reprodutores da instituição” (Bourdieu, Passeron, 2014, p. 79)

Para Passeron e Bourdieu não se deve tratar da mesma forma alunos de condições sociais diferentes. Nessa perspectiva não incentivá-los a irem adiante com seus estudos também é uma forma de legitimar desigualdades, forçando-os a vir a exercer trabalhos que não mobilizem habilidades que necessitem um grau de capital cultural alto.

A cultura dominante vai se reproduzindo através dos agentes sociais e sem que isso seja percebido, pois há uma estruturação nessas relações de ação pedagógica, trabalho pedagógico, inculcação cultural e *habitus* que torna a perpetuação das desigualdades, legítimas, ou seja, aceitas por todos que compõem aquele universo social. Ensino o que aprendo, e assim o sistema de ensino vai reproduzindo e se reproduzindo calcado nas desigualdades estruturais. A partir do argumento de Bourdieu

¹⁰ Sistema de ensino.

¹¹ Trabalho pedagógico.

(2014), o indivíduo que venha de uma família onde não foi desenvolvido um *habitus* que fará com que ele mobilize um determinado grau cultural, não contará com a ajuda da escola para fazê-lo também, pois a escola apenas reproduzirá através da autoridade pedagógica o *habitus* que foi desenvolvido e inculcado, por essa que foi a da cultura dominante, que por sua vez foi desenvolvido através de um capital cultural que tendo um grau de escolaridade e a classe social maior, impactaram na produção desse capital.

Capital cultural, para Bourdieu (2015), é aquilo que está relacionado à transmissão de conhecimentos intelectuais pela família e adquirido pela criança, que se transforma em um conjunto de habilidades e competências que serão aprimorados pela escola e que por consequência destacarão esse indivíduo no meio social. Bourdieu trabalha com esse conceito, em oposição ao conceito de aptidões naturais.

A noção de capital cultural impôs-se primeiramente, como hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre classes e frações de classe. Esse ponto de partida implica na ruptura com os pressupostos inerentes, tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das aptidões naturais quanto às teorias do capital humano. (BOURDIEU, 2015, p.81).

Esse capital apresenta-se segundo Bourdieu sob três estados, o estado incorporado que se apresenta como disposições duráveis do organismo é uma construção pessoal. Esse, portanto, não é transmitido por hereditariedade, nem por bens: “Sendo pessoal, o trabalho de aquisição é um trabalho do “sujeito” sobre si mesmo (“fala em cultivar-se”). O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um *habitus*” (Bourdieu, 2015, p. 82-83), o estado objetivado aquele que se dá através de bens culturais é transmissível em sua materialidade e só se define em relação ao capital objetivado. Sobre esse capital Bourdieu destaca que:

O capital cultural no estado objetivado apresenta-se com todas as aparências de um universo autônomo e coerente que, apesar de ser o produto da ação histórica, tem suas próprias leis, transcendentemente às vontades individuais, e que – como bem mostra o exemplo da língua – permanece irreduzível, por isso mesmo, àquilo que cada agente ou mesmo o conjunto dos agentes pode se apropriar (ou seja, ao capital cultural incorporado). É preciso não esquecer, todavia, que ele só existe e subsiste como capital ativo e atuante, de forma material e simbólica, na condição de ser apropriado pelos agentes e utilizado como arma e objeto das lutas que se travam nos campos da produção cultural (campo artístico, científico, etc.) e, para além desses, no campo das classes sociais, onde os agentes obtêm benefícios proporcionais ao domínio que

possuem desse capital objetivado, portanto, na medida de seu capital incorporado. (BOURDIEU, 2015, p.86).

E, o estado institucionalizado é aquele que é conferido através do diploma, ou seja, é uma objetivação do capital cultural através de uma instituição que confere ao agente reconhecimento.

Ao conferir ao capital cultural possuído por determinado agente um reconhecimento institucional, o certificado escolar permite, além disso, a comparação entre diplomados e, até mesmo, sua “permuta” (substituindo-os uns pelos outros na sucessão); permite também estabelecer as taxas de convertibilidade entre capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar. Produto de conversão de capital econômico em capital cultural, ele estabelece o valor, no plano cultural como, do detentor de determinado diploma em relação aos outros detentores de diplomas e, inseparavelmente, o valor em dinheiro pelo qual pode ser trocado no mercado de trabalho - o investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade da conversão que ele implica for objetivamente garantido. (BOURDIEU, 2015, p.87)

Dessa forma, capital cultural vai ser aquilo que juntamente com *ethos* será o que definirão as condutas escolares e as atitudes da criança ou jovem frente à escola, seus êxitos ou insucessos.

O capital cultural e o *ethos*, ao se combinarem, concorrem para definir as condutas escolares e as atitudes diante da escola, que constituem o princípio de eliminação diferencial das crianças das diferentes classes sociais. Ainda que o êxito escolar, diretamente ligado ao capital cultural legado pelo meio familiar, desempenhe um papel na escolha da orientação, parece que o determinante principal do prosseguimento dos estudos seja a atitude da família a respeito da escola, ela mesma função, como se viu, das esperanças objetivas de êxito escolar encontradas em cada categoria social. (BOURDIEU, 2015, p. 55)

Se por um lado Bourdieu e Passeron se referem a violência simbólica da ação pedagógica, da inculcação de um arbitrário cultural de classe dominante que se dará através do trabalho da autoridade pedagógica no estabelecimento de ensino, por outro lado Bernard Lahire (1997), em sua pesquisa também sobre o sistema de ensino francês, vai buscar as consonâncias e dissonâncias entre as configurações familiares e o universo escolar, para isso ele inicia sua pesquisa observando a questão da estrutura do comportamento e da personalidade da criança e indica que essa é formada através das relações familiares, mas que a criança não reproduz as atitudes dos familiares tal e qual, mas sim reconfigura essas atitudes de forma a deixá-las possíveis a ela. Nesse sentido só podemos compreender os comportamentos escolares de sucesso ou insucesso se for

analisada a rede de interdependência familiar e sua forma de configurar e reagir às questões que o meio social coloca.

A nosso ver, só podemos compreender os resultados e os comportamentos escolares de criança se construirmos a rede de interdependências familiares através da qual ela constitui seus esquemas de percepção, de julgamento, de avaliação, e a maneira pela qual estes esquemas podem “reagir” quando “funcionam” em formas escolares de relações sociais. (LAHIRE, 1997, p.19)

Lahire por trabalhar com a perspectiva mais particular irá colocar as questões relacionadas à disciplina, autonomia escolar e ao universo doméstico através da ordem moral, afetiva e econômica, ou seja, o desempenho escolar dos alunos depende menos da escola reprodutora – visão de Bourdieu - e mais das configurações familiares que ele terá. Crianças com configurações familiares e disposições voltadas para a ascensão escolar terão melhores rendimentos através de dispositivos como a disciplina, o planejamento, a perseverança, entre outras virtudes que deverão ser incorporadas por essas. Nesse sentido só se pode compreender os comportamentos escolares se analisarmos a rede de interdependência familiar que cerca esse ator social.

Se a família e a escola podem ser consideradas como redes de interdependência estruturadas por formas de relações sociais específicas, então o “fracasso” ou o “sucesso” escolares podem ser apreendidos como o resultado de uma maior ou menor contradição, do grau mais ou menos elevado de dissonância ou de consonância das formas de relações sociais de uma rede de interdependência a outra. (LAHIRE, 1997, p. 19)

Essa análise mais microssocial, que Lahire faz, instiga a pensar, portanto, que sendo as configurações familiares diferentes dentro das próprias classes sociais, o que faria então o sucesso ou o fracasso desses alunos? Tanto um quanto o outro derivariam então de um conjunto de predisposições que passa pela questão econômica, que é necessária, mas não suficiente, pela transmissão do capital moral que se dá através da organização de atividades, pelas práticas de escrita organizacional - doméstica, pela autoridade familiar que ao colocar regras firmes estará preparando para as regras rígidas que a escola estabelece, pela autoridade do professor que é inculcado aos filhos pelos pais que não conseguem ajudá-los em sua caminhada de ensino, até chegar à intenção ou a um próprio projeto futuro para essas crianças em relação à escola. Como Lahire coloca:

Moral do bom comportamento, da conformidade às regras, moral do esforço, da perseverança, são esses os traços que podem preparar, sem que seja consciente ou intencionalmente visada, no âmbito de um projeto ou de uma mobilização de recurso, uma boa escolaridade. Inúmeras características próprias à forma escolar de relações sociais estão próximas desses traços:

apresentação pessoal ou apresentação dos exercícios, trabalho ordenado, cuidado com os cadernos e atitudes corretas. O ofício de alunos no curso primário, o tipo de *ethos*, de caráter que a escola exige objetivamente, podem ser parecidos com o *ethos* desenvolvido por essas famílias. (LAHIRE, 1997, P. 26)

Ou ainda, quando expõe:

Se a ordem moral e material em casa pode ter uma importância na escolaridade dos filhos, é porque é, indissociavelmente, uma ordem cognitiva. A regularidade das atividades, dos horários, as regras de vida escritas e recorrentes, os ordenamentos, as disposições ou classificações domésticas produzem estruturas cognitivas ordenadas, capazes de por ordem, gerir, organizar os pensamentos. (LAHIRE, 1997, p.26)

Planejar, portanto, fazer com que essas crianças sejam preparadas para efetivar esse projeto através da disciplina e regras, certamente será prerrogativa de sucesso escolar. Pois as escolas enquanto instituições têm regras rígidas, e as regras aprendidas no seio familiar preparam para isso. De certa forma o que se tem aqui é uma forma de inculcação ou de um *habitus* no sentido bourdeuseano que será incorporado pela criança e que a levará a determinado comportamento frente à escola.

A apreensão das formas de exercício da autoridade familiar nos parece importante, porque a escola primária é um lugar regido por regras de disciplina e porque certos alunos são estigmatizados como indisciplinados, desatentos ou bagunceiros. A escola desenvolve nos alunos e supõe de sua parte o respeito às regras escolares de comportamento. O comportamento daqueles que respeitam por si mesmos essas regras é frequentemente classificado como "autônomo" (a autonomia é considerada a capacidade de seguir sozinho pelo caminho certo e da maneira certa), e opõe-se ao comportamento daqueles a quem é preciso, incessantemente, lembrar as regras e que demonstram pouco espírito de autodisciplina, de *self-direction*. (LAHIRE, 1997, P.27-28).

Deve-se concordar com Bourdieu quando coloca que a escola reproduz e seleciona, mas quando nos perguntamos se ela somente reproduz, a resposta me parece ficar mais completa, quando pensamos no que Lahire coloca, há competências e habilidades que podem ser desenvolvidas em conjunto família e escola. E somente ter o capital cultural também pode não ser prerrogativa de sucesso, pois não depende somente de tê-lo e sim saber mobilizá-lo.

A visão de Bourdieu sobre a escola conservadora bem como reprodutora da ordem social contribui para compreender tanto o caso da escola privada como o da pública em análise neste estudo, a ideia de que a escola poderá eliminar desigualdades sociais têm sido mais um projeto do que uma experiência. Dentro da escola pública uma das turmas pesquisadas conta com 22 alunos dos quais teremos uma porcentagem de cerca de 60 %, que se inscreveu para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) –

exame de seleção que lhes possibilita a entrada tanto em universidades públicas quanto lhes fornece nota para participarem do SISU (sistema de seleção unificada) que possibilita aos alunos de camadas populares através de sua nota no ENEM, entrarem em universidade privada com bolsa de estudos que pode chegar a 100%.

Em análise dos dados da escola pública recorro a Paul Willis (1991), que em seu livro *Aprendendo a ser trabalhador*, faz uma preciosa etnografia de uma escola situada em cidade basicamente industrial, onde ele realizou um estudo com jovens da classe operária, todos do sexo masculino. Willis deixa bastante claro neste estudo a cultura contra escolar em correspondência à cultura de classe que ele encontra dentro dessa escola. No entanto, para que se compreenda uma, necessariamente deve-se compreender a outra. Dessa forma compreende-se a cultura contra escolar como sendo algo oposto à cultura de classe. Como Willis coloca:

É hora agora de contextualizar a cultura contra escolar. Seus pontos de contato com a cultura operária mais ampla não são acidentais, nem seu estilo muito independente, nem suas habilidades culturais singulares ou especiais. Embora os feitos da cultura contra-escolar sejam específicos, eles devem ser colocados contra o padrão mais amplo da cultura operária para que compreendamos sua verdadeira natureza e significado. (WILLIS 1991, p. 73).

E ainda quando define a cultura de classe como ela compreendendo:

experiências, relações e conjuntos de tipos sistemáticos de relações que determinam não apenas “escolhas” específicas e “decisões” em períodos específicos, mas também estruturam, real e experiencialmente, a forma como essas escolhas surgem e são definidas, antes de mais nada (WILLIS, 1991, p.12)

Em conversas com esses alunos da escola pública e em fichas de pré-conselho preenchidas por eles (uma espécie de ficha onde colocam suas reclamações e elogios à escola e seus agentes ao final de cada trimestre), pude detectar aquilo que poderia ser uma cultura contra escolar, no sentido de ter a visão da escola como algo punitiva, como uma etapa que deve ser cumprida rapidamente para poder entrar no mercado de trabalho, ou seguir nele (já que muitos são trabalhadores em meio turno como menor aprendiz), questões relacionadas ao seguimento dos estudos não perpassam o imaginário da grande maioria que ali está cursando a 3º série do ensino médio. Willis ajuda a esclarecer essa questão através do paradigma de ensino.

Naquilo que diz respeito ao paradigma de ensino, aquilo pelo qual vale a pena o estudante esforçar-se torna-se não o conhecimento e a promessa de qualificação, mas de alguma forma a própria deferência e polidez – aquelas coisas que são associadas certamente com êxito acadêmico e de outros tipos,

mas que são realmente apenas seu custo e pré-condição. A mudança supõe que essas qualidades sejam desejáveis de direito próprio, separáveis do projeto particular e negociáveis por si mesmas no mercado dos empregos e da estima social. (WILLIS, 1991, p.93).

Aproximo essa relação que faço da visão que esses jovens têm da escola, com a noção de Willis (1991) quando ele coloca a escola como uma agência de controle, pois de certa forma esses jovens que observei dentro da escola pública e que não conseguem percebê-la além de uma etapa exaustiva a ser cumprida, podem estar concebendo-a de acordo com aquelas características que o autor define como sendo uma agência de controle,

O olhar severo do professor que interroga; a busca incansável da “verdade” colocada como um valor acima até mesmo do bom comportamento; a arma comum do ridículo; as técnicas aprendidas ao longo do tempo, pelas quais certos causadores de problemas podem “sempre ser reduzidos a lágrimas”; o vice-diretor estereotipado, corpo ereto, cabeça inclinada para frente, dedo apontado para o culpado; o diretor inesperadamente aproximando-se de um grupo no corredor – todas essas são táticas para expor e destruir, ou paralisa, o privado. (WILLIS, 1991, p.89).

Proposta opcional a esse tipo de visão seria a de uma educação mais relevante, nesta o ensino se daria de forma que o professor começasse a dar aula, por onde o aluno está, teria então uma aproximação com seu meio, nesse sentido essa proposta pode ser válida no que diz respeito a permanência desses jovens na escola, uma vez que se o ensino se aproxima daquilo que desperta o interesse deles pode ajudá-los a darem seguimento a seus estudos, no entanto, ao mesmo tempo se esse ensino privilegiar apenas aquilo que se aproxima do meio desses jovens, não deixará de ser uma diferenciação no sentido de reafirmá-los como força de trabalho barata.

As propostas de educação “relevante” propõem que o professor das crianças da classe operária que seguem um currículo não acadêmico comece onde a criança está, em termos de seus próprios interesses, em vez de começar dos distantes interesses da matéria acadêmica. O bairro, o trabalho, questões sobre impostos e sobre formas de lidar com agências oficiais, além de educação cívica, deveriam constituir o currículo dos meninos; cuidar de casa, a vida familiar e a criação dos filhos, o das meninas; e a música popular, a arte e os meios de comunicação de massa deveriam ser estudados por ambos. O “progressivismo” sugere que as atividades não deveriam ser impostas, mas encorajadas: os métodos centram-se mais em torno da criança que da matéria; “programas individuais” permitem que a criança avance de acordo com seu próprio ritmo; e o “ensino em equipe” possibilita os mais amplos recursos às crianças. (WILLIS, 1991, p.95-96).

Nesse momento percebo a aproximação das perspectivas de Bourdieu e Willis no que diz respeito à reprodução.

Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que – sob aparência da equidade formal – sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades ao mesmo tempo em que as legitima. Conferindo uma sanção que se pretende neutra, e que é altamente reconhecida como tal, a aptidões socialmente condicionadas que trata como desigualdades de “dons” ou de mérito, ela transforma as desigualdades de fato em desigualdades de direito, as diferenças econômicas e sociais em “distinção de qualidade”, e legitima a transmissão da herança cultural. (BOURDIEU, 2015, P.65).

Dentro da escola pública pesquisada ter-se-á não muito além do que 60%¹² desses estudantes que tentarão e isso não significa que conseguirão, pois ainda passarão por mais uma seleção, o seguimento de seus estudos em curso superior, como Willis explica:

Sustento que o milieu específico no qual uma certa ideia subjetiva da força de trabalho manual e uma decisão objetiva para aplicá-la ao trabalho manual são produzidas é a cultura contra-escolar operária. É aqui onde os temas operários são mediados até os indivíduos e grupos em seu próprio contexto determinado e onde jovens da classe operária criativamente desenvolvem, transformam, e acabam por reproduzir aspectos da cultura mais ampla em sua práxis, uma forma tal que acaba, ao final, direcionando-os para certos tipos de trabalho. (WILLIS, 1991, p. 13)

Esses jovens das camadas populares que já ocupam determinados postos de trabalhos, e que reproduzem aquilo que possivelmente trazem em seu *habitus* familiar, da escola ser apenas uma passagem obrigatória, certamente poderiam concordar muito com os rapazes entrevistados por Willis de que a prática é mais importante que a teoria, ou como descreve o autor em sua etnografia, que encontra um cartaz no chão de fábrica com os dizeres “um grama de esperteza, vale por uma biblioteca inteira de diplomas” (Willis, 1991, p.78). Esta dimensão pode ser observada em grande medida na escola pública em análise nesse estudo, jovens de classes populares frente a uma escola que se vê frustrada na capacidade de se tornar uma escola libertadora, como se referiu Bourdieu (2015). A escola atual tem sido tensionada na sua missão de ser espaço de mobilidade social e por ser uma instituição tem com frequência dado status de legitimidade às desigualdades sociais e ainda “sanciona a herança cultural e o dom social, tratado como dom natural” (Bourdieu, 2015, p.45).

Essa diferença de dons geralmente é dada como explicação sociológica para esclarecer as diferenças de êxitos, como Bourdieu (2015, p.45) coloca, não é suficiente comunicar os mecanismos de desigualdades, deve-se descrevê-los de forma objetiva como eliminam continuamente as crianças desfavorecidas, o que ele descreve de forma

¹² Dados obtidos através de fichas de pré - conselho que tive acesso na escola, onde os jovens colocaram suas posições em relação ao processo seletivo.

valiosa em seus escritos através do conceito de capital cultural, o qual guarda conexão com o êxito escolar e, por conseguinte, seguimento de seus estudos superiores.

Seguindo nessa perspectiva de reflexão acerca do que não motiva todos os alunos pertencentes à escola pública a terem uma perspectiva profissional de continuidade dos estudos, ou seja, que façam alguma seleção que os levará ao ensino superior e, por conseguinte, as profissões mais valorizadas socialmente, as observações realizadas ao longo deste estudo, permitem-me elencar alguns elementos que interferem nessa perspectiva. Pode-se começar com a questão relacionada à sua necessidade material, que leva muitos estudantes a trabalhar, ao mesmo tempo em que estudam como forma de ajudar em casa, ou seja, muitos deles, com suas horas de trabalho (sejam no trabalho informal ou como menores aprendizes), compõem parte integrante e necessária da renda familiar. Nadir Zago (2000), em seu trabalho: *Processos de escolarização nos meios populares – As contradições da obrigatoriedade escolar*, que apresenta suas pesquisas, realizadas em duas ocasiões em 1993/94 e, posteriormente, em 1997/98, sobre os percursos escolares de famílias de classes populares, e que segundo a autora tem como preocupação o entendimento desses processos e a configuração da história escolar de crianças e jovens, ao longo de alguns anos, “as mudanças processadas, principais entraves e perspectivas”. (ZAGO, 2000, p.20) demonstra a questão que refiro acima de forma bastante clara quando coloca que:

A mobilização familiar é voltada, em primeiro lugar, para a sobrevivência, e é graças ao rendimento coletivo do grupo, decorrente do trabalho de seus integrantes, que este tenta assegurar as suas necessidades básicas. A participação dos filhos no trabalho, para um número significativo deles, teve lugar ainda na infância. Essa inserção acontece geralmente em serviços domésticos, para meninas, tomando conta da casa quando a mãe trabalha fora, ou em ocupações como babás ou empregadas domésticas. Para os meninos, as atividades são bem mais variadas, na maioria das vezes ligadas a serviços de ajudante de pedreiro, pintor, limpeza de terrenos, comércio ambulante, etc. (ZAGO, 2000, p.26).

Outro elemento que destaco é a questão da possibilidade através do trabalho, desses jovens poderem ter seus bens de consumo, que lhes fazem sentir parte integrante da sociedade e de uma identidade jovem. Smartphones da moda, tênis que delimitam poder aquisitivo, roupas e lazer (os chamados rolês, para os jovens dessa pesquisa), são elementos que para eles tem grande importância, mas que dentro de um contexto familiar de precariedade material não é possível, senão através de seus próprios esforços. Esse elemento também aparece nas entrevistas de Nadir Zago e aponta que esse percurso tem atravessado o tempo e gerações dentro do Brasil.

A cada entrevista podia-se perceber a falta de recursos financeiros e a decepção daqueles que se viam privados de participar de certas formas de lazer, do acesso a bens de consumo que criam marca e identidade entre os jovens. Poder desfrutar de bens de consumo como roupas, calçados entre outros que, fortalecidos pela mídia, gozam de prestígio nessa faixa etária, faz parte do imaginário de todas as camadas sociais e não constitui prerrogativa das classes sociais mais favorecidas. (ZAGO, 2000, p.28).

De fato é possível concordar com Zago sobre suas considerações a respeito do das “contrariedades existentes entre o prolongamento da obrigatoriedade escolar e a realidade concreta vivida por parte significativa da população”. Muitos desses jovens para que possam suprir suas necessidades materiais, e cumprir a etapa obrigatória dos estudos escolares, recorrem ao ensino noturno ou a supletivos quando em idade para tal, lembrando que a legislação educacional brasileira, só permite que maiores de 15 anos tenham acesso a essas modalidades de ensino. Mas, geralmente os jovens que chegam a essas modalidades de ensino, nessas camadas populares, são provenientes de reprovação sistemática ou interrupções, como mostra a pesquisa de Zago.

Nas camadas populares, é sempre dentro destas modalidades que o futuro escolar é projetado, na perspectiva de uma conciliação entre estudo e trabalho. Porém, retornar à escola pode dar apenas prosseguimento a uma escolaridade acidentada, conforme se pode verificar por meio de vários exemplos nos quais essas tentativas foram também acompanhadas de novas interrupções. Esses percursos acidentados (sejam decorrentes de reprovações ou de interrupções) aumentam a distância entre a idade cronológica e a idade escolar, e quanto maior a diferença, mais improvável se torna a conclusão de um ciclo completo de ensino. (ZAGO, 2000, p. 27).

E também quando ela expõe sobre a difícil relação entre a escola e o trabalho através dos depoimentos obtidos na sua pesquisa.

Os depoimentos obtidos através de entrevistas mostram, de um lado, a difícil relação entre o mundo do trabalho e o da escola e, de outro, as contradições entre o valor social da escola e a escolarização na sua condição real. Não raro, os filhos perdem a ocasião de ser estudante “normal”, passando essa fase, é a de trabalhador ou trabalhador – estudante a condição mais frequente. (ZAGO, 2000, p.27).

A minha reflexão em cima do percentual de 60% da turma observada em relação à inscrição no processo seletivo, se dá sob forma de questionamento em relação ao porquê desse número não ser de 100%,? Uma vez que há inclusive a possibilidade de ser isento do pagamento da inscrição. O que faz com que esses 40% não façam sua inscrição, e o que faz com que esses 60% façam? Essa porcentagem que pretende dar continuidade a seus estudos construiu em seu percurso escolar, a visão da escola como um degrau rumo à mudança de vida, como esperança de melhora social? E essa visão foi construída através das suas experiências, ou através da análise da experiência de seus

pais, e, portanto, na tentativa de superar aquele meio social herdado, em que vivem?
Como descreve Zago (2000).

Apesar dessa valorização pró-escola, o discurso que evidencia o valor inegável da educação escolar nos meios populares não pode ser tomado como sinônimo de um projeto de longevidade escolar. Esta observação não é contraditória com a valorização atribuída aos estudos, uma vez que há uma percepção muito clara dos limites impostos pelas condições materiais objetivas. O desejo manifestado pelos filhos entrevistados é de superação das condições familiares mediante inserção em uma atividade profissional mais valorizada do que de seus pais. Não se trata de projetos ambiciosos, abstratos e distantes das condições materiais. Do mesmo modo quando, os pais procuram transmitir sua crença num futuro melhor por meio da escolarização, têm igualmente presente que as condições materiais limitadas, sem perspectivas concretas de mudança, limitam projetos futuros. (ZAGO, 2000, p.30).

No entanto, aqueles que não têm a pretensão de seguir os estudos, mesmo estando no mesmo meio social dos outros colegas, que tentarão o prolongamento do seu percurso escolar e por consequência a tentativa de ascender socialmente através de uma profissão que lhes dêem uma maior estabilidade econômica e social, parecem ter algum elemento a mais que os diferencia e os afasta da mesma ambição dos outros. Esse comportamento de resistência aos estudos como denomina Zago (2000) ou de cultura contra escolar como denomina Willis (1991), é o que parece melhor explicar essa falta de perspectiva de melhora nas condições de vida ou de melhora profissional se considerarmos que muitos desses estudantes já são trabalhadores em profissões que não necessitam qualquer escolaridade. Como se pode perceber nos discursos apresentados por Zago em sua pesquisa:

Os comportamentos de resistência aos estudos, tal como podemos inferir a partir dos relatos, expressam certa negação do mundo da escola, materializada na prática de gaguear aula para encontrar os amigos ou distrair-se com jogos eletrônicos, entre outras fartamente narradas tanto pelas mães quanto pelos seus filhos. Uma análise voltada para esses comportamentos contrários à educação institucionalizada, tão frequente nos meios populares, não pode recair em explicações de tipo individualizante, resultado de uma simples escolha ou tendência particular. Não podemos deixar de considerar que onde tais comportamentos foram verificados, há frequentemente uma história de fracasso escolar e não é precipitado afirmar que o aluno que passa anos na escola vivendo sucessivas derrotas certamente não fica impune. A interiorização do fracasso, além de outros efeitos relacionados à auto-estima, certamente não favorecem uma relação positiva com a escola. (ZAGO, 2000, p.33).

Com efeito, dado interessante aparece nesse estudo de Zago, em relação à participação familiar, nesse processo de comportamento de resistência a escola, pois reforça por um lado a teoria de Bourdieu da família como a responsável pela transmissão do capital cultural, ao mesmo tempo em que também é reforçada segundo

Zago, a ideia de Bernard Lahire, de que “a mobilização familiar não é condição suficiente para garantir a permanência duradoura na escola” (Zago, 2000, p.33). Remeto-me aqui ao capital cultural de Bourdieu no sentido de que essas famílias depositam na escola a condição necessária para a mobilidade social, mas de fato isso poderá acontecer? Se esses alunos não trouxerem com eles disposições para estudos ou um mínimo de capital cultural conseguirão completar o seu percurso escolar com êxito? Sobre essas condutas Zago explica:

Como já foi assinalado, as avaliações de ex-alunos sobre seus insucessos escolares são, tanto no discurso dos pais quanto no dos filhos, frequentemente apoiadas nesses comportamentos contrários às normas escolares, mais do que nas condições materiais da família e nas práticas da escola. Os comportamentos que sinalizam rupturas com o mundo escolar recebem, da parte da família, uma explicação resumida: “falta de interesse”. Assim julgado, o comportamento do filho que se recusa em permanecer na escola não ocorre sem conflito familiar. Em geral, os pais esperam ver através de seus descendentes a superação de sua condição social, e a desescolarização precoce representa a frustração desse desejo. A discrepância de um lado, entre a moral doméstica – que sobretudo as mães tentam transmitir por meio de conselhos – e, de outro lado, o comportamento de resistência à escolarização, revelam que a transmissão de valores e condutas familiares em relação aos estudos, não é necessariamente apreendida pelos filhos com igual significado. (ZAGO, 2000, p.33)

Os exemplos apresentados por Zago apontam, novamente, a instituição escola como sendo elemento decisivo no impulso a jovens de camadas populares no intento de alavancar seus estudos. Coloca aquilo que mais se aproxima do que venho pesquisando em relação à instituição escola, e nesse caso específico da escola pública, “A distância do mundo da escola se manifesta, nas histórias estudadas, por meio de múltiplos elementos: dificuldades materiais, frequentes insucessos escolares, concomitância entre estudo e trabalho, interesses que fazem parte do mundo infanto-juvenil, mas também pela descrença frente à situação da escola pública e a falta de sentido” (Zago,2000, p.34) A proximidade a que me refiro com minha pesquisa diz respeito à estes múltiplos elementos e também às questões metodológicas, venho observando que embora haja investimento em termos de políticas públicas, no que tange a qualificação de professores, o que é ensinado, e a forma que é ensinado, por vezes não têm sentido para o aluno, pois há distância entre seu mundo e o que ele deve aprender. O que passa a me suscitar se o tipo de metodologia usada dentro escola pública, aliadas a esses elementos citados por Zago, não causam efeito negativo sobre os alunos. E que de acordo com Charlot (1996:49):

(...) uma análise do sucesso e do fracasso não pode considerar como insignificante nem o fato de que a instituição tem como função específica transmitir saber aos jovens, que ela se pensa como tal e se organiza para esse efeito, nem o fato de que a história escolar dos jovens se desenvolve em estabelecimentos escolares e através de práticas pedagógicas cujas políticas e lógicas devem ser interrogadas (apud ZAGO, 2000, p.34).

Na última parte de seus estudos Zago ainda nos esclarece mais alguns pontos relativos ao percurso escolar traçado por esses jovens de camadas populares, e onde mais uma vez encontro apoio, em relação a minha pesquisa, no que tange a questão da influência dessas duas instituições na futura vida profissional desses jovens de camadas populares, pois, o meu questionamento em relação aos números e comparações que tracei referente às perspectivas desses em relação a suas inscrições no exame seletivo, que seria a porta de entrada para uma universidade e, portanto, prolongamento de seus estudos, é reafirmado por Zago, quando expõe que:

Assim a realidade social nos mostra que em condições socioeconômicas similares pode-se identificar percursos diferenciados, como foi assinalado acima. A mobilização familiar voltada para as atividades escolares dos filhos, as práticas de socialização e transmissão de valores, o apoio sistemático de um professor, a demanda escolar relacionada à atividade profissional, o tipo de trajetória social e escolar, entre outras situações, podem tornar-se fatores escolarmente rentáveis na definição de percursos singulares com características nitidamente distintas das de colegas da mesma idade e origem social. Daí a pertinência do conceito já referido de configuração de fatores, compreendido não como uma somatória de elementos tomados isoladamente, mas definido nas suas relações de interdependência. (ZAGO, 2000, p.35).

Se, por um lado, dentro da escola pública, com alunos de classes populares, se tem em torno de 60% de alunos com a perspectiva de seguimento de estudos além do ensino médio, por outro lado dentro da escola privada, esse número é redondamente fechado em 100%, dados esses que obtive através do estudo que venho fazendo nas duas escolas, e, que por ser docente dessas turmas me oportuniza o acesso através de conversas com os alunos. Em absoluto todos os alunos pertencentes às turmas de 3º série do ensino médio farão o exame de seleção, que lhes dá a perspectiva de seguimento de estudos superior e por consequência profissões de reconhecimento social maior. Suas vidas escolares no ensino médio giram em torno das provas seletivas, esses jovens tornam-se “treineiros”, como explica Maria Alice Nogueira: “Tal estratégia consiste na prática de se expor ao exame vestibular antes mesmo da conclusão do ensino médio, visando treinar-se para enfrentar esse exame no momento oportuno”. (NOGUEIRA, 2000, p. 134).

A escola nesse sentido, ao que demonstra os estudos de Nogueira (2000), bem como algumas questões relativas a esses processos por mim observados até então,

trabalha incansavelmente para que as trajetórias desses alunos se cumpram com sucesso. O sucesso da escola depende do sucesso do aluno nesse meio, ao que tudo indica, a quantidade de alunos aprovados em processos seletivos torna-se automaticamente marketing positivo para escola. Quanto mais alta a classificação e maior o status do curso em que o aluno é aprovado, maior é a publicidade em função disso. Destaco aqui que boa parte dos alunos contactados sente-se bastante satisfeitos com essa publicidade e mesmo impelidos a buscarem esses altos postos de classificação.

No texto de Ana Almeida “Ultrapassando o pai – Herança cultural restrita e competência escolar”, a autora discute sobre a inserção de grupos pertencentes a camadas médias, mas que detém baixas credenciais escolares, à classes intelectualizadas, através da educação de nível médio. A autora neste texto, pretende fazer uma “análise das desigualdades de performance dos alunos frente às exigências do sistema de ensino” (Almeida, 2000, p.83). Almeida coloca que essa questão é tema central da sociologia da educação, mas que, no entanto, os trabalhos nessa área têm se detido em fazer uma “correlação positiva” na relação existente entre a escolarização da família e os resultados escolares dos filhos. A autora pretende, portanto, problematizar a questão do capital cultural de forma analítica. Seu estudo é desenvolvido em uma escola privada da cidade de São Paulo, que ela denomina “Cristo Rei” e que detém a alta capacidade de preparação de seus alunos para as carreiras mais seletivas para a Universidade de São Paulo (USP), que tem como característica a alta exigência escolar. Esses grupos pertencem a essas camadas médias. Segundo a autora, são aquilo que chama-se a nova classe média e ao que entendo, são grupos com capital econômico alto e capital cultural baixo, no entanto que investem pesadamente na questão educacional. Como Almeida justifica:

No esquema analítico proposto aqui, o exame dos recursos (materiais e simbólicos) possuídos de fato pela família no momento em que se realizou o estudo é associado à análise da história do grupo social no qual as famílias estão inseridas. Verificando-se especialmente se as famílias fazem parte de ascensão ou decadência dentro do grupo, é possível interrogar o grau em que as trajetórias escolares, desses alunos, especialmente os seus investimentos em grupos em tempo e em energia nos estudos, são tributárias das disposições com relação ao futuro expresso por eles e/ ou por suas famílias”.(ALMEIDA, 2000, p.84)

Ou ainda quando ela coloca:

É assim que se torna possível dizer que as histórias familiares de mobilidade social ascendente e a subordinação relativa das famílias na estrutura social da cidade são os elementos definidores da posição em que se encontram os alunos do Colégio Cristo Rei. É apenas quando confrontados com esses

elementos que os fortes investimentos dos alunos nos seus estudos adquirem toda a sua inteligibilidade. (ALMEIDA, 2000, p. 89).

Esse texto de Ana Almeida ratifica alguns dos meus questionamentos em relação a escola ser ou não perpetuadora das desigualdades e principalmente se é possível que ela mude o *habitus* previsível, pois dentro do ponto onde a autora coloca o nome de "adestramento dos corpos e dos espíritos", pode-se perceber que a escola faz em parte um trabalho de adestramento ou de inculcação nesses alunos de tal forma a levá-los a absorver isso como algo positivo e como ela coloca, "Exigências cujo rigor eles são os primeiros a valorizar" (Almeida, 2000, p.89).

As formas de exigências e cobranças dessa escola caracterizadas pela autora me leva a fazer relações com a escola privada em observação, saliente, no entanto, que o que pude retirar das observações é que a rigidez não chega ao extremo como a da Cristo Rei. As relações que faço aqui¹³ são relativas à disciplina, ritmo de estudo, alunos de classe média, atividades ofertadas, assim como o direcionamento a provas seletivas, que começam já na entrada do ensino médio, primeira série e se estende por todos os anos dessa etapa da educação, como explica Almeida (2000, p.91) "ao acelerar o ritmo dos estudos e impor um sistema de avaliação que funciona em estreita analogia com o juízo final, o colégio antecipa para as séries iniciais do curso médio o temor que os alunos sentem em relação ao exame vestibular a que serão submetidos apenas no final do terceiro ano".

Nesse sentido, meus questionamentos acerca dessas instituições, como influenciadoras nas disposições das escolhas profissionais dos jovens, se fortalecem, pois, torna-se pertinente indagar às questões relacionadas ao capital cultural desses jovens, bem como suas disposições para o percurso escolar que lhes é apresentado. No texto, a autora mapeia essa instituição e apresenta-a de forma que se pode julgar que ela é responsável pela maior parte da preparação desses alunos, das disposições deles, ou ainda, responsável por desenvolver o *habitus* escolar neles.

O trabalho pedagógico busca, assim, a adaptação dos alunos a uma sociedade cujos princípios de organização e hierarquização são tomados como dados da realidade. Trata-se de desenvolver nos alunos as disposições mais adequadas às posições de gerência que serão chamados a ocupar. A ênfase do trabalho pedagógico dirige-se, assim, para o desenvolvimento da obediência a normas disciplinares rígidas e na imposição de hábitos de trabalho definidos minuciosamente (ALMEIDA, 2000, 93).

¹³ As informações que constam aqui serão detalhadas no próximo capítulo.

Isso claramente, abonado pela família, que nesse estudo apresentado pela autora mostra que embora sem capital cultural alto, têm em sua característica as disposições que levam o jovem a almejar esse, além de detentoras do capital econômico, para investir nesses.

Há a clara diferença na linearidade dos percursos escolares quando falamos em escola pública sem seleção de entrada e escola privada. Como colocado por Maria Alice Nogueira em seu artigo “A construção da excelência escolar – Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas”, quando trata sobre o fluxo das trajetórias.

Com relação ao fluxo, os itinerários escolares encontrados, caracterizam-se de um modo geral, por sua influência, linearidade e continuidade. Trata-se de um percurso que se faz sem rupturas e que parece desembocar na universidade como que “naturalmente”. Se se toma os fatores repetência e interrupção dos estudos como indicadores do fluxo de uma trajetória, vê-se que – para esse grupo – o itinerário escolar se desenrolasse rupturas e de modo absolutamente fluente, em nítido contraste com os trajetos de tipo errático frequentemente observados nos meios populares. (NOGUEIRA, 2000, p. 128).

Acrescenta-se a essas reflexões que os alunos que estão dentro da escola privada, possivelmente, tragam em sua bagagem intelectual um capital cultural que será acrescido dentro da escola, que é escolhida pela família visando justamente o desenvolvimento máximo de todas as aptidões possíveis de seus filhos. Tenho observado no andamento da minha pesquisa que comumente os alunos da terceira série, já na metade do ano prestam algum tipo de vestibular de inverno como forma de avaliação de sua conduta escolar, o que dita o ritmo mais ou menos acelerado de estudos e de matrículas nos cursinhos pré - provas seletivas (refiro-me aqui tanto ENEM, como vestibulares de universidades que não são adotantes dessa forma de ingresso). Além de dentro da própria escola terem no mínimo três simulados ao ano relativos a sua preparação para o ENEM¹⁴. Como de fato explica Nogueira quando fala da estratégia do “treineiro” em seus estudos.

Essas condutas devem ser consideradas no quadro das características que marcam a relação das famílias culturalmente favorecidas com o universo escolar. Dentre essas características, os sociólogos têm observado um traço designado como “antecipação à ação e aos ritmos escolares” (Devouassoux - Merakchi, 1975). De diferentes maneiras, a família ou o próprio jovem se antecipam à ação pedagógica escolar, seja de prevenção a eventuais acidentes futuros (atrasos, reprovações, etc.). Ao que parece esse traço tende a se fortalecer e a se estender ao longo das escolaridades, evidentemente com

¹⁴ Os dados relativos aos simulados aplicados na escola privada em estudo aqui nessa pesquisa, foram obtidos com base nos anos de 2018 e 2019.

variações nas suas formas de manifestação segundo as conjunturas escolares. (NOGUEIRA, 2000, p. 135).

Mais uma vez, a questão se coloca clara, porque tanta diferença entre a escola pública e privada e entre famílias de classe popular e classe média. Recorro novamente aos escritos de Bourdieu (2015), pois se pode chegar a uma explicação através do conceito de herança cultural, que é aquilo que esses jovens recebem de suas famílias, como ele expõe:

Na verdade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e consequentemente, pelas taxas de êxito. (Bourdieu, 2015, p.46)

A herança cultural a que Bourdieu se refere é transmitida não somente pela família nuclear, mas toda a família extensa e, a constatação do capital cultural se dá pelo nível cultural global da família e o êxito da criança na escola. Por outro lado me sucinta outra questão que se apresenta em torno dos bolsistas da escola privada¹⁵. E que por serem bolsistas suas condições econômicas não estão no mesmo patamar daqueles que não o são, bem como aqueles êxitos que se obtêm dentro da escola pública. De que forma esses alunos conduziram ou conduzem sua vida escolar, e como conseguem êxito? De onde vêm sua herança cultural, para que consiga se sobressair no meio escolar, que segundo Bourdieu é conservador das desigualdades sociais? Para essas questões, o autor coloca que:

Da mesma forma que os jovens das camadas superiores se distinguem por diferenças que podem estar ligadas a diferenças de condição social, também os filhos das classes populares que chegam até o ensino superior parecem pertencer a famílias que diferem da média de sua categoria, tanto por seu nível cultural global como por seu tamanho: dado que, como se viu, as chances objetivas de chegar ao ensino superior são quarenta vezes mais fortes para um jovem de camada superior do que para um filho de operário(...). (BOURDIEU, 2015, p.48)

Percebo nessa reflexão, uma aproximação com Lahire (1997), quando este expõe que mesmo que um indivíduo não pertença a uma classe social superior, com nível de capital cultural alto, a forma como a família conduz essa criança em/e para a sua vida escolar, o que fará com que ele possua sucesso. Segundo Lahire, as escolas são regidas por regras e as regras apreendidas no seio familiar, preparar o aluno para isso,

¹⁵ Os dados referentes aos bolsistas serão apresentados no capítulo III, sobre os alunos.

impor a disciplina, a organização e planejamento, são pontos que devem ser considerados quando intentado o êxito escolar, pois isso levará necessariamente esses alunos à disposição para tal. A condição econômica segundo esse autor é necessária, mas não suficiente. A ordem moral doméstica desempenha papel importante também, assim como as formas de investimento pedagógico, como ele explica:

Nosso trabalho construiu-se em parte contra a ideia segundo a qual as famílias populares cujo os filhos tiveram “sucesso na escola” se caracterizariam essencialmente por práticas de superescolarização. Pareceu-nos que estávamos, na verdade, diante de um modelo (singular) de “sucesso” por mérito, que implica tensão e atenção familiares inteiramente voltadas para escola, mais que a chave geral de acesso ao “êxito”. A existência de um “projeto” ou de uma “intenção familiar” inteiramente orientados para a escola seria somente um caso entre outros casos sociais possíveis. (Lahire, 1997, p.29).

Ou ainda, quando ele explicita mais claramente, esse investimento pedagógico:

Alguns pais podem fazer da escolaridade a finalidade essencial, e até exclusiva, da vida dos filhos, ou mesmo de sua própria: pais que aceitam viver no desconforto para permitir que os filhos tenham tudo o que necessitam para “trabalhar” bem na escola, pais que sacrificam o tempo livre para ajudar os filhos nas tarefas escolares, tomando as lições, lendo os mesmos livros que os filhos para poder discutir com eles e verificar se compreenderam bem, pais que aumentam o número de exercícios da lição de casa ou que pedem aos filhos para lhes escreverem algumas historietas, ou ler-lhes trechos de livros...A escolaridade pode tornar-se, em alguns casos, uma obsessão familiar, e podemos estar diante de um hiperinvestimento escolar ou pedagógico: fazer mais que os outros para estarem seguros do sucesso escolar dos filhos, reduzidos ao estatuto de alunos. (Lahire, 1997, p.28-29).

Enfim, há uma concordância que pode ser encontrada nos autores citados e que trabalharam extensamente o tema das instituições família e escola, bem como todas as influências que essas duas têm sobre a vida dos futuros trabalhadores, a de que a origem da classe, é uma forma de pré-classificação social, seja pelo olhar da escola e seus agentes, seja pela própria família que, por vezes, não vêem vantagem no seguimento dos estudos, ou que vêm justamente na relevância dos estudos escolares, a ascensão ou manutenção da classe social.

1.1 – APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE JUVENTUDE.

Definir o termo juventude, atualmente, não é tarefa fácil diante da numerosa gama de características que definem esse momento da vida. Ser jovem implica características que perpassam tempos históricos, geracionais e simbólicos.

Juventude é um termo que pode ser definido em diversas esferas, ao abrir essa sessão da dissertação, o faço de forma a refletir sobre esses jovens que pertencem tanto às camadas populares quanto as camadas de classes médias, nas escolas pública e privada pesquisadas.

Os jovens em questão nessa pesquisa reúnem características que os colocam como pertencentes a determinado universo social singular. Alguns pertencentes à moratória social, outros já em vida adulta, nos sentidos de suas responsabilidades, sejam como chefes de famílias, seja contribuindo economicamente para o sustento de suas famílias.

No Brasil segundo o EJUVE - Estatuto da Juventude de 2013, que dispõe sobre os direitos de jovens e os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude considera jovem, pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. Embora os pareceres jurídicos determinem uma idade específica para a juventude, cabe aqui aprofundar esse conceito, e delimitar as características que definem a palavra juventude.

A juventude é um tema vastamente estudado por sociólogos e filósofos, e diretamente ligada à questão do conceito de geração uma vez que esses pertencem a uma. A passagem do tempo e delimitação de fases, bem como a variável sociocultural, existentes na vida de um ser humano, são dimensões que podem determinar a geração a qual pertence o indivíduo naquele momento. Geração, por sua vez, é outro tema que é amplamente estudado, e que vem sendo discutido desde Auguste Comte, passando por Wilhelm Dilthey, chegando até Karl Mannheim. Em seu artigo “o conceito de geração nas teorias sobre juventude”, Carles Feixa e Carmem Leccardi (2010), explicam que: “A visão matemática e quantitativa do tempo das gerações tal como apresentada pela teoria de Comte foi radicalmente recusada pela abordagem histórico-romântica”. Auguste Comte com seu olhar positivista, pendendo para o aspecto biológico, observou a questão da geração como grupos humanos que passam por etapas avançadas ou recentes da vida (velhos ou jovens), cada um pensando o mundo de uma forma, de acordo com as etapas que vão cumprindo, e ainda quando abordam Dilthey e sua visão qualitativa, o significado de geração toma forma mais abrangente e passa a analisar as questões históricas, sociais, econômicas e culturais dos grupos, chegando assim a compreensão de geração como as experiências históricas marcadas por fenômenos sociais concretos. Dessa forma o caráter histórico se sobrepunha aos fatores biológicos, ou em outras palavras o qualitativo se sobrepunha ao quantitativo

Esta última enfatizou a conexão obtida, em termos qualitativos, entre os ritmos da história e os ritmos das gerações. Nesta perspectiva, o que mais importa é a qualidade dos vínculos que os indivíduos das gerações mantêm em conjunto. Em consonância com esta abordagem, Dilthey (1989) argumentou que a questão das gerações exigiu a análise do tempo da experiência medido exclusivamente em termos qualitativos. (CARLES, LECCARDI, 2010, P.188).

E, chegando a Karl Mannheim, que, por meio de uma perspectiva sociológica vem demonstrar que o conceito de geração tem várias faces, pois, considera o aspecto biológico das fases da vida do ser humano nascimento, morte, mas, também, considera aspectos históricos – social, dando ênfase ao qualitativo, Mannheim tem a visão que as gerações coexistem por tempo determinado, ou seja, tempo suficiente para que partilhem experiências e também para que as heranças culturais possam ser transmitidas e absorvidas ou não pela próxima geração, também explicado por Feixa e Leccardi:

Mannheim considerou as gerações como dimensão analítica profícua para o estudo da dinâmica das mudanças sociais (sem recorrer ao conceito de classe e ao núcleo da noção marxista de interesses econômicos), de “estilos de pensamento” de uma época e da ação. Estes, de acordo com Mannheim, foram produtos específicos – capazes de produzir mudanças sociais – da colisão entre o tempo biográfico e o tempo histórico. Ao mesmo tempo, as gerações podem ser consideradas o resultado de descontinuidades históricas e, portanto, de mudanças. Em outras palavras: o que forma uma geração não é uma data de nascimento comum – a “demarcação geracional” é algo “apenas potencial” (Mannheim, 1952) – mas é a parte do processo histórico que jovens da mesma idade-classe de fato compartilham (a geração atual). (CARLES, LECCARDI, 2010, p.188).

Desta forma, uma vez balizada a questão da geração, procuro delimitar brevemente o tema juventude de forma ampla, mas sociológica, sem deixar de lado a importância que outras ciências dão a este, que pode ser analisada sob o ângulo psicológico ou biológico. Aqui busco apenas a definição de juventude levando em conta seus aspectos sociais, juventude como construção social, e delimitada pela moratória social, ou seja, aquele período em que seria a preparação para a vida adulta, onde as responsabilidades da vida adulta como trabalho e preocupações financeiras, não seriam atributos dessa faixa social. Recorro a Pierre Bourdieu em sua entrevista, “A” juventude “é apenas uma palavra” a Anne – Marie Métailié, publicada em 1978, que reflete a juventude sob essa perspectiva, para ele, tanto a juventude quanto a velhice são construções sociais: “O que quero lembrar é muito simplesmente que a juventude e a velhice não são dadas, mas construídas socialmente, na luta entre os jovens e os velhos” (BOURDIEU, 2003, p.152).

Seguindo nessa perspectiva, a tentativa de caracterização do que é ser jovem, vai levar Bourdieu a analisar se os sujeitos dessa fase seriam aqueles pertencentes a uma

“unidade social”, dessa forma eles teriam características em comum, que poderiam delimitar o grupo. No entanto, com uma reflexão mais aprofundada ele reflete sobre a manipulação social que essa definição levaria, uma vez que segundo o autor é necessário que ao menos se perceba a diferença existente entre as juventudes.

Nada há aqui que não seja banal, mas que faz ver que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de se falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotados de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação. (BOURDIEU, 2003, p. 153).

Fato que o autor, com seu olhar sociológico avaliou: a juventude como algo além de uma fase biológica ou psicológica, quando faz a diferenciação entre jovens que pertencem a mundos sociais distintos. Nesse sentido a moratória social pode acontecer apenas para alguns jovens aqueles pertencentes a classes mais elevadas ou a chamada classe burguesa. Como Bourdieu explica: “Num caso temos o universo de adolescência, no verdadeiro sentido da palavra, quer dizer de irresponsabilidade provisória: estes “jovens” encontram-se numa espécie de terra de ninguém social, são adultos para certas coisas, são crianças para outras, jogam nos dois tabuleiros” (BOURDIEU, 2003, p.153/154).

As duas juventudes mencionadas por Bourdieu, são uma do jovem burguês e a outra do jovem operário, o autor frisa essa diferença, pois, quando trata tanto daquilo que ele chama de adolescência quando trata da forma como o sistema escolar é falho e reprodutivo, essa diferenciação se sobressai. Dessa forma o jovem burguês é aquele que tem essa adolescência ou como Bourdieu chama “irresponsabilidade provisória”, prolongada, pode preocupar-se apenas com os estudos, terão sua sucessão garantida, já os jovens da classe trabalhadora nem chegam a tê-la. O que se percebe cada vez mais, principalmente em famílias brasileiras de classes populares, é o distanciamento do conceito de moratória social, uma vez que cada vez mais cedo se torna necessário aos jovens dessas classes adentrarem ao mundo do trabalho como forma de ajuda no sustento da família. Acontecimento esse que, Bourdieu já detectava na França em 1978, ano da entrevista concedida, e que explicava através das oportunidades dadas a cada uma dessas juventudes:

Seria necessário pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para falarmos depressa, entre as *duas* juventudes. Por exemplo, poderíamos comparar sistematicamente as condições de existência, o mercado de trabalho, o orçamento tempo, etc., dos “jovens” que se encontram já a trabalhar, e dos adolescentes da mesma idade (biológica) que são estudantes: de um lado, imposições, que só a solidariedade familiar pode atenuar um

pouco, do universo econômico real, do outro as facilidades de uma economia quase lúdica de assistidos, assente no subsídio, com refeições e alojamentos baratos, títulos de acesso a preços reduzidos ao teatro e ao cinema, etc. (BOURDIEU, 2003, p.153).

Dessa forma, analisando a questão da juventude e dos indivíduos que ela compõe, o autor clarifica que a análise do que é ser jovem, passa pelo crivo da esfera social, e que depende da forma como esses jovens estão colocados em posições dentro da sociedade que vivem, pois, é necessário que se distinga a existência de dois tipos de juventude, e que estas tomarão rumos diferentes em suas vidas adultas, dependendo do acesso que tiveram ao sistema escolar, que para ele “contribui para reproduzir privilégios”(BOURDIEU, 2003, p.158). Bourdieu (2003, p.159) também expõe que jovem é alguém que tem um futuro e que define o futuro antagonizando com a velhice que ele declara como sendo um “declínio social”, e, que pode gerar conflito entre gerações que ele define como sendo “sistemas de aspirações constituídos em idades diferentes“, aspirações essas delimitadas como qualquer coisa que a geração posterior obtém de forma mais facilitada, aquilo que para a geração anterior era algo penoso a conseguir, na geração seguinte já torna-se comum.

Por fim, Bourdieu (2003, p. 161) analisa que há, independente da classe pertencente, algo em comum entre esses jovens, que são os seus “interesses coletivos de geração”, bem como caracterizar essas novas gerações de jovens como mais profissionalmente preparadas para um emprego, independente do benefício que esses possam ter extraído do sistema educacional que pertenceram.

Já para Dayrell em seu artigo “A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil” o autor se propõe a pensar a relação da juventude com a escola, e essa como espaço de socialização, mas antes ele diz que se torna necessário problematizar aquilo que ele chama de “condição juvenil atual” (Dayrell, 2007, p.1107). Dayrell refere-se sobre a relação atual entre escola e juventude e que essa relação afeta diretamente a produção social, uma vez que as instituições e os processos de socialização das novas gerações sofrem interferência em função da crise que possa existir nessa relação. (Dayrell, 2007, p.1106).

Categorizar o que é juventude e mais precisamente a juventude brasileira torna-se tarefa difícil, uma vez que a diversidade existente no país aflora as diferentes características existentes no universo simbólico que determina o que é ser jovem. Para tal, assim como Bourdieu, Dayrell observa uma dupla dimensão que delimita a condição juvenil, a saber, uma refere-se ao significado dado a esse ciclo de vida, pela sociedade

em que o jovem vive, a outra é como de fato esse ciclo de vida é vivenciado pelos indivíduos que dele participam, de acordo com as condições sociais (classe, gênero, etnia...) que lhes são proporcionadas. Dessa forma, Dayrell (2007, p.1108) argumenta que o lugar social do jovem vai construir a condição juvenil.

Dentro do Brasil especificamente a determinação desse universo que compõe a condição juvenil é ainda de maior importância, pois, tem-se nele além de uma diversificação maior de dimensões, a diferenciação entre classes que esses jovens pertencem, e assim como já mencionado em Bourdieu, e ratificado por Dayrell, as vivências em classes populares tendem a ser mais difíceis e desafiadoras, quase sempre sem uma moratória social, já que esses adentram ao mundo do trabalho mais precocemente que aqueles jovens que pertencem a classes sociais mais elevadas. Isso ocorre, sobretudo por duas razões, uma por esses jovens necessitarem ajudar financeiramente suas famílias e a outra, porque essa é a forma que eles conseguem participar do universo simbólico que aqueles que fazem parte de outras classes tem de forma facilitada. O que, portanto, define a condição juvenil no Brasil, nesse sentido para Dayrell é a vivência do trabalho que garante o mínimo de recursos para o lazer.

Como indica Dayrell (2007, p.1109), mesmo com os limites do lugar social que ocupam há características óbvias que conceituam o “ser jovem”, eles amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas experiências de vida, posicionam-se diante delas, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. Assim como, esse universo simbólico que representa os jovens como apreciadores de uma mesma música, filme, série, dança, ou qualquer forma de expressão que haja comunicação, a socialização e o mundo cultural dessa juventude, são componentes que ajudam a delimitar o “lugar comum” dessa juventude. O mundo cultural do jovem ou como o autor nomeia as culturas juvenis demarcam a identidade juvenil, o que esses jovens ostentam, e a adesão a determinado estilo, baliza as identidades individuais e também as coletivas, uma vez que determinado estilo vai sinalizar a qual status social esse jovem pertence.

Estas culturas, como expressões simbólicas da sua condição, manifestam-se na diversidade em que esta se constitui, ganhando visibilidade por meio dos mais diferentes estilos, que têm no corpo e seu visual uma das suas marcas distintivas. Jovens ostentam os seus corpos e, neles, as roupas, as tatuagens, os *piercings*, os brincos, dizendo da adesão a um determinado estilo, demarcando identidades individuais e coletivas além de sinalizar um status social almejado. Ganha relevância também a ostentação dos aparelhos eletrônicos, principalmente o *MP3* e o celular, cujo impacto no cotidiano juvenil precisa ser mais pesquisado. (DAYRELL, 2007, p. 1110).

Essas práticas culturais juvenis, não são homogêneas, e vai depender do tipo de sociabilidade que esses jovens irão desenvolver, essa condição dos grupos sociais depende dos espaços e tempos de lazer e diversão, assim como dos espaços institucionais, como escola e trabalho. A sociabilidade está ligada a questão da juventude uma vez que é ela que determina as aproximações e afastamentos constantes existentes entre as diferentes “tribos” juvenis - tribos, aqui uso no sentido daqueles que congregam das mesmas atitudes, ideias – um grupo que ao mesmo tempo em que é homogêneo, dentro de um universo simbólico é heterogêneo pela diversidade que existe dentro delas.

Dessa forma, a sociabilidade para Dayrell (2007, p.1111) é o que responde às necessidades dos jovens no que tange a comunicação, a solidariedade, a democracia, a autonomia, as trocas afetivas e principalmente a identidade deles. Assim como para ele também, os jovens transformam os espaços físicos em espaços sociais, porque produzem neles significados, e com o fluir da vida, como forma de ancoragem das relações sociais, neles são produzidos sentidos particulares e coletivos (Dayrell, 2007, p.1112).

Exemplo disso Dayrell dá da periferia, que não é somente um espaço residencial ou que caracterize seu status social de classe, de carência, de violência. Nesse espaço se desnuda mais do que isso, ali é espaço de agregação, de similaridade, de “espelho”, já que o reflexo do outro é a sua condição, esse lugar dá a esses jovens uma identidade, que eles absorvem e com orgulho salientam que fazem parte dessa comunidade. Se determinado lugar é conhecido pela violência, pelo perigo de viver ali, imediatamente os jovens que nesse lugar vivem, passam a usar essa característica como sua também. Por variadas vezes pude perceber essa característica em uma das escolas pesquisadas, alguns jovens quando indagados de seu lugar de moradia, falam com tom quase de aviso, sou do bairro “tal” lá onde a violência impera. E por mais que ele não pertença a essa violência, ele agrega essa característica, como sendo sua também, pois, uma vez que haja uma definição pré-concebida para a maioria das pessoas que ali vivem o jovem, usa esse espaço como de reconhecimento e pertencimento.

Da mesma forma que, dentro das periferias esse tipo de necessidade de pertencimento acontece, dentro das camadas médias, isso também foi observado, na outra escola que foi local da pesquisa, o lugar de morada, o bairro, a condição social, também afeta os jovens desse círculo e faz com que esses absorvam características que são específicas daqueles locais, sejam formas de vestir, colégios a frequentar, modelos

de carros usados pela família, os smartphones de determinada marca, bares que frequentam, cursos extracurriculares que fazem, também delimitam seu lugar de pertencimento, e da mesma forma, com orgulho falam dos objetos que possuem lugares que frequentam e do local que moram que se torna mais que uma morada, é um espaço de status social. E também da mesma forma que àqueles que moram, mas não pertencem àquele manancial de características pré-concebidas, esses moram, e também por vezes, não detêm todas as características, no entanto, nas duas situações ocorre um fato observável, no que se refere às famílias de classes populares seus indivíduos, fazem esforço para manter-se nesse círculo ou para distanciar-se desse de vez, na tentativa de aproximar-se a uma camada mais elevada da sociedade,. Enquanto aqueles que estão nessas camadas mais elevadas, as famílias precisam desdobrar-se, às vezes em mais de um emprego, para manter esse padrão, que economicamente às vezes, exige mais do que podem.

Dessa forma podemos fazer uma análise sobre a reflexão que Dayrell indica que ao mesmo tempo em que se percebe uma homogeneidade no sentido de um universo simbólico que caracteriza jovem, por outro lado fala argumenta que os grupos que compõem a juventude, são heterogêneos, no sentido de suas práticas culturais.

Ao mesmo tempo é preciso enfatizar que as práticas culturais juvenis não são homogêneas e se orientam conforme os objetivos que as coletividades juvenis são capazes de processar, num contexto de múltiplas influências externas e interesses produzidos no interior de cada agrupamento específico. Em torno do mesmo estilo cultural podem ocorrer práticas de delinquência e agressividade, assim como outras orientadas para a fruição saudável do tempo livre ou, ainda, para a mobilização cidadã em torno da realização de ações solidárias. (DAYRELL, 2007, p. 1110).

Por fim podemos ainda nos encantar com a categorização que o autor faz sobre ser jovem, ou estar na condição juvenil, que ele diz ser um “constante vaivém”.

Vão e voltam em diferentes formas de lazer, com diferentes turmas de amigos, o mesmo acontecendo com os diferentes estilos musicais. Aderem a um grupo cultural hoje e amanhã poderá ser outro, sem maiores rupturas. Na área afetiva predomina a ideia do “ficar” quando tendem a não criar compromisso com as relações amorosas além de um dia ou de uma semana. Também no trabalho podemos observar esse movimento com uma mudança constante dos empregos, o que é reforçado pela própria precarização do mercado de trabalho, que pouco oferece além de bicos ou empregos temporários. (DAYRELL, 2007, p.1113).

O autor ainda delimita o jovem como um “ator plural” porque este é produto de variadas experiências e às vezes contraditórias, para o autor, estes diferentes modos de ser jovem “expressam mutações significativas nas formas como a sociedade produz

indivíduos” (DAYRELL, 2007, p.1114). De fato, uma geração que tem suas características ensinará a próxima da forma em que vivem e absorvem os padrões existentes, o que reverterá o processo de socialização já instalado, o que para uma sociedade é imoral, constrangedor, dependendo do processo vivido pela geração atual, haverá modificações nas concepções da posterior. Nesse sentido, ele é visto como um ator plural que é constituído socialmente, não somente por orientações das instituições e sim de uma pluralidade de universos e experiências sociais.

1.2- AS CATEGORIAS: INSTITUIÇÃO, FAMÍLIA, ESCOLA, TRABALHO E EDUCAÇÃO.

Minha procura pela delimitação do que seria uma instituição objetivamente e, com isso, trazer a essa pesquisa sobre a importância delas dentro de uma sociedade, e mais especificamente sobre a importância de duas dessas, que são aquelas onde por primeiro acontece a socialização do indivíduo - a saber – a instituição escola que me deterei nesse momento e, após, no próximo capítulo a instituição família, me fez recorrer inicialmente ao dicionário de sociologia de Allan G. Johnson, no verbete Instituição, em que é definido como: “um conjunto duradouro de ideias sobre como atingir metas reconhecidamente importantes na sociedade. A maioria das sociedades conta com algumas formas de instituições de tipo familiar, religioso, econômico, curativo e político que definem o âmago de seu sistema de vida”. (1997, p.130)

Esse conceito desenvolvido desde os clássicos da sociologia, e estudado, até os dias atuais, nunca se torna ultrapassado, uma vez que, por mais que as instituições sejam estruturas estáveis e duradouras, suas regras se adaptam ao caminhar da humanidade.

De fato, toda sociedade quando pensada em suas características, ou seja, aquilo que determina o que ela é, passa pelo pensamento de em um agrupamento humano, que convive e interage, ou seja, que se relaciona na vida prática e afetiva, seguindo regras e valores, que são estabelecidas por esses. Essas regras estruturadas, quando estáveis, padronizadas e aceitas pela sociedade caracterizam uma instituição. Toda sociedade tem a necessidade de estabelecer regras para que os indivíduos consigam viver de forma minimamente harmônica, e as instituições nesse caso são o cerne desta vivência. Viver em sociedade é obedecer a regras, fazer parte de uma instituição também, uma vez que essas também servem como forma de controle social. Como delimita Durkheim (2007. p.xxx) no prefácio da segunda edição da sua obra *As regras do método sociológico*

“Com efeito, sem alterar o sentido dessa expressão, pode-se chamar instituição todas as crenças e todos os modos de conduta instituídos pela coletividade; a sociologia pode então ser definida como a ciência das instituições, de sua gênese e de seu funcionamento”. A instituição escola, assim como a instituição família, é responsável pela socialização dos indivíduos, são nessas instituições que os indivíduos aprendem a viver e conviver em sociedade, e é através delas que todas as regras morais e sociais são aprendidas, ou seja, é nelas que a educação acontece.

E é nesse sentido que o meu despertar para a análise dessas duas instituições se deu. Pesquisar como essas influenciam jovens de diferentes classes, bairros e escolas nas expectativas de suas futuras profissões. Essa pesquisa se debruça sobre as expectativas e não sobre a inserção acadêmica ou profissional desses jovens. As expectativas que esses têm podem ser influenciadas ou não, por essas instituições, se de fato ocorrerá a influência sobre esses e se esses por sua vez ingressarão ou não em cursos que determinarão suas futuras profissões, são dados para outra pesquisa, uma vez que nesta, trabalho com alunos de terceira série do ensino médio e não com egressos das escolas.

Falar em educação e trabalho é falar de uma relação antiga. Essa relação é desenvolvida desde os primórdios da humanidade. Para entender melhor, é necessário observar que em um primeiro momento o trabalho sendo um traço do ser humano, aquilo que Dermeval Saviani em seu texto “Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos.” amparado em Marx descreve como “o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas” (Saviani, 2007, p. 154).

Buscar a relação desses com a educação é voltar as comunidades primitivas, no modo de produção comunal, pois esse mostra especificamente o que o homem, no processo de produção coletiva, enquanto educavam-se educavam as novas gerações também, podemos perceber que nesse primeiro momento não havia dissociação desses dois termos “educação” e “trabalho”, a educação se dava no processo do trabalho, os valores eram aprendidos no conviver, no dividir, no respeitar, no aproximar, assim como no saber fazer.

Nas comunidades primitivas a educação coincidia totalmente com o fenômeno anteriormente descrito. Os homens apropriavam-se coletivamente dos meios de produção da existência e nesse processo educavam-se e

educavam as novas gerações. Prevalecia, aí, o modo de produção comunal, também chamado de “comunismo primitivo”. Não havia divisão em classes tudo era feito em comum. Na unidade aglutinadora da tribo dava-se a apropriação coletiva da terra, constituindo a propriedade tribal na qual os homens produziam sua existência em comum e se educavam nesse mesmo processo. (SAVIANI, 2007, P. 154).

Dessa forma a educação é vivida pelos indivíduos desses grupos e não “educação para a vida” (Saviani, 2007, p. 154), ou seja, o que hoje muitas escolas buscam que é uma educação que leve o indivíduo a aprender na prática, e praticar o que aprende seria ratificar o que sobre educação em sua origem Saviani (2007, p.155) diz, educar “nessas origens remotas, era verdade prática”.

Com o desenvolvimento da produção e seu excedente, surge uma nova forma de produzir e distribuir os bens e serviços dentro das sociedades, essas formas vão se ampliando de maneira que a humanidade vai passando por diversos modos de produção, que vai desde o escravista passando pelo feudal até chegar ao capitalista. Esses têm em sua base a divisão da sociedade em classes e como Saviani (2007, p.155) argumenta, a educação vai acompanhando e se modificando também, ocorrendo nela cisões, que antes desses modos, era constatado como o mesmo processo do trabalho.

A partir do escravismo antigo passaremos a ter duas modalidades distintas e separadas de educação: uma para a classe proprietária, identificada com a educação dos homens livres, e outra para a classe não-proprietária, identificada como a educação dos escravos e serviçais. A primeira, centrada nas atividades intelectuais, na arte da palavra e nos exercícios físicos de caráter lúdico ou militar. A segunda assimilada ao próprio processo de trabalho. (SAVIANI, 2007, p. 155).

Observamos que é nesse processo de distinção de trabalhos por classes, que a sociedade passa a ter as distinções entre a educação por classes. O que vai levar a uma educação propedêutica mais a frente em contraste à educação profissionalizante. A distinção entre essas classes, assim como de tipos de trabalhos, vai levar ao surgimento da escola, a palavra que etimologicamente é grega, em sua origem como coloca Saviani (2007, p.156/157) era um lugar do ócio, o lugar para onde iam aqueles que dispunham de tempo para aprender e que especificamente na Grécia antiga era para os indivíduos que pertenciam à classe dos homens livres, enquanto aqueles que pertenciam à classe dos escravos, educação implicava o próprio processo do trabalho, mas com a diferença que neste momento da história da humanidade já não se observa mais o modo de produção comunal e sim escravista. E com o surgimento da escola, surge a institucionalização da educação. Dessa forma, a escola como instituição passa a ser

juntamente com a família o primeiro meio de socialização do indivíduo, essa por sua vez, por meio informal, aquela por sua vez, por meio formal.

Essa formalidade atribuída à instituição escola na educação dos indivíduos, ou seja, sua institucionalização, com o processo de desenvolvimento das sociedades e a separação em classes dessa, acarretará a distinção daqueles que frequentam essa instituição. A distinção de classes dentro da escola passa a seguir a distinção econômica vivida pelos indivíduos dentro da sociedade.

Estamos, a partir desse momento, diante do processo de institucionalização da educação, correlato do processo de surgimento da sociedade de classes que, por sua vez, tem haver com o processo de aprofundamento da divisão do trabalho. Assim, se nas sociedades primitivas caracterizadas pelo modo coletivo de produção da assistência humana, a educação consistia numa ação espontânea, não diferenciada das outras formas de ação desenvolvidas pelo homem, coincidindo inteiramente com o processo de trabalho que era comum a todos os membros da comunidade, com a divisão dos homens em classes a educação também resulta dividida; diferencia-se em consequência, a educação destinada à classe dominante daquela a que tem acesso a classe dominada. E é aí que se localiza a origem da escola. A educação dos membros de classe que dispõem de ócio, de lazer de tempo livre passa a organizar-se na forma escolar, contrapondo-se à educação da maioria, que continua a coincidir com o processo de trabalho. (SAVIANI, 2007. p.155/156).

É esse o processo que dará início a exclusão daqueles menos favorecidos dentro da sociedade.

A educação básica no Brasil, não distante do que acontecia em quase todas as sociedades, também se dá de forma dualista. Até o século XIX, o que se tinha dentro do país era a educação propedêutica, para os indivíduos que compunham a elite desse e que estudavam para tornarem-se dirigentes seja de seus patrimônios, seja do campo político. E a educação só chega àqueles das classes menos favorecidas, a partir da criação da educação profissional, que se dá com o decreto de D. João VI em 1809, até então, Príncipe Regente do Brasil, que cria o Colégio das fábricas, percebe-se nesse contexto que a educação profissional, surge com a função assistencialista, para amparar aqueles que não tinham condições socioeconômicas, e dessa forma contribuindo para a reprodução de classes sociais. Teremos nesse sentido escolas que serão frequentadas pelas elites brasileiras, que terão conteúdos relacionados às artes, ciências e letras enquanto as classes populares tinham sua educação voltada para atender os setores de produção.

Esse processo segue dentro da educação brasileira com a reforma Capanema que nasce da necessidade do momento de industrialização que o país passava pois, essa era um conjunto de leis orgânicas que trazem a especificidade da formação profissional em cada ramo da economia. Dessa forma o Brasil passa a contar com uma educação básica e uma educação superior.

Desse modo, após a Reforma Capanema, a educação básica e a profissional passaram a se estruturar e relacionar conforme descrito a continuação. Na educação básica desaparecem os cursos de complementação e surge uma nova etapa, os cursos médios de 2º ciclo (atual ensino médio), dominados de cursos colegiais, com duas variantes: clássico, ambos voltados para preparar o cidadãos para o ingresso no ensino superior.

Assim sendo a educação brasileira denominada regular, fica estruturada em dois níveis, a educação básica e a superior. A educação básica divide-se em duas etapas. O curso primário, com duração de 5 anos, e o secundário, subdividido em ginásial, com duração de 4 anos, e o colegial, com 3 anos. (MOURA, 2007, p.9).

Desse modo vamos ter aqueles que fazem na parte final do colegial, um curso com habilitação para o ensino superior e aqueles que faziam os cursos normal, industrial técnico, comercial e agrotécnico que não habilitavam para o ensino superior, se não passassem por um exame de habilitação. Conforme Moura (2007, p, 9), “Apesar dessa diferenciação, é nesse contexto que surge pela primeira vez uma possibilidade de aproximação entre o ramo secundário propedêutico (o colegial, com suas variantes científico e clássico) e os profissionalizantes de nível médio, por meio de exames de adaptação”.

É possível observar nesse texto de Dante Henrique Moura, que a educação básica no Brasil traz um viés dualista que poderia levar a segregação de classes, pois com a formalização dos cursos profissionalizantes, aquilo que poderia tornar-se benefícios para o país, em termos de profissões técnicas e tecnológicas, com mão de obra especializada e com seu devido valor agregado ao tipo de trabalho, trouxe ao que tudo indica segregação.

Também importa ressaltar que a criação do SENAI, em 1942, seguida do SENAC, em 1946, e dos demais “S” ao longo das décadas seguintes, revelam a opção governamental de repassar à iniciativa privada a tarefa de preparar “mão de obra” para o mundo produtivo. Assim, a partir dessa lógica, o ensino secundário e o normal formariam as elites condutoras do país e o ensino profissional formaria adequadamente os filhos de operários para as artes e os ofícios. Portanto, ratifica-se o caráter dualista e a sua função reprodutora da estrutura social. (MOURA, 2007, p.10).

Formalmente essa dualidade só acaba com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que tramita no congresso nacional há treze anos, começa em 1948 e

entra em vigor em 1961. Com essa lei, mais uma vez percebe-se a busca pela despolarização do ensino no país, no entanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nasce em momento conturbado politicamente, conforme Moura (2007, p.10): “O projeto de lei começou a tramitar no congresso Nacional em 1948, portanto, na fase de redemocratização do país pós Estado Novo”. E sua constituição revela as contradições de modo geral dentro da sociedade brasileira e em específico na educação.

Foi nesse contexto de conflitos que tramitou durante 13 anos o Projeto de lei da primeira LDB do país. Evidentemente, o resultado, ou seja, a LDB refletiu as contradições da sociedade em geral e da esfera educacional em particular. Desse modo, a primeira LDB envolve todos os níveis e modalidades acadêmicas e profissional de ensino e, por outro lado, proporciona a liberdade de atuação da iniciativa privada no domínio educacional, mas, por outro, dá plena equivalência entre todos os cursos do mesmo nível sem a necessidade de exames e provas de conhecimento visando à equiparação. (MOURA, 2007, p.11).

O autor ainda argumenta sobre o fim formal da dualidade na educação:

É importante frisar que essa dualidade só acabava formalmente já que os currículos se encarregavam de mantê-la, uma vez que a vertente do ensino voltada para a continuidade de estudos em nível superior e, portanto, destinada às elites, continuava privilegiando os conteúdos que eram exigidos nos processos seletivos de acesso à educação superior, ou seja, as ciências, as letras e as artes. Enquanto isso, nos cursos profissionalizantes, esses conteúdos eram reduzidos em favor das necessidades imediatas do mundo do trabalho. (MOURA, 2007, p.11)

Cabe ainda destacar, que vários foram os processos que a educação brasileira passou historicamente. Percebe-se que a dualidade entre o ensino técnico e propedêutico na educação básica esteve presente, ora distanciando-se, ora aproximando-se, e por vezes fazendo a tentativa de integração entre esses, no entanto, já temos atualmente a quarta versão da LDB, a primeira em 1961 (quando foi criada), seguida de uma nova versão em 1971 com a reforma da educação em graus (1º e 2º e 3º graus) nessa com a tentativa de estruturar a educação de nível médio (2º graus) como profissionalizante para todos, processo esse que não é concluído com êxito.

Entretanto, uma análise histórica da sociedade e, em particular da educação brasileira nesse período, revela que a realidade foi construída de forma distinta. Em primeiro lugar, na prática a compulsoriedade se restringiu ao âmbito público, notadamente nos sistemas de ensino dos estados e no federal. Enquanto isso, as escolas privadas continuaram, em sua absoluta maioria, com os resultados propedêuticos voltados para as ciências, letras e artes visando o atendimento às elites. (MOURA, 2007, p.12).

A terceira versão da LDB de 1996, em vigor até a última alteração em 2019, buscava a relação do conhecimento com o mundo do trabalho: “De acordo com essa visão, a educação escolar, particularmente o ensino médio deveria propiciar aos

estudantes a possibilidade de (re)construção dos princípios científicos gerais sobre os quais se fundamentam a multiplicidade de processos e técnicas que dão base aos sistemas de produção em cada momento histórico.” (MOURA,2007, p.15). E, por fim, a alteração votada em 2015¹⁶, reforma novamente a educação básica, e passa a norteá-la pela BNCC (Base Nacional Curricular Comum).

Cabe ainda destacar que é com o decreto 5.154, de 23 de julho de 2004, que começa a se delinear a quebra desse processo dual, com os ajustes feitos na Lei de Diretrizes e Base da educação (LDB) em relação à educação profissional. Esse decreto é a base para a criação dos Institutos federais de educação, que têm em sua proposta um ensino de nível médio, integrado - propedêutico/ profissionalizante.

Com a lei de criação sancionada em 29 de dezembro de 2008, esses trazem um ensino que permite ao aluno seguir para o mundo do trabalho assim como para o ensino superior.

Desta forma, categorizar a educação e mais precisamente a educação dentro do Brasil, é tarefa que exige aprofundamento e reflexão, foram várias as reformas e ampliações, seja através de decretos, de portarias ou deliberações, que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação recebeu. Na busca pela delimitação desses conceitos, procurei entender o processo da exclusão educacional daqueles sujeitos menos favorecidos dentro da sociedade de modo a compreender os dados obtidos por meio da observação e das entrevistas realizadas nas duas escolas que foram o campo de investigação desse estudo durante o período de 2018 e 2019 em especial.

Como e porque se dão as diferenças/exclusões/ reproduções nas sociedades e de que forma as famílias e as escolas estão ligadas a isso, através das suas presenças nas expectativas dos jovens em relação à escolha da sua futura profissão me levaram a questionamentos e a procura do entendimento desses através dessa pesquisa.

¹⁶ Lei nº 13.415/2017 que fez alterações na estrutura curricular do ensino médio para ficar em de acordo com base nacional curricular comum, assim como ampliou o tempo mínimo do estudante na escola.

CAPÍTULO II – ESCOLA PRIVADA *VERSUS* ESCOLA PÚBLICA

2.1- A escola privada.

Fazer pesquisa dentro da escola privada me trouxe uma série de dilemas éticos, enquanto pesquisadora, uma vez que também faço parte do quadro de funcionários dessa, assim como da outra escola pesquisada. Manter o distanciamento necessário para efetuar essa pesquisa foi tarefa árdua que por diversas vezes me fez parar e questionar o caminho escolhido e trilhado. Com o tempo comecei a distanciar - me como educadora e passei a dar lugar à pesquisadora. As carreiras regidas pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e sem a estabilidade que a carreira no serviço público traz é a primeira percepção que obtive das diferenças existentes em relação à outra escola pesquisada, uma vez que observo a postura dos colaboradores de maneira mais formal, com respeito à hierarquias de cargos, certo distanciamento entre as pessoas e ambiente apático.

Percebo que ao tratar da escola privada por diversas vezes me vem à cabeça a palavra “empresa”, e de fato, é isso o que a escola é, uma empresa educacional. Faço essa relação de forma mais abrangente, mesmo conhecendo e respeitando as características próprias dessa escola.

O colégio Santa Clara¹⁷ está localizado no centro da cidade de Santa Maria- RS, é um colégio centenário, confessional, de tradição arraigada na sociedade da cidade, com localização e estruturas privilegiadas (centro da cidade, prédios bem cuidados). A estrutura está dividida em prédios, atravessa uma quadra verticalmente, sendo possível entrar por uma rua no colégio e sair por outra, sendo que, o prédio mais antigo comporta em seu primeiro andar portaria, sala dos professores, sala de espera para entrevistas, secretaria, setor financeiro, de recursos humanos, administrativo, com direção e vice direção. Nos outros andares do mesmo prédio estão situados a educação infantil e o ensino fundamental até o sétimo ano e suas devidas coordenações, composta de coordenador pedagógico e orientador educacional. Dentro do mesmo espaço através de um pátio, está ligado um segundo local que comporta os oitavos e nonos anos, além de todo o ensino médio e suas coordenadoras, pedagógica e de orientação escolar. Ainda dispõe de outro prédio, com localização diferente da central onde comporta um berçário e também mantém um projeto “com atendimento a crianças de Pré A e Pré B, de baixa

¹⁷ Os nomes das escolas, bem como dos agentes que a compõem foram alterados para preservar suas identidades. Dessa forma, esses nomes são fantasia.

renda de um bairro periférico. O trabalho é de socialização entre os pares, bem como atendimento pedagógico específico para a faixa etária” (Projeto Político Pedagógico, p. 18). Além de contar com um espaço retirado da cidade que a escola nomeia de passeio verde¹⁸ e que segundo consta em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) no histórico da apresentação da escola, foi adquirido um espaço verde com a finalidade de proporcionar a convivência com a natureza, e nele “desenvolvem-se projetos pedagógicos como atividades de lazer” (p.18). O colégio faz parte de uma rede de ensino que tem sua mantenedora fora do país e que norteia os princípios educativos dessa, bem como os princípios administrativos e recebe alunos de várias partes da cidade, em especial alunos que moram pelos bairros próximos, mas conta também com alunos que vêm de outras cidades para terminar seus estudos de nível médio, todos passam por uma entrevista feita geralmente pelas coordenadoras do setor que não deixa de ser uma espécie de seleção. A escola também disponibiliza bolsa de estudos que são ofertadas mediante documentação apresentada á instituição e preenchimento de ficha de entrevista em períodos que a instituição agenda e publica em edital em seu site.

Outra característica da instituição, é que esta conta com um CPD (Centro de processamento de dados) próprio, com um coordenador que é responsável por toda parte da informática da escola, como laboratórios de informática, site, e plataforma própria, onde se dão as informações entre escola e comunidade escolar, dentro deste espaço que se encontra dentro do site da escola, há uma subdivisão, existe ali uma parte direcionada ao aluno, ao responsável e ao professor esse último é onde os professores utilizam para digitar as notas dos alunos, que terão acesso a um boletim digital através do espaço do aluno e do responsável. Conta também com uma publicitária, que é responsável por toda a parte de marketing da instituição.

Como trata-se de um colégio tradicional na cidade, com frequência os pais de alunos de outras regiões do estado que procuram a cidade situada no coração do Rio Grande do Sul, em busca das universidades que existem nela, procuram o colégio para seus filhos finalizarem os estudos de nível médio. Quase que por tradição, observo que os alunos do colégio, tiveram ou têm irmãos na escola, ou seus pais, ou primos, ou alguém da família, já frequentou o educandário, conhece sua filosofia, princípios e valores, e ali querem que esses sigam seus estudos. Recordo-me de uma atividade realizada no primeiro semestre do ano letivo de 2019, de um setor específico da escola,

¹⁸ Nome fantasia.

onde os alunos de cada uma das turmas que compunham esse setor (e que tivessem) deveriam levar uma foto de algum integrante da família que já tivesse estudado na instituição para montar um mosaico de fotos em homenagem ao colégio, essa atividade ficou gravada em meu diário de campo bem como na memória, pois, ali percebi que em cada turma desse setor, tinha pelo menos dois alunos que tinham um familiar que por ali já havia passado. O que me remete a Bourdieu (2015, p.51), quando ele expõe nos Escritos de Educação que:

As atitudes dos membros de diferentes classes sociais, pais ou crianças e muito particularmente, as atitudes a respeito da escola, da cultura escolar e do futuro oferecido pelos estudos são, em grande parte, a expressão do sistema de valores implícitos ou explícitos que devem à sua posição social.

O colégio está composto por níveis de ensino, da educação básica e dividida por setores: Educação Infantil (Setor Berçário de 4 a 12 meses até 2 anos) Setor I (maternal 3 anos, pré A 4 anos, pré B 5 anos), Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), (Setor II 1º a 3º ano), Setor III (4º ano ao 7º ano), Ensino Médio (Setor IV – 8º e 9º ano – Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª série).

O colégio está composto por 1256 alunos e 88 professores, uma diretora, uma vice- diretora, cinco coordenadores pedagógicos e quatro orientadores educacionais, além de duas educadoras especiais, e todo aparato de funcionários que compõem portaria, cozinha, serviços gerais. Dados esses obtidos através de entrevista com a coordenadora do setor quatro composto pelo ensino Médio, 8º e 9º ano do ensino fundamental, como já mencionado acima, a escola divide-se em setores.

Minha coleta de dados nessa pesquisa, para que fosse possível a catalogação desses, se deu através da entrevista com seis alunos da terceira série do ensino médio desta instituição, dois por turma, a diretora da escola e a coordenadora pedagógica do setor quatro – setor onde se situa o ensino médio que essa é responsável. Para essa última, foi usado questionário escrito composto de dezessete questões. Assim também foi feito na outra escola pesquisada.

Minhas entrevistadas nesse primeiro momento, para tratar da instituição escola, mais especificamente escola privada, são a coordenadora pedagógica, uma jovem de 37 anos, que nomearei Catarina¹⁹, doutora em educação e que comanda juntamente com a orientadora escolar todo o setor quatro da instituição, muito parecida com a diretora no sentido de disciplina e rigidez, posso caracterizá-la como competente e humana, tendo

¹⁹ Nome fantasia.

como base minhas observações dessa na sua atuação em todos os eventos comandados desde reuniões a conselhos de classes, atendimento a professores e por vezes, a pais e alunos, essa última função mais exercida pela orientadora da escola e a diretora, uma senhora na média de 60 anos que nomearei de Elza, nome fantasia para preservação da identidade da entrevistada, e atua profissionalmente há 29 anos, sendo 23 anos desses dedicados ao Colégio Santa Clara. A escola é confessional, e a diretora seguiu a vida religiosa. Sempre muito requisitada por todas as esferas da escola, pois, ao que indica nada pode passar despercebido a seus olhos, foi com dificuldade que consegui marcar a entrevista, duas vezes anteriormente marcada e desmarcada em função dos muitos afazeres dela. É uma mulher de olhar duro, mas que ao sorrir afaga e tranquiliza. O olhar duro, a mão de ferro no comando, são percepções que tenho ao observá-la em seu comando e me recorda muito o *habitus* bourdeusiano, no que tange a disciplina, que percebo ter sido adquirida, treinada, apreendida. E é na tentativa de verificar até onde se dá a influência da vida escolar pregressa da diretora no comando dessa instituição que peço que ela me fale sobre sua trajetória e escolhas profissionais.

A entrevistada me fala que sua trajetória escolar foi em escola pública até a conclusão do ensino fundamental, após passou a estudar na instituição que hoje exerce o cargo de diretora, após sua educação em nível de graduação e pós-graduação foi toda em instituições particulares. A diretora coloca que a influência que acredita ter obtido em relação a sua escolha profissional se deu através de uma professora. Também questiono se houve alguma influência em relação a sua escolha pela vida religiosa, ao que ela responde que não, que isso é uma tradição familiar, que por pertencer a uma família religiosa e a uma região onde havia um trabalho vocacional voltado às famílias juntamente com a igreja e que quase toda família tinha um membro que optava pelo sacerdócio, ela acredita que isso possa ter alguma influência mas deixa claro que a escolha religiosa é uma vocação e não influência segundo ela é um chamado de Deus. Dessa forma é possível analisar na fala da entrevistada que essa coloca como vocação, assim é determinada dentro do campo religioso, o que pode ser a incorporação do *habitus* primário.

No entanto, Bourdieu (2015, p. 126-127) coloca que o *habitus* não é algo que se mostre ou que a pessoa conscientemente o faça uma vez que ele opera como um princípio em nossas escolhas, mas ele não é escolhido. Ele é o ponto de equilíbrio das diferentes práticas de um mesmo indivíduo, também se mostra nas práticas de todos os indivíduos que vivem e interiorizam as mesmas condições de existência.

P: Elza, o que, que é para a senhora, ser uma educadora?

E: Olha! Eu penso, eu sinto isso, eu acho que é você estar em constante processo de aperfeiçoamento, você estar todos os dias aprendendo e ensinando. E esse processo precisa de uma abertura muito grande, porque você precisa se desvencilhar diariamente de coisas que já não servem, para você assumir outras posições e acolher outros conceitos e construir outras crenças, que vão se fazendo importantes à medida que o tempo vai passando. Então para mim é um processo diário de crescimento e de construção de vida, você se constrói educador à medida que você vai vivendo e você vai se construindo pessoa, às vezes está muito ligado uma coisa com a outra, inclusive essa é a minha dissertação de mestrado, "a construção do profissional que se constrói pessoa ao mesmo tempo", você muda" (ENTREVISTA, 2019).

De fato percebo que “há” muito da Elza na organização e disciplina do colégio. A forma de comando até então me parece influenciar muito na ordem ou desordem escolar. Recordo-me do texto de Bourdieu (2015, p.108), O sentido e a Inclinação, onde autor coloca sobre o *ethos* de classe:

(...) É a propensão ao provável pela qual se realiza a causalidade do futuro objetivo em todos os casos de correspondência entre disposições e as chances (ou as posições atuais e potenciais na estrutura da distribuição do capital econômico e cultural); assim seria vão tentar isolar estatisticamente o efeito das disposições éticas, perfeitamente redundantes, neste caso, das condições das quais são o produto e que elas tendem a reproduzir.

Andar pelos corredores da parte administrativa dessa instituição e observar as salas sempre abertas ao público, inclusive da diretora, como se fosse um convite aos que ali tem permissão de perambular, a chegar e conversar, é como caminhar por um bosque, existe beleza, história e um silêncio disciplinador, quebrados apenas quando o sinal para o recreio é dado e então os professores de todos os setores e prédios se deslocam até a sala dos professores que se situa nesse primeiro prédio, e as crianças e adolescentes para o pátio da escola, onde existe uma cantina com mesas e cadeiras onde podem comprar os lanches e ali comer, um enorme espaço para caminhar e bancos para sentar. Também uma pracinha está localizada no pátio com diversos brinquedos que são reservados para uso da educação infantil em determinados horários, a recreação da educação infantil e dos outros níveis de ensino não se dão no mesmo horário.

Quando analiso se não está justamente nessa característica disciplinadora o desenvolvimento do *habitus* que Bourdieu nos traz em seus escritos procuro fazer uma conexão entre a forma que a instituição é dirigida e as características que nela se apresentam.

Se posso atribuir uma característica à instituição, dentro de todas as observações, vivências e análises documentais feitas dentro dela, a essa atribuiria a característica de

organização. E para que haja essa organização, ao que tudo indica existe a disciplina. E nesse contexto vou procurando delinear de que forma atribuo essa característica, começo pela análise que fiz no PPP (Projeto Político Pedagógico) da instituição. A organização desse nota-se na sua apresentação, um livro composto de trezentas e cinquenta páginas, apresentando todo o histórico da instituição seus princípios e valores, com referencial teórico, processo de formação dos professores e apresentação de cada nível de educação com fotos, artigos elaborados pelas coordenações, mapas conceituais e planos de estudos de cada disciplina com suas competências e habilidades a serem desenvolvidas. Esse tem validade de três anos e sua construção se dá segundo Catarina (ENTREVISTA, 2019) a coordenadora entrevistada da seguinte forma:

A escola constrói coletivamente o PPP. A equipe pedagógica coordena as discussões, os professores conversam entre as áreas do conhecimento e também nos respectivos setores. Nas dinâmicas de elaboração sempre há uma diversidade de professores que abrange desde o berçário até o Ensino Médio, desse modo, todos podem ter a possibilidade de visão sistêmica em relação ao currículo e ao desenvolvimento de toda Educação Básica. São propostos encontros por áreas do conhecimento, com compartilhamento coletivo das principais discussões com todos os professores da escola. Os professores participam, estudam e elaboram a parte teórica específica do seu componente curricular, como também elaboram textos e mapas conceituais sobre as áreas do conhecimento. Tudo é compartilhado no coletivo com socialização das principais ideias construídas nos grupos de estudos. Nosso atual PPP 2019-2022 foi construído dessa forma, com referência na Base Nacional Comum Curricular e em questões próprias da filosofia (...) e específicas do Rio Grande do Sul.

Se, para que a instituição escola consiga alcançar seus objetivos, em termos de ensino /aprendizagem e de fazer com que seus alunos agreguem suas características e a tomem como um *habitus*, de fato o colégio Santa Clara já tem uma base para isso. Manuseando o Projeto Político Pedagógico observo que sua constituição está muito clara no que se refere a seus princípios e valores, delimitados (p.22, 23,24) os princípios de promover a cultura de paz, busca da verdade, justiça, conduta ética, cultura de solidariedade, desenvolvimento sustentável, visão de integralidade. E seus valores (p.25,26, 27, 28) confiança em Deus, sentido da fraternidade, condições para o diálogo, respeito à diversidade, o significado do conhecimento. Nele também está colocada a proposta educativa (p. 33) “tem em vista a possibilidade de a pessoa agir em conformidade com a natureza substancial, expressa simplicidade na construção de uma prática educativa que busca a conciliação do humano com o divino”. E também, a instituição percebe a avaliação de seus alunos, “a avaliação requer uma prática efetiva de desenvolvimento e crescimento da pessoa, como ser integral e capaz de auto superação, dando enfoque maior ao qualitativo do que ao quantitativo, uma maneira contínua, crescente e cumulativa” (p.35). Encontro nesse momento um pequeno conflito nesse item no que diz respeito à avaliação, analisando como se dá a composição da nota

dos alunos do setor quatro, pois, ela se compõe desde 2019 de quatro notas, que têm um somatório final de 10,0 pontos, a saber, três dessas fixadas pela instituição, um teste (de recuperação paralela) de valor 3,0 pontos, uma prova de valor 4,0 pontos e um simulado a partir do nono ano (de valor 1,0 ponto ou 1,5 pontos ou 2,0 pontos, dependendo do ano/série e do acerto feito entre professores e coordenação e, portanto, sobram 2,0 pontos, ou 1,5 pontos ou 1,0 ponto, á critério do professor, desenvolver algum trabalho (poderá ser usada parte dessa pontuação que é do professor qualitativamente, mas não obrigatoriamente).

Ao final do ano o aluno deverá alcançar a média de 7,0 pontos, nos três trimestres para aprovação direta, ou, se não alcançar, irá a exame, onde deverá alcançar o percentual que falta para 10,0 pontos diminuindo sua média final. Nesse caso é ofertado ao aluno um “provão” ao final do ano, contemplando o conteúdo estudado no ano inteiro. Ainda assim, se o aluno reprovar será levado seu nome ao conselho de classe final onde segundo o Projeto Político Pedagógico, “No conselho de classe final, no último trimestre, é levada em consideração a caminhada do aluno no ano letivo, isto é, o que cotidianamente o professor avalia este aluno conforme o seu nível de desempenho e seu crescimento na aquisição de conhecimentos, é ver o aluno na sua totalidade” (...) (p.37). Nele todos os professores votam pela aprovação ou não do aluno, quando reprovado em até três disciplinas, sempre é perguntado aos professores com quem se deu a reprovação se eles aprovam ou reprovam, quando reprovado o aluno vai a votação geral de todos os professores, sempre sob olhar atento da diretora e vice-diretora que participam do conselho mas não votam assim como as coordenadoras, nesse momento a carga da aprovação ou reprovação é toda dos professores que estão naquele momento do conselho.

Esse olhar atento pode ser explicado pela resposta da diretora quando perguntada sobre como era estar no comando de uma instituição de renome e do porte do colégio Santa Clara tendo que gerenciar tantas vidas ali envolvidas tanto estudantis como relacionadas à questão trabalhista.

“E: O primeiro sentimento que vem é de desafio, é um desafio você fazer a gestão de uma escola mais que centenária no caso do Santa Clara, uma escola, não sei se a palavra correta é essa, mas é uma escola muito visada, todo mundo conhece o Santa Clara. Então qualquer passo em falso, você responde por isso, mas o sentimento de desafio, ele vem acompanhado também de uma confiança muito grande, eu confio muito em Deus, sabe? Eu confio que se ele me colocou nessa posição, eu tenho condição de responder aos desafios e também a parceria, para mim a parceria com a equipe é muito importante, é o que sustenta e o que dá de fato, o que fortalece e faz com que você acredite que vai dar certo, a parceria. E para você ter a parceria, você precisa confiar, você precisa preparar o seu grupo, desafiar o seu grupo, você precisa ter uma meta e fazer com que as pessoas enxerguem essa meta e trabalhem para que se chegue lá. Então

eu tenho esse sentimento assim ó, de me sentir desafiada, me sentir provocada, mas ao mesmo tempo eu tenho uma confiança muito grande, em Deus, na equipe, nas pessoas, naquilo que a gente está fazendo. E a parceria também com as famílias, eu sinto que isso ajuda muito, a clareza que a gente tem na proposta, faz com que as pessoas saibam o que você vai oferecer, eu sei que você vai me perguntar isso depois, mas eu quero dizer que isso faz com que a gente tenha tranquilidade. Já senti momentos difíceis, muito difíceis, mas hoje eu tenho, acho que com a maturidade, com esse tempo todo aqui, eu tenho mais tranquilidade de fazer a gestão. Não penso em desistir, porque eu acho que desistir é para os fracos, eu acho que a gente não pode desistir, penso que assim ó, é um trabalho que exige muito, mas que eu tenho condições de fazer, porque eu não estou sozinha, isso para mim é o mais importante” (ENTREVISTA, 2019).

Outra esfera que chama a atenção é a questão dos simulados, a escola preconiza em várias falas tanto da diretora como da coordenadora em reuniões, quanto em seu (PPP) Projeto Político Pedagógico que a filosofia dessa não está voltada para o treinamento de seus alunos para passar em exames de seleção, e sim para a formação do aluno como um todo. Ainda no PPP (p.32), trata do processo metodológico como sendo “evidenciada clareza de intenção ao ministrar um conteúdo, segurança nos objetivos a serem alcançados e planejamento eficaz de estratégias para a concretização do ensino aprendizagem. A metodologia deve privilegiar situações desafiadoras para a organização do pensamento e a construção de conceitos que ofereça ao educando instrumento necessário ao desenvolvimento de uma atitude interdisciplinar de relacionamento e resposta aos desafios que a vida e a ciência lhe propõem”.

No entanto, numa observação mais atenta percebe-se que, três simulados ao longo do ano letivo, um por trimestre, e desde o nono ano do ensino fundamental, tenta trazer a esses alunos o desenvolvimento da aptidão às provas de seleção. Portanto, nesse caso a estratégia dos “treineiros” como Maria Alice Nogueira (2000) nomeia, estaria sendo utilizada. Percebo por vezes, discurso contrário a essa metodologia dentro da escola no sentido dessa não ser a prioridade na educação, mas percebo também nos discursos dos alunos e dos professores que essa estratégia é bastante usada dentro da sala de aula. Nesse sentido, observo certo desconforto em relação ao assunto, uma vez que a escola prioriza pela formação total do aluno mas há por outro lado a cobrança dos alunos para que a estratégia de “treineiro” seja usada. Busco compreender melhor essa questão através da visão pedagógica que se assenta o colégio.

Sobre a questão curricular / pedagógica, Catarina responde que o colégio tem como base princípios morais e religiosos que primam pela cultura da paz, busca da verdade, justiça, conduta ética, cultura da solidariedade, desenvolvimento sustentável e visão de integralidade. Ainda explica que os valores que conduzem o currículo estão

pautados na espiritualidade como um todo e que esse é bastante flexível, pois, segundo ela abrange além da espiritualidade, o respeito à diversidade e a sociabilidade, sustentabilidade além de trabalhar a transdisciplinaridade e estar alinhado ao movimento constante da educação e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Minha pergunta tem cunho reflexivo e comparativo, pois, se é através do que é colocado curricularmente, ou seja, ensinado aos alunos dentro de cada uma das escolas, que se pode chegar a ideia daqueles que terão ou não acesso e sucesso na vida profissional futura, então por essa pergunta pode-se trilhar o caminho. Pois, se é na instituição escola que a reprodução do meio social se efetiva, cabe analisar desde de seu currículo como isso se perpetua. Segundo Appel (2008, p. 7).

As instituições de ensino representam um dos maiores mecanismos pelos quais o poder se mantém ou, então, é enfrentado. Essas instituições, e os modos sobre os quais estão organizadas ou são controladas, relacionam-se integralmente às maneiras pelas quais, determinadas pessoas têm acesso a recursos de ordem econômica e cultural e ao poder.

No entanto, é com a diretora Elza que aprofundo o tema. E percebo que essa incorpora tacitamente a questão dos “treineiros”, em função daquilo que ela nomeia de procura da “clientela”. Pergunto a ela qual é a expectativa do colégio em relação ao futuro dos alunos que estão deixando a instituição.

E: Bom, a expectativa é que você tenha, como escola, conseguido construir com eles uma autonomia de vida, tanto na escolha da profissão, quanto no estilo de vida pessoal que eles vão ter depois, porque nós temos uma preocupação muito grande, como instituição, que eles se formem um ser integral, que tenham a capacidade, por exemplo, de bom relacionamento, de ser criativo, de conseguir trabalhar em qualquer local estabelecendo boas relações e que eles tenham um projeto de vida que valorize a vida, que eles não saiam assim frustrados pelo fato de não passar na primeira seleção para entrar em ensino superior, que a vida é além dessa seleção. Então a expectativa é que eles se deem bem como seres humanos, que eles façam uma escolha profissional que eles gostem, essa é a expectativa. A gente trabalha para isso, claro que nem sempre você consegue, porque aí tem os entraves da família, às vezes um aluno angustiado, porque a família quer que ele faça um curso e ele não quer às vezes os pais querem realizar os seus sonhos nos filhos e isso não existe, né? Então a ideia é que cada um consiga ser aquilo que ele gostaria de ser, ser uma pessoa integral, feliz, essa é a ideia.

Na resposta da diretora se desdobra outra questão, questiono se ela crê que a escola enquanto instituição consiga criar a noção nesses jovens de que trabalha em prol da formação deles na integralidade e que para que cada um faça aquilo que deseja e o faça feliz. Ao que ela expõe que acredita que não conscientemente e remete a fato ocorrido enquanto fazia a leitura de uma revista da mantenedora e que nela constava uma questão sobre o impacto da escola na vida pessoal desses bem como na vida profissional, e que esse fato causou certo impacto nela pelas respostas que obteve, pois

as respostas foram bastante fortes na linha da humanização de ter passado valores e não só ser algo preparatório para uma profissão. Mas acredita que não sejam todos os alunos pertencentes à escola que saiam com essa visão, pois nem que quisesse a escola teria o poder de atingir 100% dos seus alunos em termos desse tipo de conscientização, mas acredita que à medida que saiam da escola e vão amadurecendo que esses consigam chegar a essa visão.

Nesse particular, chama a atenção o fato de que do ponto de vista ideal do projeto, a escola busca justamente romper um uma perspectiva dualista de educação, qual seja, aquela fragmentada em uma formação propedêutica ou profissionalizante (Saviani, 2007) que tem produzido um viés dualista na educação brasileira (Moura, 2007).

Retomo a questão da influência da escola perguntando à Diretora sobre sua avaliação em relação à influência que a instituição escola exerce sobre os educandos, nas suas expectativas laborais. Minha pergunta nesse momento busca avaliar se a escola privada analisada aqui nesse estudo e representada pela fala da diretora dessa instituição tem o viés bacharelesco ainda disseminado no Brasil onde sucesso do jovem está condicionado a um curso de ensino superior, enquanto em alguns países europeus reconhecidamente com uma educação de melhor qualidade, como por exemplo, na Alemanha a educação é mais focada em cursos técnicos e na formação de tecnólogos, que são cursos com estreita relação com “o saber fazer”, ou seja, as pessoas que frequentam esses cursos já saem habilitadas a manusear seus objetos de trabalho, o que em um curso superior também acontece mas esses cursos por serem mais técnicos dão vantagem aos que aderem, pela prática que neles é imputada, dessa forma, apreendendo e praticando seu ofício desde o começo, esses indivíduos já saem aptos a produzir, sem o estigma da falta de experiência, uma vez que esses a tiveram em tempo integral.

E: Eu vejo assim ó, respondendo a demanda da clientela, está muito focada ainda na busca do ensino superior, porque uma escola particular, ela trabalha... não que ela não tenha proposta, ela tem proposta específica, mas ela responde aquilo que a comunidade busca também e nós temos uma clientela que busca o ensino superior, é preparar para fazer uma seleção para entrar no ensino superior, um curso superior. Então eu vejo assim, que estamos bastante longe daquilo que você está me perguntando, como profissão, como técnicos, eu acho que nós não influenciemos praticamente em nada, acredito que algumas pessoas descubrem a sua profissão através do trabalho que a escola faz, mas não é o foco da escola esse. A gente trabalha, por exemplo, até a própria orientação vocacional que é feita com eles é mais na linha, assim, das tendências que eles têm, do que, que eles gostariam e pra que, que eles estariam em um curso superior. Então respondendo a questão, eu acho que a escola precisa ainda fazer um caminho nesse sentido de trabalhar a questão de influenciar na escolha profissional. É como eu vejo hoje.

P: A senhora acredita, então, que não há uma influência ainda da forma como a senhora gostaria?

E: Eu acho que não. Não, porque muitos alunos, eles às vezes têm um sonho, que aquela profissão que eles estão pensando, aquele curso que eles vão fazer é aquilo que eles estão sonhando e vai ser, mas não é, então o que, que tem ajudado? Que acho que aí sim existe certa influência, mas ainda para fazer um curso superior, é quando a gente leva eles, por exemplo, aos laboratórios da universidade aqui, da universidade franciscana ou da universidade federal, quando eles vão para ver o curso que eles estão pensando em fazer e que eles têm o contato com professores ou com alguns alunos que já estão fazendo o curso ou que já são formados. Então nesse sentido, agrega um pouquinho na questão da escolha da profissão, mas eu acho que a gente precisa fazer um longo processo ainda de caminhada. É como eu vejo Rosa, não sei se é isso.

Um próximo ponto que trago na entrevista com a Diretora é sobre a questão da forma como a escola trabalha as questões relacionadas ao tipo de público que essa atende, pois a escola por mais que tenha uma filosofia voltada para a espiritualidade, com a visão de formação integral do ser humano, e seja uma escola confessional, ela é escola que têm um público, pagante e que, portanto, deve cobrar algum retorno relacionado a esse investimento. Os pais (clientes), ao investirem no sentido de desenvolver ao máximo as performances e aptidões de seus filhos (Almeida, 2000), não deixam de requerer bons resultados. Nesse sentido converso com a Elza sobre como a escola investe nesse meio, pois, o ensino privado tem concorrência, e as escolas que melhor se colocam em rankings relacionados a notas em processos seletivos – na lógica da constância das provas seletivas (Almeida, 2000), são aquelas que certamente terão maior número de matrículas. Para isso, é necessário, que além do investimento no processo educacional, deve também haver investimento em marketing. A entrevistada responde que, de fato, o público que está na escola, principalmente no ensino médio é de pelo menos 95% os que buscam o ensino superior, e que, portanto, ela enquanto gestora deve trabalhar também para corresponder essa expectativa, porque muitas das famílias que procuram a escola, já procuram objetivando esse tipo de número. Quantos aprovados em processos seletivos, como se esse número em maior ou menor grau, identificasse o que é uma boa escola.

E: As famílias procuram isso. Então, para você responder a essa demanda, você precisa ter uma proposta que esteja nesse patamar. Agora eu acredito, por exemplo, que em outros locais, nós temos, por exemplo, outras escolas, nossa escola de Canguçu, por exemplo, tem magistério até hoje, porque a procura é pelo magistério, que é uma profissão que você já sai trabalhando. Não seria o nosso caso, não teria como. Então eu vou muito pela questão assim do público alvo, da clientela que você tem, o que essa clientela busca? É o ensino superior. Na grande maioria dos casos. (Entrevista, 2019).

Bourdieu esclarece a questão do sistema de educação e como ele está estruturado quando declara que:

O sistema de educação pode na verdade assegurar a perpetuação do privilégio unicamente pelo jogo de sua própria lógica; dito de outra forma, ele pode

servir aos privilégios sem que os privilégios tenham que se servir dele: Em seguida, toda reivindicação que tende a autonomizar um aspecto do sistema de ensino, ainda que se tratando do ensino superior na sua totalidade, ou, por abstração ao segundo grau de um ou outro aspecto do ensino superior, serve objetivamente ao sistema e a tudo o que serve ao sistema, pois basta deixar esses fatores agirem da escola maternal ao ensino superior, para assegurar a perpetuação do privilégio social.(BOURDIEU, 2018, p. 45).

Prosseguindo, passo agora à formação dos professores e todos os acertos que são construídos ao final do ano letivo, quando já se começa a preparar o próximo ano em reuniões de formação e planejamento. Essas reuniões geralmente se dão em dois dias ao final do ano letivo e mais dois dias na semana que antecede o início deste. Nessas reuniões são construídos todos os planos relativos a atividades que serão desenvolvidas, como viagens de estudos, passeios (saídas de campo), atividades extraclasse (com o uso do sítio – espaço verde), boas vindas aos alunos (alguma atividade no primeiro dia de aula para que se sintam acolhidos), atividades interdisciplinares, e todo e qualquer processo que envolva os alunos e sua aprendizagem, ou interesse.

A coordenadora, Catarina, responde de que forma que o Colégio Santa Clara proporciona formação continuada a seus professores, dizendo que desde o começo do ano os professores já recebem um calendário de todas as formações que a instituição irá proporcionar a eles e que essas formações têm a característica de serem direcionadas a estudos contemporâneos dos temas educacionais, assim como de metodologias inovadoras, para que com isso o professor possa fazer uma reflexão sobre sua prática docente.

Ainda sobre o tema da relação entre a escola e professores, pergunto a Catarina como ela descreve a relação dos professores com a equipe diretiva, faço a pergunta no intuito de analisar essa relação e a entrevistada fala que é uma relação acessível e respeitosa, segundo ela, há canais de comunicação que perpassam toda a instituição, mesmo que essa esteja dividida em setores. Ainda segundo ela, há uma relação de confiança e compreensão entre ambas as partes.

Ponto expressivo da pesquisa é a relação da instituição com a família. Procurei compreender de que forma que se dava a relação, se essas estavam irmanadas em prol da aprendizagem dos alunos ou se havia alguma disparidade de visões. Ou seja, se era possível pensar em termos de continuidade entre o *ethos* da família e o *ethos* da escola (Lahire, 1997). Dos dados que obtive através da entrevista com a diretora e dos dados que acessei das famílias através da entrevista dos alunos, (que estará no próximo capítulo) percebi que a fala sobre a relação das duas instituições se complementam, a

escola acredita que a família é essencial para que haja um bom rendimento escolar, assim como as famílias acessadas por mim, através desses alunos entrevistados, também mostram o mesmo discurso, de serem presentes, interessados e informados sobre a aprendizagem de seus filhos. Fato esse que observei várias vezes na sala da coordenação do setor, os pais esperando para serem atendidos pela coordenadora, ou orientadora enquanto essas estavam atendendo outros pais. Esse fenômeno era muito mais intenso nos finais de trimestres, em função da busca da solução para as notas baixas dos filhos e também, para em caso de alguma contrariedade poder acessar os professores, que são chamados à coordenação quando algum fato ocorre que a coordenação acredite ser mais bem resolvido com a presença do professor. Nesse caso, o professor é chamado e conversa diretamente com os pais para explicar a situação escolar na sua disciplina. Esse tipo de presença é muito mais constante, do que a presença em outros momentos, como de reuniões. Na entrega de notas, dia estipulado no calendário escolar, que é seguido à risca, também se nota a presença dos pais, no entanto, tem algo que chama a atenção, quase sempre são os mesmos pais que estão nas entregas de notas e reuniões. Não obtive dado específico da porcentagem exata dos pais que frequentam essas reuniões e entregas de notas, mas, por observação, posso dizer que não são maioria os pais engajados. Talvez porque, se façam presentes, em outros dias diretamente na coordenação.

Sobre essa relação, a diretora (ENTREVISTA, 2019) falou longamente, quando perguntei a ela quais seriam os maiores entraves que ela percebia no processo educacional, na sua visão de diretora.

E: A gente tem alguns entraves, assim, de algumas pessoas que demoram bastante para entrar no processo, no processo pedagógico que a gente propõe a nossa proposta é uma proposta muito exigente e às vezes você vê que as pessoas são lentas, mas isso é o tempo de cada um, isso é um entrave. Você tem famílias que não dão suporte necessário aos filhos e esperam tudo da escola, isso dá um baque às vezes e o processo não anda como a gente gostaria. Um outro entrave grande que a gente encontra é a legislação brasileira, nós temos uma legislação que muda muito, não nas questões pedagógicas, nas questões pedagógicas até muda, mas é mais lento. Mas a questão jurídica, por exemplo. Você tem leis que, do dia para a noite, surgem e você precisa correr para responder, então o entrave estaria aonde? Você gasta muito tempo resolvendo questões cíveis, de legislação, que fazem com que você não se dedique tanto ou que tenha menos tempo para a questão pedagógica, que é o que eu gosto, né? No fundo eu faço a gestão administrativa da instituição e a gestão pedagógica também, então eu gosto muito da gestão pedagógica e isso, às vezes, fica um pouquinho para depois. Esse é um entrave bastante forte. E, um outro entrave que eu vejo é a rapidez, por exemplo, com que os meios de comunicação e essas mídias sociais influenciam ou elas regem a vida dos alunos e o professor não consegue acompanhar, por quê? Porque o professor, ele tem às vezes mais que uma escola, o tempo dele é mais limitado e nós temos uma geração que não lê. O professor, hoje, eu percebo que ele tem dificuldade de fazer leituras assim como o aluno e isso é um entrave, porque mesmo que a gente coloque leituras que a gente exija que as pessoas leiam, isso é devagar, não vai no ritmo das redes sociais e às vezes essas mídias, elas não têm a informação correta e

isso, para que o professor pudesse ser, assim, o facilitador e ajudar o aluno a saber o que é bom e o que não é, ele também precisa ler, ele também precisa acessar, ele precisa se aprofundar.

Uma reflexão de Dayrell (2007, 1117), em relação a visão da escola sobre seus jovens, me chamou a atenção. O autor afirma que: “A escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no aluno” – o que também pode ocorrer no caso de algumas famílias, aquelas que reduzem os filhos ao estatuto de alunos (Lahire, 1997), e me leva a refletir sobre as duas escolas pesquisadas, procuro em minhas anotações, entrevistas e reflexões se isso acontece. Minhas observações me levam a ponderar que a visão das escolas pesquisadas aqui nesse estudo tanto na escola pública quanto na escola privada, é de reconhecer seu aluno como jovem também. Jovem e seu universo simbólico, tanto que, muito é feito pensando no jovem aluno, considerado em termos das singularidades geracionais da juventude (Bourdieu, 2003). As escolas priorizam várias atividades que atendam o gosto de seus jovens alunos, cada uma dentro das suas possibilidades, trabalham de forma a respeitar a diversidade, seja de gênero, de etnia, de orientação sexual, ou qualquer outra característica que represente a condição juvenil. Tais atividades que observei, vão desde palestras até participação em projetos, que têm o intuito de trabalhar o respeito entre os colegas. Acompanhar o universo que rodeia os jovens e todo seu simbolismo, possivelmente seja uma tarefa bastante desafiadora à essas duas instituições, quando a Elza fala da rápida influência que as mídias sociais têm sobre esses jovens, ela está ressaltando um dos pontos que pode caracterizar a juventude atual, uma vez que esses jovens nasceram em mundo já rodeado de tecnologias que das camadas menos favorecidas até as camadas mais favorecidas, quase todos já tiveram ou têm contato com esse mundo tecnológico, que tem como ponto principal a rápida disseminação da informação, assim, a questão da falta de leitura a que a entrevistada se refere, pode estar ligada a esse tipo de informação que essas redes e mundo tecnológico proporcionam a esses jovens, que justamente pela rapidez, pode acarretar a falta de entusiasmo com as leituras que as gerações anteriores estavam mais acostumadas. A exigência de leitura, para esses jovens pode ter que sofrer modificações em sua estrutura, para que consiga alcançar esse universo novo.

A fase juvenil é um momento complexo, em especial o momento de saída da escola que envolve muitas decisões, que esses jovens por vezes julgam-se incapazes de tomar naquele momento, como, por exemplo, a opção pelo que farão em suas vidas no que tange a escolha de suas profissões. Dessa forma, julga-se necessário que as duas instituições de maior importância na vida do indivíduo, estejam em concordância e

trabalhando em conjunto para que esses percursos escolares e culturais que afluirão nas escolhas profissionais desses jovens sejam mais leves. No entanto, quando falamos desses percursos dentro da escola privada, esses ficam mais fáceis conceber, uma vez que, dentro da escola pública, esses nem sempre podem contar com as mesmas vantagens. Como Bourdieu (2015, p. 146) apresenta:

É preciso, então analisar a relação entre as leis de transformação do campo de produção econômica e as leis de transformação do campo de produção dos produtores, ou seja, a escola e a família, sendo que a escola tende a ocupar um lugar cada vez mais importante na medida em que o aparelho econômico se desenvolve e ganha uma complexidade cada vez maior.

A instituição família, quando analisada em seus mais diversos contextos, pode-se observar como bem ilumina Bourdieu (2015, p. 46), que a constatação da influência do capital cultural se dá entre o nível cultural global da família e o êxito escolar do indivíduo. Dessa forma, o que o autor explica é que a renda alta sem escolarização não significa êxito escolar, mas o contrário sim. O que leva a constatar que a ação meio familiar sobre o aluno é quase exclusivamente cultural. Ponto de aproximação, nesse sentido com Bernard Lahire (1997, p.26), quando coloca sobre as disposições favoráveis que influenciam sobre os alunos, independentes desses terem ou não um capital econômico alto, se a família propicia a esses alunos meios para que eles tenham condições de estudo, com uma combinação de critérios, estes poderão ter êxito escolar.

De toda forma não se pode deixar de refletir e levar em conta que o meio social a que um aluno pertence, também é critério juntamente com um conjunto de variáveis (Bourdieu, 2015, p.47) “a saber, o nível cultural dos antepassados da primeira e segunda geração, e a residência - permite explicar as variações mais importantes do êxito escolar, mesmo em nível elevado do *cursus*”. E, ainda se faz necessário analisar que os investimentos nas condutas escolares também influenciam no percurso escolar desses.

Nesse sentido, pergunto a Elza na sua visão, qual a importância que a instituição família tem dentro da instituição escola. Ao que ela responde que acredita ser de total importância, salienta ela que a instituição família é a base de qualquer sociedade e que essa é que dá respaldo para que as outras instituições possam desempenhar bem seu papel, e que dentro da instituição escola, a família deve ser presente, pois, o contrário torna o trabalho dessa instituição bastante difícil, também expõe que essas duas instituições devem estar afinadas, pois quando a proposta familiar ou os valores familiares diferem dos da escola, o aluno pode perder-se, no sentido de não saber a quem deve obedecer. E finaliza a questão dizendo que “que família e escola são duas

instituições que deveriam se dar as mãos desde o primeiro dia da criança que vem, sempre, todos os dias. Tanto para a educação, para a vida, quanto para a construção do conhecimento, para mim é fundamental a família” (Entrevista, 2019). Também sobre essa questão é importante considerar a participação das famílias na escola, que segundo a entrevistada depende do nível de ensino. No ensino fundamental até o quarto ano ela diz que há bastante participação dos pais, seja para apoiar algum projeto, como para questionar ou reclamar, dessa forma a família se faz presente, toda vez que é chamada para uma reunião ou para uma festividade, e que a medida que os alunos vão avançando nos níveis de ensino segundo Elza em uma análise mais psicológica explica que os pais param de frequentar a escola, pois segundo ela em suas falas o jovem aluno não os quer por perto, mas que, na verdade esses querem os pais assistindo suas apresentações e que os pais por não compreender isso acabam se afastando. O que é para a entrevistadora um problema, pois a escola precisa dessas famílias presentes e a escola não consegue que isso se efetive. Elza também relata que em conversas com os pais, em reuniões dos níveis, fundamental e de educação infantil, já foi confrontada acerca do tipo de reunião que a escola proporciona, dando a ideia a ela que a reunião formal como a escola faz, não interessa a eles, que preferem uma reunião para tratar de assuntos escolares mais informais, um “happy hour”, como cita a Diretora na entrevista.

Com essa fala a Diretora me faz refletir sobre uma nova geração de pais que adentram as escolas, com seus tempos contados, com sua vida planejada com tempos para cada momento de suas vidas, a velha máxima “tempo é dinheiro”, aplica-se na relação dessas duas instituições. O que deveria para os pais ser para os pais – a vida escolar de seus filhos- mais que um dever, um prazer, transforma-se em apenas mais uma obrigação a cumprir. E, é nesse sentido, que a Diretora reflete que a escola a toda hora deve estar se reinventando, que inclusive isso acontece na forma como se dá o contato com essas famílias. E termina sua reflexão sobre o assunto dizendo que nem sempre o que a escola propõe as famílias acatam, mas que essa faz a sua parte e que cabe a escola estar aberta a acolhida dessas famílias quando elas sentirem necessidade de irem até a instituição. E após essa questão, pergunto de que forma exatamente se dá essa relação com a escola e a família, ela descreve que é através de reuniões, que no início do ano há uma reunião geral, onde são colocados todos os principais pontos do ano letivo e que ao longo dos trimestres também há interação com as famílias através da entrega de notas trimestrais, assim como também ao longo do período letivo a escola faz ligações para as famílias daqueles alunos cujos rendimentos possam estar prejudicados.

Dessa forma a Diretora, encerrando que a escola tem mais fácil acesso aos pais na educação infantil do que em outros níveis de ensino:

E: É mais presença, o número é maior, o percentual de participação é bem maior. Os outros, quando começa de quinto ano pra cima... Mas, depende da atividade, por exemplo, tu faz o ECAS quarto e quinto ano, você tem 100% de presença das famílias na atividade, que é uma manhã toda, onde eles têm questões culturais, eles têm dança, eles têm uma série de atividades. Por isso que eu digo, toda vez que você envolve o filho, que o filho vai apresentar para o pai, que o filho tem alguma atividade que envolva, a família vem para ver o filho, eles não querem muito mais que isso. O momento que tu quiseres fazer qualquer tipo de formação, de reflexão, de grupo, fica bem mais difícil. (Entrevista, 2019)

Por fim, perceber a forma de relação que a escola mantém com seus alunos, juntamente com todos os dados até aqui levantados dessa instituição, é de suma importância para essa pesquisa. Nesse primeiro momento procuro compreender a visão da escola em relação a seus educandos, afinal, uma escola é feita não somente “de”, mas também “de” e para alunos.

Ao analisar essa relação no colégio Santa Clara, percebo no Projeto Político Pedagógico, e em alguns discursos em reuniões de formação, que o colégio pretende que seus alunos desenvolvam a capacidade de compreender o seu papel no mundo, mediado pelo educador e pela família, e, que também organize seu pensamento, construa seus conceitos e se comprometa a aplicá-los na conquista de novas aprendizagens; prepare-se para viver e conviver em situações do cotidiano (p.34). Ou seja, que o aluno desenvolva sua autonomia na busca do conhecimento, tendo no professor apenas um mediador desse conhecimento.

No entanto, entre o ideal e o alcançável, há um longo percurso. Percebo nos alunos da instituição, principalmente aqueles que recém adentram ao ensino médio, os da primeira série, que esses chegam “tutelados”, uso esse termo para tentar descrever a minha percepção, tutelados seria uma forma de caracterizar esses como alunos que estão acostumados a “receber” o conhecimento pronto e não a buscar por esse, como almejado no referencial teórico do PPP do colégio. Percebo também que esses alunos, desenvolvem certo percurso, chegando à terceira série do ensino médio, bem mais autônomos em relação a primeira série. Essa “tutela” é ratificada pelas famílias, que por vezes visitam a coordenação pedagógica para fazer algum tipo de reclamação em relação à aprendizagem de seus filhos. Os próprios alunos na maioria das vezes chegam até a coordenação pedagógica para reclamar de alguma metodologia de ensino aplicada por algum de seus professores ou de algo que não esteja satisfazendo plenamente a concepção que esses têm de ensino, não raro, formam comissões que falam por uma turma, ou chegam de dupla até as salas de coordenação e orientação. Se não atendidos

nessa primeira instância, recorrem aos pais, para que esses resolvam e esses se não atendidos recorrem a instância superior da direção. Percebo que os alunos são sempre ouvidos assim como suas famílias e o professor, no entanto, com o “andar da carruagem” acabam os alunos por conseguir aquilo que querem, seja a troca de alguma metodologia que não lhes agrada, ou a mudança de algum projeto, ou peso de alguma avaliação que esses não tenham concordado.

De tal forma, podemos analisar através do esclarecimento de Bourdieu (2015, p. 123) que o capital cultural de uma determinada classe é resultado de ações racionais que os agentes pertencentes à determinada classe produzem em relação ao cálculo dos lucros que podem ser garantidos pelos diferentes mercados.

(...) as práticas de uma classe determinada de agentes dependem não apenas da estrutura das chances teóricas médias de lucro, mas das chances especificamente ligadas a essa classe, isso é, da relação, em um momento dado do tempo, entre essa estrutura objetiva (cientificamente calculável) e a estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital (capital econômico, capital cultural, capital social) entendidas, sob o prisma ora considerado, como instrumentos de apropriação dessas chances (Bourdieu 2015, p. 123).

Retorno à frase que inicio esta abordagem, a escola é feita para alunos. Mas não se compõem somente deles, é necessário escutá-los sempre, no entanto, se de alguma forma a instituição vistoriar todas suas reclamações, em vez de formar cidadãos críticos, reflexivos, com autonomia, no lugar terá apenas cidadãos que acreditarão que suas vidas fora dos muros escolares se resolverão através de reclamações e das satisfações dessas.

Nesse sentido, na entrevista de Elza é possível perceber em sua fala em relação ao aluno como alguém constituído por diversas esferas e a relação do corpo escolar com esse, segundo ela, deve ser de parcimônia, visão essa que não é discutível, em relação que o cargo que essa ocupa e o papel que desempenha, dentro de uma instituição de ensino que ao mesmo tempo é uma empresa que precisa se manter, portanto, a moderação nesse caso é sempre bem vinda. Como a própria diretora já falou anteriormente aqui nessa pesquisa existe uma “clientela” que procura a escola. Desse modo, poderíamos denominar esses que aqui nessa escola são preparados para adentrar as universidades, sejam elas privadas ou federais, como elites dirigentes em função da sua preparação, não somente no percurso escolar, mas como também como herdeiros de uma classe que irá perpetuar aquilo que foi ensinados a eles.

As práticas do mesmo agente e, mais amplamente, as práticas de todos os agentes da mesma classe devem a afinidade de estilo, que faz com que cada uma seja uma metáfora de qualquer uma das outras, ao fato de que são produto das transferências incessantes, de um campo para o outro, dos

mesmos esquemas de percepção, pensamento e ação: paradigma familiar desse operador analógico que é o *habitus*, a disposição adquirida que denominamos “escrita”, isto é uma forma singular de traçar caracteres, produz sempre a mesma “escrita”, isto é traços gráficos que, a despeito das diferenças de tamanho, matéria e cor ligadas ao suporte – folha de papel ou quadro – negro –ou ao instrumento – caneta – tinteiro ou bastonete de giz; a despeito, portanto, das diferenças entre conjuntos motores mobilizados, apresentam uma afinidade de estilo, um ar de família imediatamente perceptíveis (Bourdieu, 2015, p.123).

Ainda sobre o assunto se pode analisar segundo Bourdieu (2015, p. 129/130), que a estratégia da reprodução do capital cultural em classes mais elevadas pode ser comparada a uma estratégia econômica. Uma vez que as estratégias educativas dessas classes consciente ou inconscientemente são inseparáveis das estratégias escolares familiares, dessa forma as estratégias e as crianças escolarizadas têm um aspecto particular no que tange ao investimento em longo prazo, esses não se reduzem somente a questão econômica ou monetária, mas sim perpassam a questão da preparação desses agentes sociais para receberem a herança de grupo.

Minhas próximas reflexões contidas na pesquisa são relativas ao processo educativo, uma análise multivariada, das falas sobre o papel da escola na formação dos jovens. E para compreensão do papel ativo dessa instituição, torna-se necessário compreender de que forma o que está envolvido nesse processo afeta o jovem aluno. A visão da escola, a ideologia do currículo, os processos de inculcação de uma determinada disciplina dependente da visão da escola, se fazem necessários. Segundo Appel (2008, p. 47): “O estudo das interconexões da ideologia com o currículo e da ideologia com a argumentação educacional tem importantes implicações para a área do currículo e para a teoria e política educacionais em geral”. Dessa forma, quando questiono gestores e supervisores acerca desse processo, é com o objetivo de refletir a importância que esse processo tem, tanto na reprodução dos percursos educacionais, como de que forma esses distinguem dentro das escolas, pública e privada aqui analisadas nesse estudo. Dessa forma:

(...) precisamos examinar criticamente não apenas como um aluno adquire mais conhecimento (a questão dominante em nossa área, voltada que é a eficiência), mas por que e como determinados aspectos da cultura coletiva são apresentados na escola como conhecimento objetivo e factual. Como concretamente, o conhecimento oficial representa as configurações ideológicas dos interesses dominantes de uma sociedade? Como escolas legitimam esses padrões limitados e parciais de saber como verdades intocáveis? (APPEL, 2008, p.47).

A forma de gestão e/ou condução de uma escola pode revelar muito do *habitus* secundário, aquele adquirido na escola, assim como a condução desse processo

educacional pode sancionar as desigualdades que o sistema de ensino proporciona. Nesse sentido busco a compreensão de algumas questões tais como a diretora da escola acredita que deve ser conduzido o processo educacional:

E: O processo de educação é um processo complexo, envolve muitos atores e penso que além dos atores que são pessoas, que seria os professores, a instituição, a gestora, o gestor, os gestores que são coordenadores, o professor também é um gestor, temos os alunos, temos as família e temos também um outro item, uma outra... Algo que também influencia que são as redes sociais, que hoje você não pode ficar isento disso. Isso também constrói o processo da educação. A educação, ela vai se fazendo por meio de uma série de fatores, que são seres humanos, mas também condições sociais onde a pessoa vive, o ambiente onde o aluno vive, onde a família vive, as crenças que a pessoa tem. Isso tudo vem para dentro da instituição e se você não tiver um processo de abertura muito grande, você não consegue fazer a gestão da educação. (Entrevista, 2019).

E sigo essa busca com a coordenadora da instituição privada, com algumas questões que tem significado para esse estudo e que embora não iguais me remetem a aquilo que Appel (2008, p.48), coloca: “tais questões devem ser feitas sobre pelo menos três áreas da vida escolar (1) como as normas diárias da escola contribuem para que os alunos aprendam essas ideologias; (2) como as formas específicas do conhecimento curricular tanto no passado quanto hoje refletem essas configurações, e (3) como essas ideologias se refletem nas principais perspectivas que os próprios educadores empregam para ordenar, orientar e dar significado a sua própria atividade”. Dessa forma Catarina (Entrevista, 2019), segue complementando a visão do processo educacional ligado à escola explicando que a essa toma suas decisões relacionadas tanto aos alunos quanto aos professores, ou seja, reuniões, festividades, notas abaixo da média, problemas com alguma disciplina, reclamações de alunos em relação aos professores e vice-versa, ou seja, tudo o que permeia a semana de uma escola, através de reuniões que acontecem semanalmente pela equipe administrativo-pedagógica. Coloca também que os alunos da escola devem cumprir um código disciplinar que a essa tem um documento onde estão colocados todos os deveres e direitos dos educandos, moral de comportamento e que além desse código existe um regimento escolar que esclarece as regras e acordos entre a instituição, educandos e famílias. Sobre a relação dos alunos e professores a coordenadora declara que:

Os alunos veem os professores não apenas como profissionais da educação básica os veem como amigos, como família. Acredito que essa relação seja possível, porque a escola segue uma filosofia clareana com acentuada espiritualidade. Claro que existem peculiaridades professores mais abertos, flexíveis e que usam de estratégias diversificadas de aproximação e diálogo como também há professores com estratégias ainda tradicionais e “conteudistas” que afastam o aluno de uma relação ativa e participativa. Porém, pode-se dizer que a grande maioria desenvolve uma relação afetuosa, de escuta e de diálogo permanente que por vezes extrapola os muros institucionais e ficam para vida toda. (Entrevista 2019)

Dessa forma, analisar todos esses processos que envolvem a educação e, portanto, os educandos e suas expectativas, dá aporte para o entendimento, por exemplo, que nessa relação entre aluno e professor, que a escola na fala da coordenadora coloca como “afetuosa” e de “escuta”, traduz o que no próximo capítulo é diversamente citado nas entrevistas dos alunos, que esses, influenciam-se através das falas de seus mestres, e talvez os professores não tenham a noção da extensão de suas falas dentro de uma sala de aula para adolescentes que estão em uma fase de escolhas. Como Appel (2008, p.48), sinaliza, os educadores devem ser mais conscientes dos compromissos ideológicos e epistemológicos que tacitamente aceitam e promovem com o uso de certos modelos educacionais e tradições.

2.2 - A ESCOLA PÚBLICA.

Mais uma vez, inicio, minha análise, expondo o quão difícil é colocar-se na posição de pesquisadora e indo além da profissional que faz parte do quadro de funcionários da escola. E no caso dessa escola, ainda há um fator a mais, pois, componho a equipe diretiva da escola, e por vezes minhas observações e anotações me davam uma percepção diferenciada daquilo que vivenciava. Esse momento da pesquisa foi de bastante reflexão além da observação.

Essa pesquisa começou no segundo semestre de 2018 e se estendeu por todo o ano de 2019. O estudo iniciou em uma gestão escolar e teve seu término em outra, contrário à escola privada o cargo de direção de uma escola pública estadual se dá através de eleição com tempo de três anos podendo ser reeleito por mais três. E é justamente nesse período de “fervor” de eleições e montagem e apresentação de “chapas” que começo a desenvolver a pesquisa na Escola Estadual de educação Básica João Barbosa²⁰.

A escola João Barbosa, está localizada em um dos maiores bairros da cidade de Santa Maria - RS, inicialmente chamado de COHAB (Companhia de Habitação, teve seu nome alterado para Bairro. É um bairro periférico da cidade e conta com aproximadamente 35 mil habitantes, sendo que dentro do próprio bairro, há outras comunidades que foram se formando em seu entorno e, que por sua vez são mais periféricas ainda. Sendo assim, para delimitar o público da escola estadual é necessário entender que, em sua grande maioria, a escola recebe alunos vindos dessas diferentes

²⁰ O nome da Escola é um nome fantasia, para preservar as identidades dentro da pesquisa.

comunidades. O bairro em questão conta com uma população pertencente a classes populares, também com comerciantes, professores universitários, funcionários públicos, e pequenos empresários, assim como políticos locais, que podem ser situados como classe média.

A escola situa-se na avenida principal do bairro, e conta com uma estrutura física bastante vantajosa se comparada a outras escolas estaduais da cidade. Sua estrutura conta com biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências, refeitório com cozinha industrial acoplada, ginásio e 24 salas de aula climatizadas, sala de recursos do AEE (Atendimento Educacional Especializado) e mais 08 salas administrativas. É uma escola que tem uma boa estrutura porque foi pensada para ser uma escola de tempo integral, foi construída para ser um dos centros Integrados de Educação Pública (CIEP).

A escola está composta por 784 alunos, 71 professores e 13 funcionários divididos entre merenda, financeiro, serviços gerais, recursos humanos e secretaria. A equipe diretiva é composta pela diretora, três vices – diretores, um por turno, três supervisores, um por nível de ensino, duas educadoras especiais dos turnos da manhã e tarde e uma orientadora educacional, dados esses relativos ao ano de 2019. Funciona em três turnos (manhã, tarde e noite), segundo alguns professores que estão na escola há bastante tempo, essa já chegou a contar com números mais expressivos de alunos, em torno de 1000. A redução em torno das matrículas, conta com alguns fatores como a baixa de matrículas que vem acontecendo ano a ano no estado do Rio Grande do Sul, dado esse obtido através do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) que divulgou os dados do censo de 2018 da educação básica, onde houve um decréscimo significativo em relação ao censo de 2015, com redução de 4,5% nessas matrículas (dados consultados no site da secretaria de educação do Rio Grande do Sul). Particularmente no caso da escola João Barbosa outros fatores influenciam fortemente essa baixa, como a proximidade de outra escola estadual, que fica a poucas quadras da mesma e que segundo alguns pais e alunos que fazem parte desse bairro tem o processo educacional melhor. Esse explica outro fator que pode contribuir para a menor demanda por matrículas na escola, a “má fama” que a escola adquiriu ao longo do tempo, de ser uma escola que os professores não estão interessados em ministrar aulas assim como de que há a aprovação compulsória, parecendo dessa forma que a escola não está interessada em que haja ensino /aprendizagem. Esse primeiro fato que trago na pesquisa é um dado de observação, retirados da fala de

alguns alunos, que tive oportunidade de conviver, mas não necessariamente daqueles que entrevistei. Percebo que, de certa forma o bairro está com uma divisão, onde aqueles que moram na parte mais central do bairro estão matriculados na outra escola, aquela que é considerada, dentro da comunidade, melhor e, alunos que vêm das partes mais periféricas desse bairro, onde as classes populares se mostram mais carentes, frequentam a escola João Barbosa. Portanto, a escola trabalha com alunos de baixa renda, que muitas vezes necessitam da merenda servida na escola para complementar a alimentação. Algo que leva esses alunos à primeira oportunidade a trabalhar, e a escola passa a ser mais uma exigência associada ao mercado de trabalho do que a oportunidade de aprendizagem.

Em função das eleições que estavam ocorrendo em 2018, centrei meu olhar para a pesquisa e coleta de dados no ano de 2019, o processo eleitoral da direção se deu em novembro de 2018, e contou com duas chapas. Uma composta pela gestão que atuava no ano de 2018, e outra que saiu vencedora e que compõem a atual gestão.

Prosseguindo a análise da escola, pedi a supervisão cópia do PPP (Projeto Político Pedagógico), foi enviado ao meu e-mail um documento com 21 páginas. O documento em vigor foi escrito no ano de 2015 e tem vigência até o ano de 2020. Muitos dos dados descritos nesse relatório são defasados em relação a 2019, em função da escola já ter outra estrutura, inclusive curricular, e também pelas alterações das leis na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) no ano de 2018. Nele está descrito os itens que exponho a seguir, turnos de funcionamento e horários, equipe diretiva, contextualização histórica e caracterização da comunidade escolar, dados atuais que contém a formação da escola, bem como conselho escolar onde está descrito a composição desses. Também conta com o item da associação de pais e mestres onde está contida a finalidade dessas, o diagnóstico com base nos indicadores de matrícula, fluxo, evasão, reprovação, distorção série e idade e aprendizagem. Faço um adendo nesse ponto da pesquisa, pois a análise do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola se torna bastante difícil, percebo que este é bastante confuso, sem uma sequência lógica nas suas diretrizes, de forma a não contemplar uma sequência de apresentação dos itens nele contido, nem seguir uma lógica de fácil compreensão, por exemplo, em vez do documento começar apresentando a escola e sua visão, missão e princípios, começa por outros itens e depois chega a esses.

O próximo item contido é sobre a visão, a missão e princípios da escola, ponto de referência para que se possa compreender a condução do processo educativo dentro

da instituição, e que segundo o item, a escola tem o objetivo de “Promover uma educação básica, gratuita e de qualidade, assegurando o acesso e permanência à escolarização pública e formal de modo a permitir a continuidade dos estudos no nível superior e o acesso ao mundo do trabalho.” (p.7), ainda coloca como sua visão ser “referência na formação integral do educando, a partir da construção dos conhecimentos escolares e do estabelecimento de relações interpessoais de respeito à diversidade”(p.7), e tem como base os princípios de “Autonomia, responsabilidade, cooperação e cordialidade e respeito às diferenças”, o alcance da escola em relação a sua missão ou objetivo parece mais ser um ideário distante no que tange a questão da educação de qualidade, pois, a escola já tem dificuldades de manter seus alunos frequentando regularmente ela. Nesse caso, objetivar ser referência na formação integral do educando, fica um ponto distante a ser atingido. Na sequência ainda é apresentado dentro do documento, fundamentação teórica e bases legais, além de um plano de ação que diz a respeito a metas e ações que a escola precisa alcançar para efetivamente desempenhar seu papel de instituição de ensino, conta ainda com o estabelecimento de questões pedagógicas, tais como metodologia, conteúdos e avaliações e sua sistemática, bem como também descreve a forma que devem se apresentar os resultados e a recuperação desses no processo de ensino/aprendizagem, e delibera sobre o conselho de classe. Também descreve questões relacionadas à sala de apoio a alunos e sala de recursos, bem como sobre um programa já não mais em vigência chamado “rádio escola”. Chama atenção que a escola tem em seu PPP (Programa Político Pedagógico) descrito todas as normas de convivência, e por fim coloca sobre a formação continuada dos professores.

As normas de convivência são uma espécie de código contendo regras que os alunos devem seguir para que a escola possa ter seu funcionamento pleno, bem como para que esses já internalizem a vivência, além-muros da escola, ou seja, a vida em sociedade. Essa análise me reporta a Norbert Elias, na sua obra *Processo Civilizador*, que Carlos Fonseca Brandão discute a teoria o controle das emoções no processo de civilização, alinhando essa a educação e explica:

A teoria dos processos de civilização proposta por Elias, baseia-se na defesa de que, toda e qualquer transformação ocorrida na estrutura da personalidade do ser individual (psicogênese), produz uma série de transformações na estrutura social em que o indivíduo está inserido. Da mesma maneira, as diversas transformações que ocorrem constantemente nas estruturas das sociedades (sociogênese), especialmente nas relações sociais, produzem alterações nas estruturas de personalidades dos seres individuais que a compõem. (BRANDÃO, 2002 p. 374 – 375)

A escola Carlos Barbosa estabelece em seu PPP (Programa Político Pedagógico), muitas normas que são previamente estabelecidas pela SEDUC (Secretaria de Educação), sua mantenedora. Portanto sua autonomia em relação a conteúdos e avaliações, por exemplo, é limitada, o que está colocado em seu PPP vem já estabelecido, e a mudança é uma constante, pois, dependendo do governo que assume uma nova diretriz é ditada e por ser pública a instituição não tem a autonomia da privada. O ensino politécnico do ensino médio começou a ser implementado em 2012 e até 2014 já estava completamente efetivado no estado. Traz uma série de modificações que seguem sendo implantadas ao longo dos anos subsequentes e, por exemplo, no que diz respeito a avaliações e sua sistemática, muda drasticamente, passa-se a ter áreas de conhecimento e não mais disciplinas isoladas, as notas numéricas passam para conceitos, a saber: CSA (construção satisfatória de aprendizagem), CPA (construção parcial da aprendizagem) e CRA (construção restrita da aprendizagem). O aluno é reprovado se obtiver CRA em duas áreas de conhecimento. Se ele ficar com CRA em uma área, será aprovado de ano e acompanhado por um Plano Pedagógico de Apoio Didático (PPDA). Nele, estão descritas as dificuldades que o aluno deve corrigir com ajuda dos professores. Bastante confusas no começo essas trocas no método de ensino tanto para professores quanto para alunos, acabou por cada escola fazer de sua maneira e de acordo com o seu entendimento. Desde que ao final as notas, no sistema informatizado da mantenedora fossem colocadas com os respectivos conceitos. Dessa forma os alunos são avaliados segundo o PPP, com “A finalidade da avaliação é que sirva para intervir, para tomar decisões educativas, para observar a evolução e o progresso do aluno, para planejar, e, se preciso intervir ou modificar determinadas situações ou atividades que estão sendo desenvolvidas no decorrer do processo visando à qualidade do ensino e da aprendizagem do aluno”. Quanto à metodologia, a escola não deixa muito clara no documento, fala apenas da inter e transdisciplinaridade, como método de trabalho, sem maiores explicações.

Minha coleta de dados nessa escola se deu da mesma forma que na outra, além do manuseio de documentos, da observação participante, também apliquei questionário à supervisora que respondia pelo ensino médio e entrevista gravada com a diretora da escola. A supervisora que nomearei de Manuela²¹ e a diretora nomearei aqui de Ana

²¹ Os nomes aqui usados são nomes fantasias para preservar a identidade dos colaboradores dessa pesquisa.

Maria²². A supervisora da escola bastante solícita, apesar de seus vários afazeres, tem como característica marcante ser uma pessoa que rapidamente atende a todos que solicitam sua ajuda e está sempre em busca de conhecer e estudar sobre o que possa não saber. A diretora uma jovem de 35 anos, concorreu a direção e teve sua chapa vencedora mostra sua jovialidade e inexperiência ao assumir no ano de 2019 a direção de uma instituição do porte dessa. A jovialidade é mostrada no dia a dia nos corredores da escola, muito querida pelos alunos, desempenhava o papel de professora de educação física desses, teve o público que deu a maioria dos seus votos, juntamente com a família dos mesmos, entre os colegas professores a diretora não teve a maioria de votos. Mas teve a maioria dos votos dos outros segmentos. Talvez o fato da diretora ser jovem, ter adentrado ao serviço público a pouco tempo e não ter tido experiência em posições de comando, e ter assumido uma instituição do porte dessa escola tenha deixado a mostra a inexperiência em delegar atribuições. Em momentos em que observei essa escola durante a pesquisa essa esteve mais comandada pelos seus vice-diretores e supervisora, do que por ela própria, eram constantes as mudanças a tudo que se relacionem as relações pedagógicas dentro da escola, eventos como passeios de estudos e/ou festividades eram marcadas e desmarcadas de uma hora para outra, sem prévio aviso, trocas de horários no quadro dos professores, avisos não eram dados aos alunos sobre a falta de aula em determinado dia, e muitos desses dependem de transporte e com isso era necessário que permanecessem o dia todo na escola. Enfim, as programações da escola pareciam ser feitas com um mínimo de antecedência e não parecia haver uma organização e discussão quanto à importância das atividades que ali seriam desenvolvidas. As reclamações tanto por parte dos alunos como por parte dos professores eram constantes em relação à desorganização por parte da equipe. Recordo-me da fala de alguns alunos que faziam parte de uma turma do ensino médio, que colocavam, a escola está legal, a professora Ana Maria está se esforçando, mas falta organização, nós ficamos sabendo das coisas em cima da hora, reclamava o aluno. A inexperiência que me referi aqui talvez se dê por ser o primeiro ano de uma gestão que precisa de muitos ajustes e que são esperados pela comunidade escolar.

Procuro na entrevista com a diretora, se a condução da sua gestão, está centrada em alguma questão ligada a sua visão educacional. Quando perguntada sobre a sua visão da condução do processo educacional, Ana Maria que seguiu sua profissão de

²² Nome fantasia.

educadora, por influência da avó e dos pais, que também são educadores e que em seu percurso escolar passou por escola privada e pública, com processos educacionais que ela chamou de rígidos, no que tangia a disciplina ou conduta e está na profissão docente há 09 anos, e no momento da entrevista estava em seu primeiro ano no cargo como diretora, responde a questão da seguinte forma (Ana Maria, entrevista, 2019): Sobre o processo educacional a diretora expõe que a condução do processo educacional deve ser com amor e carinho. Segundo ela só é possível ter êxito na educação se existir amor, carinho e respeito com a individualidade de cada educando, tendo em vista que cada um desses alunos traz uma carga emocional e familiar. A fala da diretora se sobressai a minhas reflexões, pois sua visão está muito voltada para seu público de escola de bairro mais periférico. Dessa forma observo que a fala e a preocupação da gestora da escola pública se aproxima bastante da fala da diretora da escola privada, Ambas falam em processos educacionais feitos por e para humanizar, assim como as duas têm a mesma consciência em relação a questão social, e ao meio pertencente do educando. Da mesma forma, reconheço aproximação na fala das duas gestoras em relação a estar no comando de instituições de ensino do porte dessas duas. A palavra usada pelas duas gestoras foi “desafio”. A diretora da escola privada coloca o desafio em termos de administrar uma instituição centenária e de renome na cidade, já a gestora quando pergunto sobre em que sentido seria esse desafio, ela responde que:

E: Desafiador no sentido tanto pessoal, quanto profissional, que envolve muita coisa, é uma responsabilidade muito grande, além da questão do trato como ser humano, a questão dos professores, a questão dos alunos, é o como eu digo como eu disse antes, são pensamentos diferentes, são posições diferentes, são atitudes diferentes e que na verdade, todas elas necessariamente têm que estarem puxando para o mesmo lado ou têm que estar com a mesma visão para que as coisas realmente funcionem, então na verdade é um desafio muito grande fazer com que de certa forma seja canalizado tudo para o mesmo objetivo. (Entrevista 2019).

No entanto, é necessário compreender que a diretora, em seu primeiro ano de gestão está delegando trabalhos por não conseguir abarcar toda a gama de conhecimentos burocráticos existentes dentro da esfera pública. O que pode explicar as reclamações que por vezes escutei dentro da escola.

Em relação aos dados técnicos de apresentação da escola, segundo a entrevistada, a escola conta com aproximadamente 784 alunos, desses, 180 fazem parte do programa do governo federal Bolsa Família e 71 professores e está organizada da seguinte forma: equipe diretiva composta pela diretora e três vice-diretores; supervisão escolar composta por três supervisores; orientação educacional composta por uma

orientadora, além dos setores de recursos humanos composto por uma funcionária e a secretaria composta por duas funcionárias. Ainda questionei Manuela uma das supervisoras da escola, que está no cargo há mais tempo, pois estava na gestão anterior no mesmo, sobre questões referentes ao processo educativo e administrativo da escola, formação de professores, bem como sobre as relações na comunidade escolar. Ela responde que as decisões relativas ao processo educacional são tomadas pela equipe diretiva, e que o currículo da escola tem sua composição com base na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e no Referencial Gaúcho²³.

Uma das características da escola pública é que a cada troca de governo acaba essa tendo um novo currículo assim como uma nova forma de avaliação. A escola pesquisada em específico, no ano de 2019 passou a contar com o ensino médio integral, que preconiza a estada dos alunos em tempo integral na escola, tendo disciplinas da grade curricular separadas em áreas ciências humanas, ciências da natureza, linguagens e suas tecnologias, e matemática e suas tecnologias, em um turno e em turno inverso disciplinas complementares, como projeto de vida, produções interativas, estudos orientados e culturas juvenis. Esses alunos permanecem na escola, durante a manhã é servido almoço para esses e a tarde seguem seus estudos. O tipo novo de educação gerou forte fuga dos alunos da escola, que teve que fechar turmas do turno diurno, assim como aqueles que não mudaram de escola, passaram sua matrícula para o turno noturno da escola, pois, em sua grande maioria os alunos não podem se dedicar em tempo integral a escola, pois ou trabalham a tarde para ajudar na renda familiar, ou fazem algum tipo de curso que lhes resguardam uma bolsa que também é contabilizada na renda familiar, ou ainda precisam ficar em casa para ajudar a cuidar dos irmãos mais jovens que vão à escola no mesmo turno que eles, uma vez que os pais estão trabalhando nesse momento. Além disso, o currículo gaúcho hoje conta com três tipos, um ensino médio, o normal que está em suas últimas turmas, dividido em áreas de conhecimento, um ensino médio de tempo integral que embora a proposta inicial pareça algo bom, se deve lembrar que é impossível a implementação desses, em escolas que contem com um público que não pode se dedicar integralmente à escola, pois necessita ajudar na renda familiar, fora a questão da escola, que embora segundo a diretora receba verba para alimentação, conta com quadro precário de recursos humanos que trabalham

²³ É um documento elaborado pela Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), em colaboração com a União Nacional dos Dirigentes Municipais da Educação (UNDIME/RS) e o Sindicato do Ensino Privado do Rio Grande do Sul (SINEPE/RS), norteador dos currículos das escolas gaúchas.

nesse setor. Além disso, para que a escola fosse escola “garantida” esse é o termo usado para a fase de testes de implementação desse novo modelo de ensino, foi prometido a essa um quadro maior de recursos humanos, tanto de professores, como de merendeiras, de auxiliares de serviços gerais e de monitores, o que não foi efetivado. E, por fim, também conta com o novo ensino médio que está em fase de implantação, esse último desenvolvido na última reforma da educação. Os processos pelos quais esses alunos passam em relação à educação e as suas questões de trabalho me remete a Willis (1998, p.12), quando ele expressa como essas questões curriculares podem estar ligadas ao conceito de força de trabalho e como ela é preparada em nossa sociedade para ser aplicada.

Os processos através dos quais a força de trabalho vem a ser subjetivamente entendida e objetivamente aplicada, e suas inter-relações, são de profundo significado para o tipo de sociedade que é produzida e para a natureza e formação particular de suas classes. Esses processos ajudam a construir as identidades dos indivíduos particulares, assim como formas distintivas de classe tanto nos níveis cultural e simbólico quanto nos níveis econômico e estrutural.

Seguindo a perspectiva de Appel (2008, p.48), assim como na escola privada, analisei sobre alguns aspectos da vida escolar, tais como a construção do PPP (Projeto Político Pedagógico), o tipo de regramento em relação a disciplina dos alunos na escola, pois, torna-se quase impossível a vivência sem regras dentro de uma instituição, assim como as relações de interação entre os agentes da comunidade escolar, pois, como o autor explica:

Sem o entendimento desses aspectos da vida escolar - entendimento que os conecta seriamente a distribuição, qualidade e controle do trabalho, poder, ideologia e conhecimento cultural externo às nossas instituições de ensino - a teoria educacional e a elaboração de políticas educacionais provavelmente tenham um impacto menor do que poderíamos esperar.

Manuela, a supervisora que esclarece sobre esses aspectos expondo que o projeto político pedagógico (PPP), é construído através das formações com os professores e debates com a comunidade escolar, e que em relação às regras que a escola estabelece de vivência e convivência, são amplamente divulgadas para os alunos e comunidade escolar, em cada sala tem um código de moral colado em seu mural, e que quando essas regras são ultrapassadas, utiliza-se de advertências a esses e há o registro e conversas com os alunos juntamente com os pais e/ou responsáveis. Sobre as relações mantidas na instituição, ela discorre que entre professores e equipe diretiva é de colaboração e respeito, e que com os alunos por vezes essa relação fica abalada em função da indisciplina de alguns alunos.

A gestora entrevistada tem forte inclinação a trabalhar os desajustes sociais encontrados em sua escola, possivelmente traga de sua trajetória de professora e treinadora de times da escola, onde pode ter contato mais de perto com a realidade dos alunos e de suas famílias. Recordo-me de algumas passagens do ano de 2018, quando a diretora ainda treinadora do time de futsal da escola, carregava – os em seu carro particular para poderem participar de torneios escolares, e aqueles que não conseguia carregar, pagava a passagem de ônibus desses, para que pudessem se deslocar. Dessa forma, possivelmente seja da vivência dessas condições que a gestora traga a sua visão de educadora, quando perguntada, ela diz acreditar que o educador é “um transformador, um guia, um influenciador” que pode fazer com que os educandos sejam estimulados a conquistar seus espaços (Entrevista 2019). Sobre os entraves encontrados pela gestora, sua visão difere da diretora da escola privada, enquanto aquela cita a questão das famílias, essa fala sobre entraves burocráticos relacionados às questões financeiras e também pedagógicas, no sentido de mudanças curriculares frequentes assim como também cita a questão de gestão de pessoal, pois, sendo uma escola relativamente grande, e com um corpo de funcionários significativos, a gestora indica que é difícil manter uma uniformidade de pensamentos e ações, para que a escola se torne uma engrenagem que trabalhe em prol de seus alunos.

Na parte da entrevista que esclarece a relação da escola com a família, a diretora se mostra bastante convicta em suas respostas de que é imprescindível que exista a participação da família, e lamenta a falta dessas na escola quando solicitadas. Se na escola privada nem sempre se verifica a presença da família, na pública tem-se ainda menos e são raros os casos de hiper investimento familiar (Lahire, 1997) na educação. A partir da experiência da pesquisadora e da observação realizada para a pesquisa ao longo dos últimos dois anos é perceptível a pouca participação das famílias em qualquer atividade que essas sejam solicitadas, seja, entrega de notas, reuniões de turmas, essas bastante comuns quando há algum problema generalizado de disciplina, em que já foram tomadas todas as medidas cabíveis à instituição e que só resta a essa a procura pelas famílias, para que essas ajudem na disciplina das turmas, uma vez que, qualquer outra medida além de atas contendo acontecimentos é vetada à escola. Para que algum aluno por falta de disciplina ou por transgressão de regras contidas no regimento da escola seja convidado a se retirar da escola pública, antes, deverá passar por uma série de atas, reuniões com pais, reunião com a coordenadoria de educação local, práticas restaurativas e mesmo assim haverá a possibilidade de que esse aluno não saia da

instituição. O caminho mais curto por vezes ainda será uma conversa com a família sugestionando que matricule o filho em outra escola, uma vez que esse não se adequa às regras da escola.

Quando questiono a gestora sobre a importância da instituição família, dentro da instituição escola, a resposta desta se aproxima muito da resposta da diretora da escola privada, colocando que é de total importância, pois, as duas chegam ao ponto comum de que não é possível que a instituição escola tenha êxito sem a ajuda da família, e que a presença dos pais ou responsáveis dentro da escola é necessária também. Outro ponto de aproximação entre as entrevistadas é em relação aos pais que mais se fazem presentes na escola, assim como na escola privada, na escola pública a representatividade dos pais se dá de forma mais acentuada nos anos iniciais do percurso escolar dos estudantes. Ana Maria vai mais além e ainda coloca que a escola espera de seus alunos um mínimo de educação e respeito e que isso a base está na família que a escola enquanto instituição pode aprimorar isso, mas o desenvolvimento dessas condições morais vem da família.

A fala da diretora me faz refletir não somente sobre a questão do *habitus* que é de primordial relevância na análise das questões ligadas à família e que na fala da entrevistada se desnuda, mostrando que esse *habitus* primário constituído no seio familiar condiciona a aquisição de novas disposições, mas também sobre a questão que Bourdieu (2018, p.44) sobre o peso da hereditariedade, onde esclarece que “A relação que os sujeitos mantêm com sua condição e com os determinismos sociais que a definem faz parte da definição completa de sua condição e dos condicionamentos que ela lhes impõe”. Dessa forma ainda pode-se explicar sobre a questão da pouca participação dos pais na escola, que parecem esses esperarem da instituição a totalidade da educação de seus filhos e que na verdade a essa só cabe uma parte. Sobre essa participação dos pais em eventos da escola a gestora relata que esses não são muitos participativos e que essa é uma das metas dela em relação a sua gestão. Trazer os pais para dentro da escola, para que sejam mais presentes e ajudem a escola no processo educacional, para que seja um trabalho em conjunto. A diretora fala ainda que sente falta dessa participação e que se recorda de seu percurso escolar onde os pais sempre foram muito presentes. Com o desdobramento da questão, pergunto qual a diferença que ela percebe entre uma escola onde há uma família presente e onde não há essa presença. Ao que ela responde que percebe não somente mudança nas questões comportamentais, mas que também acredita que uma vez que a família esteja presente, o aluno sente-se mais seguro, e mais importante, uma vez que a família esteja acompanhando seu

percurso escolar. E reforça que o trabalho educacional deve ser feito em conjunto, e quando questiono no caso desse trabalho não estar alinhado ela responde que:

E: Eu acho que há uma falha tanto em termos de aproveitamento, quanto em termos de comportamento, quanto em termos de conduta dentro de uma escola, quando tu tem problemas e tu não tem a quem recorrer, então acaba a escola não podendo agir sozinha, uma vez que por mais que seja responsável pelo aluno, ele é responsável pelo aluno do portão para dentro, ele tem o poder de modificar pensamento, ele tem o poder de influenciar, mas não é só a escola, então tem que ser um trabalho em conjunto a partir do momento que os pais também fazem e fora da escola e dentro da escola. Então tem que haver um sincronismo para que se consiga dar certo. (Entrevista, 2019).

Bourdieu esclarece que o êxito escolar desses alunos pode se dar através daqueles alunos e pais que têm a propensão a investir na escola e que adere a autoridade da instituição escolar, reforçando a sua importância. Ou seja, deve ser criado um *habitus* nesses alunos para que esses possam superar seus desalentos do meio social e ter êxito escolar.

Seria sem dúvida vão, nessas condições, procurar um encadeamento linear de causas no emaranhado de relações significativas que leva a uma prática objetivamente ajustada ao provável. É assim que, ao ser apreendido segundo os esquemas de apreciação que se encontram nas categorias de alunos e pais mais diretamente submetidas à autoridade escolar, o êxito escolar (por sua vez, determinado - ao menos em parte - pela detecção dos índices que servem sempre de base à cooptação, tais como as boas intenções relativamente à instituição) funciona como um estímulo reativante que redobra a propensão a investir na escola e reforça o efeito de consagração exercido pela sanção escolar, portanto, a adesão à autoridade da instituição escolar. (BOURDIEU, 2015, p.123-124).

E: Na questão da aprendizagem, eu acho que não tem como tu separar uma coisa de outra na verdade, a questão da aprendizagem é um resultado de todo esse conjunto, vai tarefa para casa e o pai estuda junto, o pai aprende junto, o pai vai estar presente, o pai sabe o que acontece, o pai realmente faz parte do contexto educação. O aluno não aprende simplesmente dentro do colégio, a família também tem que estar presente em toda essa questão. (Entrevista, 2019).

Ainda sobre essas questões relacionadas ao processo educacional e a família, pode-se buscar em Lahire (1997, p.29) a elucidação para essas questões dentro das classes populares, segundo o autor o sucesso ou insucesso da criança em seu meio escolar, deriva da forma de condução da escolaridade da criança, como essa é levada aos estudos e de que forma obtém ajuda por parte dos familiares. Lahire (1997, p.32), ainda ilumina sobre outras questões que nos meus questionamentos tentei analisar, sobre a influência da relação dessas duas instituições sobre os alunos, ou seja, de que forma se dá a relação entre essas instituições, assim como também sobre as expectativas que a instituição escola tem em relação ao seu educando, essa última através da questão que fiz a diretora sobre o que a escola esperava de seus alunos. Quando o autor coloca

que o êxito escolar, para ser analisado, falar em modelos sociais é inadequado, uma vez que se devem levar em conta outras variáveis, trabalhar com conceitos de origem social, meio social e grupo social, segundo o autor são categorias muito amplas, e que essas variáveis se apresentam em casos singulares. Sendo assim, dentro dos meios populares quando defrontados os casos singulares e considerados as complexidades existentes neles, as hipóteses da totalidade se tornam fracas como exemplifica ele com seus casos pesquisados:

Ser militante não garante de forma nenhuma o “sucesso” escolar da criança, não mais que o simples controle moral rigoroso, que o superinvestimento escolar ou que o capital cultural adquirido. Mas é preciso perguntar, por exemplo, se os diferentes casos de pais dispõem de tempo e ocasiões favoráveis para exercer, plena e sistematicamente, seu efeito de socialização escolarmente positivo. (LAHIRE, 1997, p.30).

Assim sendo, a resposta da diretora sobre a sua condução no processo educacional e a relação que a escola mantém com as famílias parece levar mais em conta o que Bourdieu coloca do que Lahire. Parece que nesse aspecto as respostas buscam dar explicações mais amplas.

E: Tenta-se ser feito, mas por ser uma região, por ser uma escola onde tradicionalmente não acontecia isso e a escola já não é nova, então já está muito tempo dentro da questão educacional, então é um processo que é muito gradativo, é um processo que lentamente está sendo feito, a questão de se chamar os pais, ou a questão de se chamar para reuniões ou chamar para... eu sempre tive muita, desde que eu entrei na escola, eu sempre observei que os pais sempre eram chamados para o colégio, quando se o aluno tinha problema e eu acho que não pode ser assim, eu acho que os pais têm que ser chamados para se elogiar que o filho está bem ou o pai tem que ser chamado para alguma comemoração que a escola faça, o pai tem que ser chamado para fazer parte de toda essa questão, não simplesmente, "ah, o pai é chamado no colégio porque o aluno fez alguma coisa errada". Então isso é uma coisa que eu sempre observei e achava que não podia ser, acho que a família tem que estar presente dentro da escola em todos os momentos, até eu acredito que se ele estiver presente em outros momentos, vai se evitar muito a questão de se chamar simplesmente porque o aluno fez errado, ou porque o aluno deixou de fazer. (Entrevista, 2019)

Assim como em suas expectativas em relação a esses jovens, também é possível observar o discurso do êxito escolar colocado por Bourdieu, que é alcançado através do *habitus*, que esses possam desenvolver ou ter desenvolvido:

E: Eu, enquanto professora que estou gestora, mas sou professora, eu acho que pessoalmente falando, o que mais eu espero é que acima de tudo eles sejam felizes, que acima de tudo eles saiam da escola pessoas melhores, que acima de tudo eles saiam da escola pessoas capazes de enfrentar o mundo, que eles saiam pessoas capazes de argumentar, de se posicionarem diante de qualquer situação, essa é a minha visão enquanto professora. Agora, enquanto gestão, enquanto a equipe diretiva, com certeza se espera que acima de tudo eles sejam pessoas de sucesso, né? Além da questão pessoal, que eles tenham uma questão profissional muito... Que independente da profissão que eles escolham, seja para fazer um curso técnico, seja para ingressar no mercado de trabalho, para se fazer uma faculdade, que independente do que a situação permita que eles façam, independente do que eles queiram fazer, que acima de tudo eles sejam os

melhores no que eles se propuserem a fazer, seja em um curso superior, seja em um trabalho, mas acima de tudo eles sejam capazes de se equiparar com qualquer pessoa. Independente de ser de escola pública, independente de virem da comunidade da onde eles vêm, mas de se colocar no mesmo patamar de qualquer um, jamais se colocar para baixo, jamais se colocar inferior, eu acho que essa é a maior visão enquanto escola, de que eles sejam pessoas de sucesso e que eles consigam êxito no que eles optarem por fazer. (Entrevista, 2019).

Em minha última questão pergunto se a diretora sobre a influência da instituição escola nas expectativas profissionais de seus educandos, ao que ela responde negativamente, colocando que essa se daria mais em função de alguns professores, mas não da totalidade de agentes que compõem a escola e nem da estrutura que essa instituição representa na vida dos indivíduos em sociedade.

E: Enquanto escola, eu acredito que ainda não haja, eu acho que todas as influências e todas as buscas dos alunos concluintes são muito mais pessoais, são muito mais... de alguns professores são muito mais pontuais e não tanto quanto escola, é muito mais direcionado a alguns professores, não em termos de escola de forma geral. (Entrevista, 2019)

Encerro minha entrevista tanto com a supervisora, quanto com a diretora, dessa instituição, com a observação de que perspectiva e vontade de fazer alguma coisa pelos seus alunos existem, mas os discursos indicam dificuldades relacionadas ao processo educacional.

De tal forma, é possível perceber que a relação entre família e escola em qualquer um dos discursos é de suma importância, é ponto essencial para que as instituições consigam cumprir seus papéis dentro da sociedade, percebo assim como Durkheim (1983, p.78) explica, essas como compondo um organismo maior que é a sociedade, e se, uma delas falhar em sua função, irá dar reflexo na outra, existe entre elas interdependência.

Esse é ponto de aproximação visto na fala das duas direções das duas escolas pesquisadas, assim como a percepção da importância que os pais dão à escola, pelos níveis educacionais, enquanto entre as crianças os pais são mais presentes nas duas escolas, à medida que esses vão crescendo, segundo expuseram as duas diretoras o interesse dos pais parece diminuir. O ponto de diferenciação é o que se observa, em relação à participação das famílias, enquanto na pública pesquisada, é bastante restrita, na privada embora reduzida a presença em séries finais, ainda é maior a participação da família. Dessa forma encontro em Bourdieu (2015), o esclarecimento em relação a essa questão.

Assim a propensão das famílias e crianças escolarizadas a investir dinheiro, esforços, esperanças no sistema escolar, tendem a reproduzir (nos dois sentidos) a relação objetiva entre a classe de agentes em questão e a

instituição escolar que se exprime concretamente através de índices práticos, tal como a presença no universo familiar (família restrita ou extensa “relações” de vizinhança ou de trabalho) dos secundaristas ou universitários dos *bachilleries* ou *licenciés*. As sanções positivas ou negativas da instituição escolar não podem fazer mais do que trazer um esforço secundário às certezas práticas da estatística espontânea que leva a sentir como natural e normal ou como improvável, inesperado ou impossível o acesso a esses diplomas ou instituições. (BOURDIEU, 2015, p. 124 -125).

A forma da constituição curricular e principalmente como ele é desenvolvido dentro da escola, é outro fator que deve ser levado em conta, um mesmo currículo, em termos de conteúdos pode ser desenvolvido de formas diferentes e pode tornar-se perpetuador de desigualdades e segregação social (Moura, 2007), a escola que disciplinadamente fizer cumprir os conteúdos estabelecidos como mínimos e que estarão nos processos de seleção para adentrar a universidade, possivelmente aproximará mais seus alunos dessa, e como se pôde observar, dentro dessa pesquisa a escola privada trabalha mais efetivamente para que isso aconteça do que a pública, isso se apresenta nos três simulados que essa submete aos seus alunos, contra nenhum da pública. Não se trata de reduzir à escola a produção de “treineiros” para exames de seleção, sabe-se que ela ultrapassa essa dimensão, mas exponho nessa questão em específico, pois observo que se apresenta em uma delas – a privada - de forma eficaz e em outra – a pública - de forma inexistente. Dessa maneira a escola além de perpetuar as desigualdades sociais ao mesmo tempo às legitima como Bourdieu (2015) expressa:

Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que – sob as aparências da equidade normal – sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola, contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitimam. Conferindo uma sanção que se pretende neutra, e que é altamente reconhecida como tal, a aptidões socialmente condicionadas que trata como desigualdades de “dons” ou de mérito, ela transforma as desigualdades de fato em desigualdades de direito, as diferenças econômicas e sociais em “distinção de qualidade”, e legitima a transmissão da herança cultural. Por isso, ela exerce uma função mistificadora. Além de permitir à elite se justificar de ser o que é, a “ideologia de dom”, chave do sistema escolar e do sistema social, contribui para encerrar os membros das classes desfavorecidas no destino que a sociedade lhes assinala, levando-os a perceberem como inaptidões naturais o que não é senão efeito de uma condição inferior e persuadindo-os de que eles devem seu destino social (cada vez mais estreitamente ligado ao seu destino escolar, à medida que a sociedade se racionaliza) – a sua natureza individual e a sua falta de dons. (BOURDIEU, 2015, p. 65-66)

Há aqui nessa sentença uma série de fatores que influenciam essas desigualdades, não basta expor as diferenças entre aqueles que frequentam um sistema escolar privado e outro público, deve-se levar em conta as formas que essas duas escolas desenvolvem suas metodologias, os juízos professorais, como tratam das

questões de origem de classes existentes dentro de cada uma delas, bem como o esforço produzido por essas no sentido de compreender de que forma que se dá a internalização das diversas regras e saberes que são desenvolvidos por cada uma dessas.

As cifras sistemáticas que ainda separam, ao final do *cursus* escolar, os estudantes oriundos dos diferentes meios sociais devem sua forma e sua natureza ao fato de que a seleção que eles sofrem é desigualmente severa, e que as vantagens ou desvantagens sociais são convertidas progressivamente em vantagens e desvantagens escolares pelo jogo das orientações precoces, que, diretamente ligadas à origem social substituem e redobram a influência dessa última. Se a ação compensadora que a escola exerce nas matérias diretamente ensinadas explica, ao menos parcialmente que a vantagem dos estudantes oriundos das classes superiores seja tanto mais marcada, quanto mais se afasta dos domínios culturais diretamente ensinados e totalmente controlados pela escola, somente o efeito de compensação ligado a superseleção pode explicar que, para um comportamento como o uso da língua escolar, as diferenças tendam a se atenuar ao máximo e mesmo a se inverter, pois que os estudantes atualmente selecionados das classes populares obtém, nesse domínio, resultados equivalentes aqueles dos estudantes das classes altas, menos fortemente selecionados, e superiores aqueles dos estudantes das classes médias, igualmente favorecidos pela atmosfera linguística de suas famílias, mas menos fortemente selecionados. (BOURDIEU, 2015, p. 57-58).

Aproximações e distanciamentos são notados a todo o momento dentro das duas instituições pesquisadas, seja pelo modo de condução da gestão, seja pela visão sobre os alunos dessas, nas pessoas que aqui elas estão representadas, seja nas práticas desenvolvidas nas relações pedagógicas ou com a família. Se uma caracteriza-se pela organização, pelos anos de experiência de gestão, sem interrupção, outra pelas dificuldades de organização ou falta de comunicação entre os pares, é notável que essa instituição vai além de sua posição de estabelecimento de ensino. É uma instituição que juntamente com a família pode ser formadora de conduta, de posição social, *de habitus* e de composição de capital cultural. E, portanto, apesar das suas possibilidades como agente transformador, tem-se mostrado, sobretudo, como um instrumento de reprodução e tendo essa característica a função de mobilidade social pode ficar prejudicada.

Dessa forma como expõe Bourdieu (2015), a escola atual, na sua forma hegemônica, não tem sido espaço de mobilidade social e por ser uma instituição dá status de legitimidade às desigualdades sociais e ainda “sanciona a herança cultural e o dom social”, tratado como “dom natural” (BOURDIEU, 2015, p.45).

Por fim, dentro desse universo pesquisado, vale a reflexão sobre o objetivo ou como colocam a “missão” que as duas escolas indicam em seus PPPs (Projetos Políticos Pedagógicos), retomo aqui o que essas declaram como sua base pedagógica e se dentro da instituição privada, a missão se constitui como “oferecer educação de qualidade em vista da formação humana e científica, cultural e social, irradiando os princípios (...) e

da visão da integralidade” (2019, p.10), dentro da escola pública, o olhar para essa missão, é “Promover uma educação básica, gratuita e de qualidade, assegurando o acesso e permanência à escolarização pública e formal de modo a permitir a continuidade dos estudos no nível superior e o acesso ao mundo do trabalho”. (2007, p. 7) retomo essas duas citações, pois elas esclarecem um ponto central do *habitus*, de um lado a escola que prima pela formação humana e científica com visão de integralidade, por outro a que prima pela continuação dos estudos no nível superior e o acesso ao mundo do trabalho. E, o que percebo é que, em uma há preparação de integralidade com vistas à entrada no ensino superior e a preparação, sobretudo, de mão de obra técnica em outra. Esse dado que exponho, percebi em diversos discursos dos agentes que compõem as duas escolas pesquisadas, por parte dos professores principalmente, onde nitidamente expõem suas formas de trabalho em direção ao sistema de seleção (escola privada), e trabalham com essa perspectiva, pois, de fato quanto mais alunos forem aprovados em processos de seleção, maior será a propaganda e credibilidade da instituição perante pais, o que por consequência gera mais turmas, que significam mais horas/aulas, que geram mais lucros e, portanto, trabalho assegurado, por outro lado dentro da educação pública há a estabilidade do professor além da institucionalização de alguns agentes, que por falta de perspectiva de melhora salarial, bem como de melhora no status social de sua profissão, usam o discurso dos dons naturais, o que significa que para muitos desses agentes, os alunos não têm condições de seguir adiante em seus estudos, são crianças que não tem “vocação” para o estudo, ou as famílias não estão preocupadas, dizem a maioria, ratificando o discurso de reprodução escolar.

De toda forma, Bourdieu (2015, p.125) ilumina quanto a essa questão, quando declara que “o *habitus*, isto é, o organismo do qual o grupo se apropriou e que é apropriado ao grupo, funciona como o suporte material da memória coletiva: instrumento de um grupo tende a reproduzir nos sucessores o que foi adquirido pelos predecessores, ou, simplesmente, os predecessores nos sucessores”. Apesar de importante e desejável, entrevistar a gama de agentes que compõem as escolas, bem como analisar os discursos professorais acerca dos alunos, bem como a forma que esses trabalham em cada uma das instituições tornaria esse trabalho inviável, pela enorme categorização de dados de exposição deles. Seria um trabalho à parte, tal a abrangência de conceitos pedagógicos e do mundo do trabalho que envolveria a pesquisa.

Dessa forma encerro esse capítulo, onde apresentei todos os discursos coletados nas entrevistas de forma a seguir refletindo os temas e problemáticas em foco nessa

pesquisa. O próximo capítulo apresentará as reflexões da pesquisa a partir dos discursos dos alunos entrevistados nas duas escolas.

CAPÍTULO III – JOVENS - EXPECTATIVAS DE VIDA E/OU DE PROFISSÕES

“E: Eu acredito que afeta não só em mim como em todo mundo, porque, principalmente jovens nunca têm uma decisão absoluta e que nunca irá mudar daquilo que quer, assim, é uma fase de transição, de decisões e de ideias embaralhadas na cabeça e que sim, influencia e já me influenciou também na minha decisão”. (Manuel, 2019).

A pergunta que levou a essa resposta acima era se o aluno acreditava que havia sido afetado de alguma forma, quando os pais expuseram, mesmo que de forma implícita, os sonhos que teriam em relação às suas escolhas futuras.

Com a explicação de Manuel²⁴ inicio a apresentação das minhas entrevistas. Preferi delimitar dessa forma a escrita, apresentando em primeiro momento os jovens e seus sonhos/expectativas futuras, e após acessar a família através das entrevistas para que pudesse observar o quanto o capital cultural, o *habitus*, as disposições e inclinações, conceitos norteadores dessa pesquisa, se apresentavam nas falas desses jovens e de suas famílias.

Após isso passo a fazer, da mesma forma, uma reflexão sobre a instituição escola e sua influência sobre esses jovens finalistas do ensino médio da escola pública e privada. Dentro das questões que estavam relacionadas à família, tive o cuidado de expor mais longamente as respostas para que pudesse fazer a análise da importância dessa instituição social nas expectativas profissionais juvenis.

Nessa pesquisa apresento seis entrevistas com jovens da escola pública e seis entrevistas com jovens da escola privada. A escola pública está dividida em três turnos, sendo assim, entrevistei dois alunos de cada turno para fechar as seis entrevistas, enquanto a escola privada está composta de apenas um turno e contempla três turmas do turno da manhã e foram entrevistados dois alunos de cada turma. Nesse estudo tanto as escolas como os estudantes receberam nomes fictícios. Entrevistados da escola pública João Barbosa, Pedro, Anita, Mauricio, Janaína, Joana e Patrícia. Entrevistados do Colégio Santa Clara: Cintia, Luísa, Daniel, Daiana, Elisa, Manuel.

Em relação ao mundo do trabalho, na escola pública quatro são estudantes trabalhadores, Patrícia, Janaína, Joana e Anita, nenhuma fazendo parte do menor aprendiz, desses entrevistados apenas Pedro fazia parte do programa jovem aprendiz, mas havia saído recentemente do trabalho. Já da escola privada dois jovens estavam em

²⁴ Os nomes dos alunos entrevistados nesse trabalho são fantasia, para preservação das identidades dos colaboradores desse estudo.

contato com o mundo do trabalho, Manuel como menor aprendiz, mas havia se desligado há poucas semanas antes da entrevista, e Elisa, que trabalha em seu tempo livre dando aulas de patinação, fez de seu passatempo profissão, e também é cantora.

3.1 – A FAMÍLIA E SUAS EXPECTATIVAS

Começo a apresentação dos dados coletados com a questão pertinente a suas escolhas de vida, ou escolhas profissionais, opto por iniciar com esse dado, para delinear após esses de que forma foram influenciados pelas instituições família e escola, assim como para passar a compreender o *habitus* desenvolvido em cada um desses.

Quando converso com esses educandos acerca de suas expectativas em relação ao mundo do trabalho percebo que há entre eles uma aproximação, independente se da escola pública ou privada, todos já têm seus objetivos bem delineados, quando perguntados sobre o que pretendiam para seus futuros, responderam fazer alguma graduação que os levasse ao mundo do trabalho pretendido. As escolhas profissionais são bastante variadas, como mostram as entrevistas, algumas com peculiaridades, mas de forma geral, observo que mesmo bastante jovens, já têm suas escolhas bem amparadas teoricamente. Com exceção de Manuel, que até o momento da entrevista ainda não tinha decidido exatamente qual curso fazer, estava indeciso entre Direito e psicologia.

Pedro da escola pública diz que já havia planejado após terminar a escola seguir a carreira militar, e que uma vez que estivesse dentro do exército, conseguiria dinheiro para poder então cursar a faculdade que havia escolhido, qual seja, Engenharia civil, que segundo ele é a área que mais gosta e se interessa. Mauricio, da escola pública fala que gostaria de passar no curso de medicina no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), esse seria seu sonho, mas estudar “por conta” (sem fazer cursinho pré- ENEM) segundo ele é muito difícil, então percebe no exército uma chance de crescer e dessa forma conseguir passar no sonhado curso de medicina.

Já Cíntia, da escola privada, responde que a escolha profissional dela há acompanha muito tempo, mesmo antes de estar dentro do Colégio Santa Clara, como ela coloca:

E: Esse momento de escolha, ele veio para mim muito antes de eu entrar no Santa Clara, desde que eu comecei a entender que eu precisaria ter uma fonte de renda e que eu precisava fazer uma coisa que eu gostasse, eu comecei a pensar. E eu sempre fui muito influenciada pelo fator econômico, eu sempre quis ter uma estabilidade econômica muito boa, eu sempre pensei: “eu quero ter mais, eu quero ter condições de fazer isso” e isso influenciou na minha escolha. Eu quero ser militar, eu estou estudando para isso, eu já fiz os concursos, estou prestes a fazer outro mês que vem.

A aluna refere-se a processos seletivos para a entrada na academia do exército brasileiro que há muito pouco tempo abriu-se para essa modalidade de mulheres poderem adentrar e fazerem carreira no exército, uma vez que pode inclusive ser cursado dentro dessas academias cursos que são de graduação de ensino superior.

Nesse ponto da apresentação dos dados, me chama atenção algo em comum nas três entrevistas colocadas acima, Pedro, Mauricio e Cíntia, pretendem carreiras militares como forma de ascensão no mundo do trabalho, os três têm o mesmo discurso acerca de entrar para o exército e seguir carreira, para cursar graduação. Pedro pretende Engenharia Civil, Maurício, quer medicina e Cintia, pretende fazer carreira da academia militar, que são cursos de graduação próprios das escolas do exército²⁵.

Os próximos entrevistados já colocam uma diversidade maior de profissões, no entanto percebo que medicina, um dos cursos tomado como um dos mais pretendidos aparece em um universo de doze entrevistas, por duas vezes como escolha, e profissão pretendida.

Anita da escola pública, aluna de notas muito boas dentro da escola João Barbosa, tem um estilo diferenciado e adora personagens japoneses, e por vezes frequentava a escola com peruca rosa e vestida como os personagens, autenticidade a definia. Teve problemas com os colegas, pois, destoava de tudo o que eles julgavam correto, ela seguiu com suas características, mas foi abrandando sua forma de vestir e suas perucas com o passar do ano letivo. Responde acerca da profissão escolhida:

E: Eu pretendo, primeiramente, trabalhar por dois motivos, o primeiro é para a minha carreira e o segundo é para a minha vida pessoal. O para a minha carreira é porque eu quero ter tudo pronto na questão dos materiais, como eu quero fazer moda, eu quero, por exemplo, ter uma mesa de corte, uma máquina de costura, todos os materiais que eu preciso e a questão pessoal é que eu quero ir morar fora, morar com um amigos e tipo, namorados e amigos. Namorados, é como se eu tivesse vários, mas é... um namorado e um amigo, ou um amigo se eu não estiver namorando na época.

Dessa forma ela explica que sua pretensão de morar fora do país está ligada também a expectativa do curso de graduação, no momento tem predileção pelo curso de designer de moda.

²⁵ No que diz respeito às expectativas associadas à carreira militar faz-se fundamental lembrar que se trata de jovens nascidos e criados em Santa Maria. Essa cidade comporta o segundo maior contingente militar do Brasil (Eggers, 2019, p.142). Isso significa que na socialização familiar e escolar dos jovens do local a instituição exército se faz presente de modo significativo no imaginário e na paisagem da cidade.

Seguindo nessa perspectiva de profissões que pendem para o mundo cultural, minha entrevistada do Colégio Santa Clara, a jovem Elisa, tem como dom a música. Canta desde cedo. E, por vezes, cantava em alguns bares da cidade acompanhada da família sempre. No colégio, em algumas situações era convidada a cantar, de personalidade forte e determinada quando perguntada a respeito das suas pretensões futuras responde que quer trabalhar com ela mesma, o que significa trabalhar com sua imagem e de forma autônoma. Pretende seguir alguma carreira ligada à internet, mídia social e deseja alcançar isso através de algum curso de graduação, mas não especificou qual.

A próxima entrevistada, Joana, uma jovem sorridente do noturno da escola João Barbosa, com seus 22 anos, mãe, esposa, dona de casa, estudante e trabalhando como cabelereira, pretende o curso de Jornalismo e quando perguntada sobre seus planos, diz que almeja sair da profissão que exerce agora, pois essa profissão segundo ela foi a que ela teve acesso, foi o que “lhe foi apresentado” nas palavras dela, e que por enquanto está nela para poder ter uma renda que ajuda em casa, e que quando conseguir entrar em um curso de graduação, assim como faz com a escola, pretende conciliar o trabalho e a graduação, já que não é opção parar de trabalhar para cursar uma graduação.

A próxima entrevistada também pretende seguir na área de comunicação, Patrícia estuda no turno da tarde da escola João Barbosa e, no momento, trabalha, e gostaria de cursar publicidade propaganda ou artes cênicas, como ela expõe:

E: Eu estou entre duas opções ainda para a faculdade que é a faculdade publicidade e propaganda, que é uma área que eu gosto por causa da fotografia e tudo e, como segunda opção é artes cênicas, porque eu sempre gostei desse lado e também tem a ver com a parte de fotografia, filmagem e tudo mais. Aí eu estou na dúvida ainda, eu fiz para as duas, né? O que for, eu vou fazer, mas, é isso assim porque eu tenho aquela coisa ainda, se eu vou estar morando em Santa Maria, se eu vou para outra cidade, como é que vai ser. Eu tinha escolhido uma cidade que é longe e a mãe já me cortou, tipo: "não vai não, porque é longe demais", aí está, essas coisas assim, porque na cidade onde a minha mãe mora tem publicidade e propaganda, mas não tem artes cênicas, então se eu passar pra esse eu não vou poder ir, vou ter que continuar em Santa Maria para poder fazer faculdade.

Janaína, estudante do noturno da escola João Barbosa, também trabalhadora, é amparada pelo discurso da mãe de esforçar-se para conseguir cursar uma graduação. Tem como objetivo cursar Biologia, que segundo ela é uma disciplina que gosta muito dentro da escola.

Daiana estuda no colégio Santa Clara, uma menina bastante sorridente, e que aparenta ansiedade em relação a suas escolhas profissionais, apresenta discordância

entre o que ter que fazer e o que de fato gostaria, fala em ser escritora, mas analisa as questões relacionadas ao retorno financeiro e diz resolver fazer uma graduação que lhe dê estabilidade financeira para que depois possa fazer o que realmente deseja. Escolhe Direito como graduação a cursar.

E: Eu primeiro eu quero ser feliz. Eu quero ser escritora, só que o que, que eu vou fazer para isso, não é mesmo? É complicado, então eu decidi que eu vou fazer o vestibular para Direito, o Enem para Direito, e a UFRGS que eu vou fazer também, e vou nesse meio do Direito, eu pretendo ir mais para a área internacional, porque é o que eu gosto mais, realmente. Queria muito ir para fora do país, espero que eu consiga, esse é um plano que assim, que eu tenho há muito tempo e que eu sonho muito em concretizar ele. E eu quero ter minhas coisas, minha vida, minha casa, meu carro, meu cachorro, meu cachorro eu já tenho, minha família, sabe?

Ainda questiono a aluna se pretende fazer a graduação para ter estabilidade econômica, ela responde que sim, mas que na realidade gostaria de ser escritora.

Luísa, também do colégio Santa Clara, tem muito bem definido o que pretende em sua futura profissão, me explica que ao contrário do que os colegas, alguns professores e a maioria das pessoas pensam, não dava toda a valorização a profissões como Direito ou medicina, que a profissão que pretendia seguir, não tinha um status social tão elevado, mas que era algo que ela queria e que seguiria como coloca a seguir:

E: Eu pretendo fazer faculdade de Contabilidade, e daí eu acho que eu não quero trabalhar numa empresa, eu tipo, fazer uma empresa, eu prefiro trabalhar em alguma, ser empregada no caso, porque eu acho, eu vejo pelo meu padrasto que ele tem muitas responsabilidades, porque ele é, tipo, ele não tem férias, ele se priva de muitas coisas por causa disso, então eu acho que eu prefiro talvez fazer um concurso público pra ter estabilidade, e daí eu pretendo viajar quando eu conseguir, pra vários lugares, essas coisas, ter uma família.

O próximo entrevistado também demonstra bastante atitude em relação ao seu futuro. Sua decisão de curso parece não ter abalo algum, é algo que ele coloca como sendo já decidido, tanto que na metade do ano o aluno já havia prestado vestibular como forma de treino, e havia sido aprovado no curso pretendido. O curso de medicina. Segundo ele é um objetivo a ser atingido formar-se em medicina, pois tem muitos planos e metas como viajar, ter conforto, estabilidade financeira, e para isso ele necessita uma boa renda que segundo ele pode ser atingida através da profissão de médico.

Manuel, do Colégio Santa Clara, de todos entrevistados esse é o único que tem ocupação laboral, trabalha como jovem aprendiz em uma loja da cidade no turno da tarde. Manuel não consegue definir exatamente o curso que pretende fazer, mas deixa claro que planeja fazer um curso de graduação, mas no momento pensa primeiramente em trabalhar. Sua fala é muito próxima a fala de alguns alunos da escola pública, onde primeiramente é necessário que ganhe dinheiro para após fazer uma graduação,

E: Agora, logo que eu estou saindo da escola, creio que também por todas as pessoas que estão saindo, a maioria, no caso, têm esse pensamento relacionado à profissão e eu pretendo, futuramente, estudar, chegar ao nível de estudo que eu quero para realizar minha profissão, ter uma estabilidade financeira, posteriormente também, junto com a estabilidade financeira, provavelmente ter uma família e concluir meus objetivos.

Dessa forma, nessa primeira análise percebo as diversas aproximações que existem nesse mundo jovem, e passo a analisar de que forma esses jovens chegam a essas escolhas ou de que forma esses jovens criam essas expectativas em relação ao mundo do trabalho, bem como se suas famílias e escolas tiveram algum tipo de influência nelas.

A configuração familiar dos entrevistados é um dos assuntos que aponto nessa pesquisa em função de nela conseguir observar o início do delineamento do capital cultural, bem como o *habitus* que esses entrevistados trazem ou não em suas expectativas de escolhas de profissão.

Com o pensamento de Bourdieu (2018, p.27) de que, de todos os fatores entre sexo, idade, afiliação religiosa entre outros, o que mais fortemente influencia o meio estudantil é a origem social, começo a analisar dentro dos meus pesquisados de que forma se exprime essa questão. Para tal faço a análise em primeiro plano dos entrevistados da escola pública Carlos Barbosa expondo a configuração familiar desses, bem como seus hábitos culturais, viagens, leitura e a seguir aponto para as questões relativas às suas visões em relação à influência que suas famílias possam mesmo que inconscientemente inculcar sobre as suas expectativas no mundo do trabalho.

Pedro mora com os avós maternos, embora tenha contato com os pais que moram em outra cidade, foi criado pelos avós desde pequeno e é por eles sustentado também. Segundo ele, tem contato diário com a mãe por telefone, mas a sua criação e sustento se dá pelos avós. A renda da família vem do avô que é aposentado de uma estatal de sociedade de economia mista, e a avó é dona de casa. A escolaridade deles, uma é de nível médio (o avô) e outra de nível fundamental (da avó). Quando perguntado

sobre seus hábitos culturais, de leitura, viagens e lazer, o aluno coloca que não tem o hábito de leitura, que quando o faz é através de jornais e internet e sobre seu assunto favorito que é na área dos esportes. Também relata que vê mais seu avô lendo e também essas leituras relacionadas a jornais e notícias, e que sua avó ele só percebe leitura na internet.

Sobre seus momentos de lazer em família ou com amigos e sobre as viagens, ele destaca que seu tempo de lazer é usado com a família e com amigos, que usam o tempo de lazer com a família para conversar e com os amigos para sair e beber. Em relação às viagens quando perguntado se é um dos hábitos familiares, Pedro responde que:

E: É. Por motivos de os meus avós... eu morar com os meus avós e eles serem aposentados, eles não saem muito, ficam mais em casa cuidando. E aí, praticamente é... é eu e o meu irmão. Só que a gente vai pra Santa Catarina assim, onde a minha mãe mora. Já eles ficam mais em casa. Só final de semana, quando tá muito quente, a gente vai pra (...) daí, pescar um pouco.

Quando perguntado sobre a influência que a família exerceu ou exerce sobre suas expectativas, em relação ao mundo do trabalho e como ele avalia se houve ou não influência, responde que:

E: Praticamente, sim. Todos os meus tios, os meus avós, o meu pai, a minha mãe, sempre me apoiaram a seguir o que eu quero. Ham... a Engenharia, o meu pai já... o meu pai é engenheiro praticamente. E daí ele sempre me apoiou a seguir a área que eu gosto. E daí eu botei na minha cabeça que eu praticamente quero fazer isso e daí eu tô seguindo em frente.

Chama-me atenção que Pedro diz que o pai já é “praticamente” engenheiro, e que isso para ele é uma forma de influência, fico confusa com a palavra “praticamente” da resposta, e questiono se o pai tem graduação em engenharia, ele responde que o pai trabalha com isso e entende muito sobre o assunto, no entanto não tem graduação. A tentativa de explicar sua expectativa profissional parece desnudar outra expectativa do aluno, a de que o pai fosse alguém graduado, com uma profissão que desse status social e profissional maior, e ao que tudo indica é calcado nessa expectativa que sua escolha pela engenharia civil tenha sido pautada.

Sobre esse desejo de ascensão, me remeto a Bourdieu (2015, p.54) que esclarece sobre a questão em seu texto sobre a escola conservadora.

De maneira geral, as crianças e suas famílias se orientam sempre em referências forças que as determinam. Até mesmo quando suas escolhas lhes parecem obedecer à inspiração irredutível do gosto ou da vocação, elas traem a ação transfigurada das condições objetivas. Em outros termos, a estrutura das oportunidades objetivas de ascensão social e, mais precisamente, das oportunidades de ascensão pela escola condicionam as atitudes frente à escola e à ascensão pela escola – atitudes que contribuem, por uma parte

determinante, para definir as oportunidades de se chegar à escola, de aderir a seus valores ou suas normas e de nela ter êxito; de realizar, portanto, uma ascensão social (...).

Ainda nessa perspectiva, pergunto se em relação ao seu futuro profissional, em algum momento sua família havia explicitado sobre sonhos em relação ao futuro profissional dele, e se, em caso positivo, de que forma isso havia lhe afetado.

E: Sim. Mas não... não afetou muito. Porque, tipo, o meu pai, ele queria que eu fosse... que seguisse carreira... ham... musical, músico, porque ele é músico também. E aí, a minha vó... a minha vó toca um pouco também, lá em casa praticamente quase todo mundo é músico. Ham... daí eles sempre me apoiavam, mas só que como eu te disse, isso é praticamente um hobby. E daí, eu deixei a música mais...

Dessa forma, meu olhar sobre essa entrevista é depositado sobre o que me parece ser um estado de múltiplos querereres, entre o que o aluno quer, o que os familiares querem e o que os familiares apoiam, pois o dado colocado sobre o aspecto da cultura musical reconduz meu olhar a essa entrevista. Pedro é um mosaico de situações e querereres, quer engenharia civil, pois o pai trabalha e entende muito sobre a área, até então me parecia apenas o reflexo social de uma profissão com valorização de status elevado, mas ao mesmo tempo o pai também trabalha com música, assim como a mãe, e isso segundo ele seria aquilo esperado e desejado pelos pais, no entanto, ele seguirá aquilo que decidiu e que todos apoiam. Ao que me leva a constatar que talvez a influência que ele recebe é por parte da criação dos avós, ou que, de alguma forma ele pretende se distanciar do tipo de vida que os pais escolheram e/ou puderam ter.

Anita, a próxima entrevistada, mora com a família conjugal, segundo ela bem tradicional, composta pelo pai, mãe e o irmão mais novo. O pai atualmente é motorista de uma empresa multinacional e a mãe estava trabalhando como auxiliar de serviços gerais em uma fábrica da cidade. A escolaridade dos dois é ensino médio completo, finalizado no EJA (Educação de Jovens e Adultos). Segundo Anita, ela passou boa parte de sua vida estudantil trocando de escola, de fato, contei cinco escolas citadas na entrevista, essas em diferentes bairros da cidade. A menina marcou minha memória, pelo fato de que quando a conheci tinha predileção por usar roupas e perucas relacionadas a personagens japoneses. No entanto, ao longo do ano suas perucas e roupas de personagens japoneses já não faziam mais parte do dia a dia. Moletons, camisetas e calças jeans tomaram seu lugar. Anita expõe quanto às suas atividades extraescolares, e me esclarece que no momento trabalha das 14hs às 19hs e estuda pela manhã, portanto, não há sobra de tempo para atividades além do trabalho. Sobre o lazer

com a família e os amigos ela coloca que eles costumam em seus tempos livres juntos e que agora em função do trabalho, há finais de semanas que ela trabalha e que, portanto, já não disponibiliza mais desse tempo junto com a família, e amigos, mas, quando tem essa disponibilidade, segundo ela:

E: Quando a gente sai, ou a gente vai para a casa de algum parente, para a casa de algum amigo dos meus pais, daí teve esses dias, tipo, festa, coisa assim. Ou para o shopping, coisa assim, mas muito raramente a gente sai para a cidade, geralmente é só uma vez por ano, no natal.

E em relação aos amigos:

E: Com os amigos aí tem mais atividades, tanto em shoppings, chamar para a minha casa, tipo, olhar filme, jogar, fazer essas coisas assim, cozinhar juntos.

Sobre viagens, se é habitual ou somente em períodos de férias, Anita me diz que:

E: Há um hábito de viagem só quando é férias mesmo, porque o meu pai trabalha de motorista... Mesmo que ele tenha final de semana livre, a gente não tem tanto tempo assim. Mas geralmente é só em férias que a gente tem tempo, recursos e etc. para poder viajar.

Sobre suas leituras, se ela costuma ler, se há um hábito familiar em relação a isso, ela expõe que:

E: Eu tinha muito mais antigamente, hoje em dia não tanto, mas recentemente eu comecei a ler de novo, tipo, livros mesmo, mas eu sempre li bastante notícia, até relatórios de pesquisa de alguma coisa que eu me interessasse, tanto de psicologia... uma época eu lia muito, muita coisa de psicologia e foi uma coisa também que melhorou muito o meu inglês, porque como a maioria dos textos bons que eu achava eram em inglês, eu acabei me forçando a aprender bastante.

Fico curiosa sobre o Inglês, e pergunto se conseguia fazer leitura em outra língua, a aluna responde afirmativamente, e então questiono se ela fez algum curso.

E: Não, nunca fiz aula de inglês, mas eu acabei aprendendo sozinha, principalmente por conta da leitura e também de histórias fictícias, que as próprias pessoas escrevem, eu escrevia bastante uma época, eu ainda escrevo, de vez em quando eu sento na frente do pc e escrevo, uma época eu até fiquei bem chateada, porque eu não podia, porque o meu notebook tinha estragado as teclas e eu não tinha como escrever, eu tinha que escrever no teclado virtual com o mouse, mas eu escrevia bastante e lia muito, assim, eu queria ser a que devorava livros.

Segundo Dayrell (2007), o jovem pode ser visto como um ator plural, ele pode ser visto dessa forma, pois, é constituído socialmente não somente pelas orientações das instituições e sim de uma pluralidade de universos e experiências sociais. O jovem contemporâneo tem a característica de estar em constante mudança, tem a postura da

experimentação de testar seus limites, seu universo simbólico é composto por um modo de ser que inclui música, vídeos, visual, livros, “trocas de ideias” e os coloca como apreciadores ao mesmo tempo em que produtores desses. E mesmo com os limites do lugar social que ocupam, há características que os determinam, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas experiências de vida e posicionam-se diante delas, possuem desejos e propostas de mudança e melhoria de vida. São processos ritualísticos que delinearão sua passagem para a vida adulta. Dessa forma, Rivière (1997) esclarece que o rito exerce a função de ser um produtor de significação assim como de estabilização da vida social, com consequências aos participantes dos grupos por revestir um caráter coletivo e de carga afetiva contida nos símbolos. Símbolos esses que compõem o universo juvenil, de forma a delimitarem suas maneiras de agir e viver, que através dos mais variados estilos, demarcam suas identidades.

Sigo a entrevista nesse sentido, de tentar perceber o quanto a leitura influencia a vida da estudante e o quanto ela está relacionado ao capital cultural. Pois, percebo que isso é algo que embora seja próprio da aluna, e não imposto pela família, vejo nesse fator, por exemplo, a influência em suas notas já que, Anita era considerada uma ótima aluna, raramente com notas baixas. Questiono o tipo de leitura que ela costuma fazer e de que forma se dá o seu acesso a livros, bem como se seus pais têm esse hábito. Anita responde em relação ao tipo de livro:

E: Tipo era muito livro educativo, só que eles não davam assim para a gente ler, eu que pegava na escola assim e lia por mim, ou eu ganhava muito livro, alguns eu comprei, eu tenho uma coleção ainda de livros.

E sobre o hábito de seus pais:

E: O meu pai não tem muito o hábito de leitura, ele está melhorando a leitura dele agora, porque na nossa casa tem a célula e aí eles lêem a bíblia, eles fazem estudos religiosos, então ele está melhorando a leitura dele através disso. A minha mãe já lê um pouco mais, ela lê umas notícias de vez em quando, uma época ela lia muitos livros, mas ela prefere ler coisas didáticas, assim, que ela tem muito interesse no estudo e ela chegou a fazer um curso de segurança no trabalho, ela só não terminou por outros motivos que ela teve que parar o curso.

Observo aqui, que aparece um dado que de alguma forma pode ter influência na mudança de estilo de Anita, a questão religiosa aparece na família.

Quando questiono, como ela avalia a influência de sua família na escolha ou expectativa profissional ela esclarece que:

E: Aí da família sim, desde que eu era criança, eu desenhava muita roupa e sapato e essas coisas, porque eu achava muito bonito, então eu desenhava muito. E logo a minha avó começou a falar que eu ia ser estilista e a minha mãe sempre, digamos que, sempre me apoiou nisso, quando eu comecei a desenhar

bastante, que foi por volta de 2011, 2012, aí ela comprava materiais de desenho para mim, eles sempre gostaram que eu fizesse isso e me apoiaram nessa escolha de arte e de ser artista dessa forma.

Também questiono sobre o acompanhamento de sua vida escolar, se os pais têm o hábito de acompanhar sua vida escolar, Anita diz que:

E: Eles acompanham pelo que eu falo para eles.

Forço a pergunta para que ela fale de que forma eles fazem esse acompanhamento. Se não costumam ir à escola para a entrega de notas, por exemplo.

E: Não, principalmente o meu pai, como ele... Antigamente era só ele que trabalhava fixo, ele acabava não vindo, porque ele trabalhava os dois turnos, né? Então só tem de noite e como ele viaja, muitas vezes por mais que ele poderia vir à escola, ele não vinha porque estava viajando. A minha mãe já vem mais e ela acompanha bastante o meu irmão, porque ele tem bastante dificuldade, mas eu, é que eu nunca tive muita necessidade de ter esse acompanhamento, porque eles sempre viram que eu estava fazendo as coisas e que eu estava lendo bastante, como eu já falei, então eles nunca sentiram a necessidade de estar muito em cima, só me perguntavam: "está indo bem?"

E quando pergunto sobre se em algum momento, seus pais falaram de seus sonhos e expectativas em relação à profissão que ela escolheria ou ao seu futuro, e se em caso afirmativo, se de alguma forma isso afetou suas expectativas em relação ao mundo do trabalho, ela responde que:

E: Eles não tinham nada especificamente, eles só tinham coisas que eles achavam que eu poderia vir a seguir, mas a única coisa que eles queriam que eu fizesse era faculdade e que eu trabalhasse. Fora isso eles não tinham nenhuma especificação de qual faculdade, de qual área, de qual emprego, de como eu trabalharia, se eu trabalharia por conta própria, como eu quero, ou se eu trabalharia para uma empresa, para outra pessoa, não teve esse tipo de cobrança.

Anita em suas considerações e ponderações sobre seus estudos e futuro profissional, me traz a mente Bernard Lahire (1997, p.29), quando o autor esclarece que “os efeitos sobre a escolaridade da criança podem variar segundo as formas para incitar a criança a ter “sucesso” ou a estudar para ter “sucesso”, segundo capacidade familiar de ajudar a criança a realizar os objetivos que lhes são fixados”. Os pais por mais que não disponham de um espesso capital cultural reconhecem nos estudos, uma forma de ascensão socioeconômica e impulsionam a educanda a esse fim, proporcionando a ela meios, dentro do possível, de chegar a uma graduação, percebo isso claramente em relação às suas expectativas em relação ao curso superior.

Diferentemente, Joana, aluna do noturno da escola João Barbosa, mostra outra configuração familiar, o que dentro da escola pública é bastante diversa. Joana é casada, sua família é constituída por ela, o marido e os filhos. Seu sustento econômico é dado através do trabalho dela como cabeleireira e do marido que trabalha em uma empresa da cidade. Quando começo a entrevista Joana me fala que é casada e tem dois filhos, peço que responda às perguntas também com base na sua vida escolar enquanto morava com

os pais. Começo perguntando qual a escolaridade dos pais: o pai terminou o ensino médio e a mãe o ensino fundamental. No que diz respeito a sua vida estudantil pregressa, estudou toda vida em outra escola e há apenas dois anos que está na escola João Barbosa.

Da mesma forma que com os outros entrevistados, vou questionando Joana acerca de sua base familiar, de seus tempos de lazer, de viagens, sobre leitura, assim como a influência da família no percurso escolar e de expectativas futuras em relação à profissão. Joana tem uma característica que a difere dos outros entrevistados, em função de ser casada e já ter filhos em idade escolar, eu observo em sua fala, por vezes, as respostas direcionadas mais em relação a seus filhos, mesmo assim insisto em perguntar sobre seus pais e a influência que esses tiveram sobre o que ela faz no seu tempo livre, nas horas de lazer com a família e amigos:

E: É... brincar, passear com filhos, né? A gente tá sempre... é... pracinha, campinho. A gente... lá em casa, a gente deixa a internet meio de lado. Então, a gente corre, a gente joga bola, a gente anda de bicicleta os quatro junto. É... é um lazer bem família assim.

Insisto na pergunta, e peço que ela me fale mais de seus passeios, se eles têm algum caráter cultural – lembrando sempre que, aqui, “cultural”, está sendo pensado no sentido bourdieusiano de “capital cultural” –, ligado a cinema, teatro, música:

E: Muito raramente. Na maioria das vezes, é esporte, é jogar bola, é andar de bicicleta, é caminhar no campo, é fazer trilha, esse tipo de coisa a gente gosta muito.

Sobre o hábito de viajar, Joana esclarece que raramente viaja e quando acontece é em período de férias e para visitar algum familiar. Em relação ao hábito da leitura, a aluna coloca que adora ler.

E: Eu gosto muito de ler e gosto muito de livro espírita. Uns quatro ano (sic) pra cá, eu tenho me aprofundado bastante no Espiritismo, eu gosto de ler bastante livro espírita.

Sobre ao acesso a livros e se percebe esse hábito em seus pais, esclarece que:

E: O meu pai... ele gostava muito de ler... bom, a coleção de Paulo Coelho, ele tinha completa, ele gostava muito de ler Paulo Coelho. E ele que me passou, né, essa... foi tudo ele que me passou ... eu já li ... bah, uns quantos do Paulo Coelho também. E eu tenho... o pai sempre foi o meu exemplo de leitura assim, sempre foi ele. E na minha casa, eu também influencio os meus filhos, faço... assino aquele... ai não me lembro o nome agora do projeto, do Itaú. Que vem os livros, né, durante assim... e eles adoram, eu leio pra eles. A minha filha, agora, aprendeu a ler, aí já ela lê uma... uma página, eu leio outra. Mas a gente... eu gosto de influenciar a leitura lá em casa assim.

A aluna que pretende ser jornalista, e que fala em outro momento da entrevista sobre a influência da escola na sua escolha como sendo motivada por um professor, demonstrarei mais a frente, também dedica ao pai a apreciação pela leitura, bem como a influência na sua expectativa profissional. Lahire (1997, p.20) expõe de forma clara sobre a influência que o hábito da leitura pode exercer no percurso escolar de uma criança. Ele indica que a familiaridade com a leitura irá impactar no sucesso escolar em relação à leitura na escola. Argumenta que ler em voz alta e discutir o que foi narrado com a criança faz com que essa se aproprie desse conhecimento, capitalizando-o. Essa parece ser a influência que o pai exerceu sobre Joana em relação à leitura e a expectativa de uma profissão ligada as letras:

E: Acho, pelo meu pai. O meu pai como ele é... né? Gostava de leitura, gostava de escrever, eu tenho em casa muitas carta, muitos poema que ele fez, acho que essa parte assim ... sempre a gente teve... teve uma coisa envolvida com isso, acho que dessa parte dele.

Ainda nessa perspectiva sobre o acompanhamento familiar, a aluna lembra de seus pais acompanharem sua vida escolar quando estava em séries de níveis fundamentais, e enquanto acompanhou sua vida escolar a mãe se fazia sempre presente na escola, e isso não acontecia somente na entrega de boletins.

E: Acompanhavam. A minha mãe sempre foi bem presente, o meu pai também sempre foi bem presente pra... no estudo, né? Caso: “Ai, eu... eu acho que eu não entendi isso aqui”. Eles vinham, ele me tomava a leitura sobre aquilo, né? Fazia resumo ... do livro pra ver se eu pegava melhor. Eles sempre foram... a minha mãe sempre foi presente na escola também, ela sempre ia ver como é que tava. Dava uma passada, queria conhecer bem os professores...

E, fechando essa primeira perspectiva da entrevista questiono sobre se em algum momento os pais conversaram com ela sobre os sonhos que teriam em relação ao futuro e escolha profissional da filha, e, se, em algum momento, eles falaram que tinham algum sonho em relação à determinada profissão e se isso a afetou de alguma forma:

E: A minha mãe tinha um sonho que eu seguisse uma carreira... ham... militar. Porque ela queria, né? Ela queria ter sido brigadiana. E daí, né, acabou tendo as desavença da época e não pode. E aí, ela sempre quis que eu fosse, né? Mas acabou que não deu também. Ah, é um... é um receio que eu tenho assim de

não ter conseguido ... realizar isso pra ela. Mas quem sabe, né? Tem os neto, tem os... (risos) vai que (risos).

Percebo cada vez mais que as questões das expectativas dos pais de certa forma ficam entrelaçadas com as vontades dos alunos. Embora não sigam, não demonstrem que de alguma forma abala as suas expectativas, é perceptível aqui na fala de Joana que uma vez que ela não tenha conseguido satisfazer a vontade da mãe, deixa como herança a expectativa sobre os filhos de realizar a vontade da sua mãe. Janaína, aluna também do noturno da escola João Barbosa, uma menina de dezoito anos, mora com a família constituída pelo pai, a mãe, duas irmãs e um irmão. A família composta de seis membros têm seu sustento através dos pais, a mãe é empregada doméstica, e o pai trabalha em uma transportadora como motorista, os pais têm escolaridade de nível médio completo (pai) e fundamental (mãe).

Pouco menos falante que Joana, pergunto a ela se sempre estudou na mesma escola, Janaína me esclarece que estudou desde o ensino fundamental na outra escola estadual que têm no bairro e que só foi para a escola Carlos Barbosa no terceiro trimestre do ano, quase terminando o ano letivo, pergunto o porquê dessa escolha, se foi em questão da greve dos professores, uma vez que no ano de 2019, as escolas públicas deflagraram greve no mês de novembro e que teve adesão parcial e total dependendo da escola. Especificamente a Escola João Barbosa, foi uma das que teve adesão parcial, portanto manteve seu funcionamento em várias disciplinas e em algumas poucas os professores decidiram pela greve. Já a outra escola estadual do bairro, que fica a poucas quadras da João Barbosa, decidiu pela adesão total à greve. Portanto, a escola parou totalmente, o que fez com que vários alunos pedissem transferência para a escola João Barbosa, na esperança de não entrar janeiro e fevereiro com aulas de recuperação. E de conseguirem finalizar o ano letivo. Mas no caso de Janaína, não foi essa a razão de sua transferência no terceiro trimestre do ano letivo de 2019. A troca de escola se fez necessária porque precisou procurar um emprego para ajudar nas finanças familiares e a outra escola possuía apenas ensino EJA noturno, o que não satisfazia suas necessidades.

No que toca ao tempo livre, Janaína afirma:

E: Livre? Ah, eu tento me distrair um pouco, sabe? Porque como eu sou ocupada a semana inteira, final de semana, eu tento ver meus amigos, eu saio com eles de tarde. E também com a minha família, né? Porque não é sempre que a gente se reúne todos juntos.

Também questiono como são os seus momentos de lazer, tanto em família, como com os amigos. Sobre o que costumam fazer. Janaína me fala que aproveita para sair para comer, ficar em frente de casa tomando um chimarrão e conversando. Com os amigos, por vezes um jogo de vôlei, também fala em assistir um filme. Pergunto se no cinema, ela responde que não, que em casa mesmo e que coisas do tipo passeios culturais (museus, locais históricos, etc.) cinema, teatro, são coisas que ela não costuma fazer muito.

Janaína indica que gosta de ler bastante e que tem vários livros de conteúdo fictício, mas que isso já não faz mais parte de seu gosto. E que com o tempo passou a ler jornais e informações gerais na internet, com temas atuais que segundo ela podem estar em algum concurso de seleção.

Percebo sua intenção e inclinação de leitura de informações não como algo que aprecie por obter conhecimento, e sim com um fim que é aprovar em algum processo seletivo. Com isso, questiono sobre os hábitos de leitura em casa, da sua família. Pergunto se ela dispõe de livros em casa, o que os pais costumam ler e se é um hábito essa questão da leitura para eles.

Janaína responde que os pais não cultivam esse hábito e que as irmãs, sim ela julga bem estudiosas, que elas leem e têm muitos livros, o que me deixa bastante confusa nessa questão é quando questiono se as irmãs são maiores que ela, a aluna responde que não que são menores. Pergunto então, de onde elas adquiriram o gosto pela leitura?

E: Através da escola. Porque em casa assim a minha mãe nunca foi de... tipo de tá ali em cima, sabe? Assim: “Ai tem que estudar”. Não. Elas são porque... eu acho que da escola influenciar, sabe? Influenciam.

Parece-me que nesse ponto se esclarece que o entrelaçamento dessas duas instituições – família e escola - existe de tal forma que quando uma falha, a outra ainda assim pode ter possibilidades de entrar em ação. E que a interdependência delas se faz necessária no que tange a questão de educação, ou transmissão cultural na vida dos jovens estudantes. Chego a essa reflexão após a fala de Janaína, que consegue explicar o hábito de leitura das irmãs, não através da família, mas sim da escola. Novamente, sobre o acompanhamento que os pais fazem de sua vida escolar. O que me faz recorrer a Bourdieu (2018) para clarear essas inquietações.

Para indivíduos originários das camadas menos favorecidas, a escola permanece a única via de acesso à cultura, e isso em todos os níveis do ensino; portanto ela seria a via de acesso real da democratização da cultura se não consagrasse, ignorando-as, as desigualdades iniciais em relação à cultura e se não chegasse com frequência - reprovando por exemplo um trabalho escolar por ser muito “escolar”- a desvalorizar a cultura que ela mesma transmite em favor da cultura herdada que não leva a marca reles do esforço e tem, por isso, todas as aparências da facilidade e da graça.(BOURDIEU, 2018, p. 38).

Essa questão nos remete ao papel ambivalente da escola. É como se a instituição estivesse sempre a um passo da possibilidade de alterar os destinos sociais (Bourdieu, 2018). Ela ocupa esse lugar de ora confirmar ora tencionar (e por vezes negar) o futuro que se anuncia nas origens familiares dos sujeitos. Sobre o acompanhamento da vida escolar e a forma que esse se dá Janaína diz que não há mais esse acompanhamento e que sua mãe tinha inclusive o hábito de olhar seus cadernos, mas que com o passar do tempo essa responsabilidade passou a ser dela, ou seja, a própria aluna é que cuida de sua vida escolar, e a mãe passou a cuidar do percurso escolar das irmãs mais novas.

Peço que ela me fale sobre se se seus pais em algum momento conversaram sobre os sonhos que teriam em relação ao futuro, se haviam comentado algum desejo de profissão específica e se isso a havia afetado.

E: Sim. A minha mãe, até hoje, fala né? Até porque ela não aceita muito que eu queria ser bióloga. Porque ela era... ela tinha uma doença antigamente e ela queria que eu fosse tipo, enfermeira ou médica dessa doença, sabe? Ela queria, era o sonho dela. Só que ... eu não sei não me interessa muito a área, tipo, diretamente da saúde. Aí ela fica meio triste com isso, porque ela queria que eu seguisse essa profissão.

Pergunto se isso a afetou de alguma forma, ao que ela responde que sim, porque gostaria de ter o apoio da mãe nas suas escolhas.

Se, por um lado, temos uma mobilização familiar maior em relação aos estudos dentro das classes com capital cultural mais elevado, se pode pensar, como Maria Alice Nogueira (2000) explica, de forma que nesses trajetos escolares existe algo fluente e linear, os bancos universitários são quase que dado naturalmente aos indivíduos, pois, esses são instrumentalizados para isso, para concorrer e ganhar. Por outro lado, nas camadas populares, segundo Nadir Zago (2000), esses percursos são voltados para a concomitância com o trabalho e, nele, o que as famílias vêem, é a possibilidade de romper com a pobreza familiar. Os alunos desses meios são instruídos sobre a base do conhecimento escolar aliado ao mercado de trabalho, assim como, esperam essas famílias que investindo nessa escolaridade, que a escola cumpra um papel de socialização e proteção. Esse último na intenção de manter os filhos longe daquilo que

podem desviá-los dos trajetos morais idealizados, ou seja, mantê-los longe de más companhias, assim como da violência, do mundo das drogas, etc.

Dou sequência às minhas entrevistas com Maurício, menino de aparência séria, mas que se desfaz quando abre um sorriso, e aperta os olhos timidamente. É um jovem bastante responsável. Estuda no turno da tarde da escola João Barbosa e recordo-me da mãe, na escola em alguns episódios, em um especificamente me marcou, ao início da greve da escola, a mãe esteve na escola, na sala da vice-diretora, eu observava ela enquanto falava apreensivamente sobre de que forma ficaria o ano letivo do filho, que tinha concurso para prestar, e que na visão dela uma das matérias mais importantes Língua Portuguesa estava negligenciada pela escola, uma vez que os alunos ficaram boa parte do ano sem professor nessa disciplina, em função dos diversos laudos tirados pela professora da disciplina e quando, finalmente assumida a disciplina por outra professora, essa opta pela greve, deixando os alunos a espera da recuperação dessa. Lembro-me desse fato me chamar atenção, pois, a mãe depositava grande empenho em que seu filho tivesse as aulas de recuperação, bem como finalizasse o ano letivo dentro do previsto para que não fosse prejudicado.

Quando faço a primeira pergunta a ele, sobre como está composta sua família, percebo que fica confuso, e esclareço: O quê que eu quero saber disso daqui é a constituição da tua família, eu quero saber com quem tu moras, com os teus pais ou tu moras só com a tua mãe ou se tu tens irmãos? De que forma que está constituída a tua família? Ele abre o sorriso, como dizendo agora entendi! Conta que sua família é constituída por ele, os pais e um irmão mais velho. A renda familiar é obtida somente através do trabalho do pai que tem como profissão, serviços gerais. A mãe é dona de casa. A escolaridade dos pais é de nível médio completo por parte da mãe e de nível fundamental por parte do pai.

A entrevista com Maurício é bastante curta, pois se mostrou bem objetivo em suas respostas. Sobre suas atividades extraescolares, ele esclarece que até então a única atividade que realizava era o trabalho que tinha que era atrelado ao curso que fazia.

E: Era, tipo, pelo SENAI. E era só, tipo, lá mesmo assim, meio que era um... não era trabalho, trabalho, era tipo... mas eles pagavam tudo, carteira assinada.

Sobre o curso técnico ele explica que era um curso que era “tipo” trabalho, pois ao mesmo tempo em que fazia o curso, realizava algumas atividades laborais, também recebia uma bolsa para isso.

Em relação ao seu tempo livre Maurício fala que costuma jogar videogame, bola e por vezes lê, e que também gosta de desenhar. Além da escola ele não faz nenhuma atividade extra e seu momento de lazer é preenchido com um passeio para uma refeição fora de casa e com os amigos esses para jogos de futebol e videogame, como ele diz “essas coisas”, como se referindo a um universo simbólico que é típico da juventude.

Insisto sobre os programas culturais, se há passeios relacionados a cinema, teatro, etc. Ele fala que é raro fazer, em suas palavras “bem de vez em quando”, e com os amigos segundo ele é só diversão mesmo, referindo-se a jogos e coisas do gênero. Questiono sobre viagens em família, ele responde que não é um hábito deles e mesmo em férias costumam ficar na cidade. O aluno não explica muito as respostas, por mais que eu insista nas perguntas ele é bem sucinto e até mesmo um pouco tímido nas suas falas. Questiono-me nesse momento, se essa timidez nas respostas em relação a programas de tempo livre e viagens não está associada a vergonha de sua condição socioeconômica.

Na percepção de Paul Willis (1991) essa possível vergonha pode ser experienciada de diferentes maneiras, uma delas é certa timidez de classe e a outra, não raramente, se expressa em alguma forma de violência simbólica contra a escola. Percebe-se, assim, que do ponto de vista sociológico nem mesmo a timidez é uma expressão fortuita.

Sobre seus hábitos de leitura, para além de seu material escolar, expõe ele que:

E: Eu faço uma leitura, tipo, mais sobre curiosidade científica, às vezes, tipo, sobre o espaço, matemática, essas coisas, curiosidades sobre o mundo. Aí, tipo, eu tô sempre lendo isso aí. E, tipo, também tô lendo... às vezes, eu leio sobre... leio mangá também.

Perguntado sobre o que seria essa leitura, ele explica que é um tipo de revista japonesa, com histórias em quadrinhos.

Ainda sobre o tema da leitura, Maurício expõe sobre seu acesso a livros assim como o hábito de leitura de seus pais, segundo ele, a mãe costuma fazer a leitura da bíblia e que o pai lê mais jornais e ele faz leitura ligada ao material didático e pela

internet. Em relação à escolha profissional e se a família teve algum tipo de influência, percebo que a influência do pai em suas expectativas em torno da escolha da carreira militar. E quanto ao modo como os pais acompanham sua trajetória escolar:

E: Vendo os meus cadernos, tipo, e perguntando o quê que eu fiz na aula. Ham... de vez em quando, eles vêm aqui no colégio. E, tipo, é isso.

Sobre as expectativas dos pais em relação a sua escolha de vida profissional futura, responde que nunca teve esse tipo de conversa com eles. Insisto mais um pouco em relação a essa questão profissional, pois, percebo que Maurício de alguma forma é afetado, ou poderia dizer até mesmo instruído a seguir uma profissão que segundo a visão de senso comum, são de status socioeconômico maior. Percebo isso quando insisto na influência dos pais.

P: Não é uma... certa influência?

E: É. Tipo me influenciou um pouco, tipo, pra querer virar, tipo, médico no Exército.

Mais uma vez lanço mão das palavras de Lahire (1997, p. 26) para sustentar que as disposições como a moral, bom comportamento, esforço e perseverança, ainda que não haja uma herança cultural escolar significativa, podem mobilizar estratégias que poderá ou não trazer sucesso a jovens como Maurício, pertencente a camadas populares, mas que seja por sonho, ou por vontade de mudança de vida por parte dos pais, mais especificamente da mãe é conduzido ao mundo dos estudos como forma de ascensão na vida, algo num sentido semelhante ao que Jessé de Souza define como a estratégia dos “batalhadores” (Souza, 2012.).

Patrícia, minha próxima entrevistada, também da escola Carlos Barbosa, estuda no período da tarde da escola, mora com a avó materna e explica a constituição de sua família.

E: Com quem eu convivo mesmo, todos os dias agora, eu moro com a minha avó por parte de mãe e a minha mãe, mas a gente convive seguida, porque ela está morando em outra cidade, tem toda uma função, mas a gente convive seguida. Por parte de mãe eu sou filha única e por parte de pai eu tenho quatro irmãos, que eu não convivo e convivo muito pouco com o meu pai também. Então é mais a minha mãe e a minha avó, assim.

No que tange à configuração familiar de Patrícia, mora com a avó materna, a mãe morava juntamente até casar e se mudar para outra cidade. A avó é separada, os

pais também, o pai constitui outra família e segundo ela a mãe também está constituindo, e por isso foi embora. A aluna fala também que a ideia inicial era que ela fosse embora com a mãe para outra cidade, mas que acabou não ocorrendo isso, pois estava trabalhando e preferiu terminar o contrato de trabalho e a escola para após poder ficar e todos juntos.

Patrícia, assim como a grande maioria que faz parte da escola pública, dos dados dessa pesquisa, era uma estudante trabalhadora. Seu contrato já havia acabado, mas estava trabalhando como auxiliar de escritório em uma empresa e chegou até esse trabalho através do programa jovem aprendiz. Trata-se de um programa do governo federal que visa a inserção de jovens de quatorze a vinte e quatro anos de idade no mercado de trabalho na condição de aprendiz, sem prejuízo a seus estudos e que é regulamentado em lei. A maioria dos jovens da escola pública, que nessa pesquisa foram entrevistados, eu pude perceber que fazem ou fizeram parte de algum tipo de programa ligado ao governo que os direciona ao primeiro emprego através de cursos profissionalizantes e amparados por bolsas, que de certa forma ajudam no sustento da família.

Tais iniciativas empresariais, em parceria com o Estado, remontam a elementos discutidos no primeiro capítulo com relação às iniciativas profissionalizantes. Historicamente essa foi uma maneira de produzir certa dualidade do campo da educação (Moura, 2007; Dermeval, 2007), selecionando jovens para o ingresso imediato no mercado de trabalho e outros para o acesso ao ensino superior. Os dados dessa pesquisa nem sempre confirmam essa dualidade no que toca às expectativas, indicando que, nos anos mais recentes, emerge uma subjetividade coletiva que já se coloca a possibilidade do horizonte acadêmico de um modo mais amplo e democrático. Essas mudanças no plano das expectativas passam, entre outros, pelas políticas públicas de ampliação do acesso ao ensino superior. Apesar de a pesquisa ter como base as expectativas e não o efetivo ingresso dos jovens nas profissões observa-se que desejos e vontades individuais estão de algum modo associados às alterações coletivas na sociedade brasileira como um todo. Um caso que indica a interdependência entre aspectos subjetivos e objetivos, nesse particular, associado às intencionalidades associadas ao mercado de trabalho futuro.

A renda familiar de Patrícia é constituída através do trabalho da avó que é auxiliar de cozinha em um restaurante da cidade, pela pensão dela recebida do pai, que

segundo ela não contribui de forma eficiente. Sobre a contribuição da mãe na vida econômica:

E: A minha mãe, ela faz artesanato. Mas ela tem formação em auxiliar administrativo, de um curso que ela fez, mas acabou que decorrente de algumas situações, ela acabou deixando de lado foi fazer o artesanato dela, o que ela gosta e ficou nessa área da vida.

O que me leva a questionar sobre as profissões dos pais. Segundo Patrícia, o pai trabalha em uma oficina como chapeador e cursa ensino superior em administração. A mãe começou a faculdade de pedagogia, parou em função de ter ficado grávida dela e após iniciou a graduação de matemática e em função de uma doença acabou não terminando. Já a avó com quem ela mora tem ensino fundamental.

Em relação a seus momentos livres, Patrícia expõe que:

E: Eu gosto de assistir filme, série, alguma coisa assim, daí eu intercalo entre isso e ler livros, porque eu ganho bastante livro, aí eu intercalo sobre isso, mas normalmente, sei lá, um dia eu saio para caminhar, fazer alguma coisa assim, me exercitar, no outro dia eu tenho as minhas aulas de violão também que eu faço, de vez em quando, umas duas vezes na semana, aí tem isso também.

Sobre seus momentos de lazer com a família e amigos, ela não costuma sair muito para eventos e esses momentos de lazer são reservados para fazerem alguma refeição que todo mundo gosta e que então eles sentam e conversam, jogam e que com os amigos acontece da mesma forma, preferem reunir-se para um filme, uma roda de conversa e esporadicamente ir até uma pizzaria. Dado esse que também chama atenção por aparecer frequentemente nas entrevistas dos alunos da escola pública, o que se pode refletir se esse dado está relacionado às dificuldades econômicas, o que parece se confirmar quando Patrícia afirma que quando estava trabalhando costumava ir ao cinema e ao teatro, por exemplo.

Foram questões da ordem do acesso a alguns bens culturais (como o famoso “pegar um cinema”) que fez com que parte dos jovens analisados por Willis (1991) se voltassem para o mercado de trabalho e abandonassem os estudos ou passassem a ter uma relação “errante” com a escola. Algo muito semelhante é indicado por Zago (2000) quando observa as diferentes estratégias populares de se relacionar com a escola. Para Zago os jovens de classes populares muitas vezes não abandonam a escola, mas, em razão dos dilemas associados à sua condição econômica e social, tem com essa uma relação de vai e vem, param e voltam os estudos, demorando alguns anos a mais para concluir o ensino médio. Todavia, essa nem sempre é a saída dos jovens. Não raramente

eles seguem suas trajetórias regulares na escola, mesmo que isso represente frustração da possibilidade de determinadas formas de consumo material e cultural.

Referente a viagens, Patrícia indica que essas somente ocorrem nas férias e acontecem quando a avó consegue conciliar suas férias com as férias escolares dela e essas viagens se dão até a casa da mãe que mora em outra cidade ou de algum outro parente. Portanto, essas viagens, assim como percebi aqui em outras falas, se dão mais com intuito de visitar a família do que lazer cultural.

Lembrando que nessa pesquisa a noção de lazer cultural está associada à perspectiva bourdieuseana de acesso e consumo de bens culturais (Bourdieu, 2015). Não se trata, portanto, de uma definição antropológica de cultura no sentido amplo, posto que nesse último sentido todas as experiências descritas por esses jovens são culturais.

Sobre hábitos referentes à leitura, se lê além de seus materiais escolares e em caso positivo se adquiriu o gosto por essa, através das experiências observadas com alguém da sua família que habitualmente realizava essa prática, ela responde que:

E: Eu leio mais poesia, esse lado assim, alguns livros referentes à história, que nem um que eu li que era sobre Hitler, ou alguma coisa assim. Eu não tenho um gênero específico, por exemplo, tem que me chamar atenção, aí eu leio, senão não vai.

E: Eu peguei mais o hábito da minha dinda, porém, a gente não mora perto, mas como ela lê muito, ela me mandava muitos livros, então eu tenho uma estante cheia de livros, tanto de muito infantis a outros já para a minha idade agora. Então ela que me incentivou bastante, logo no início eu não lia, tipo, nada assim, ela me mandava e ficava tipo: "o que, que ela está lendo se ela pode estar brincando?", mas depois com o tempo eu comecei a ler e com isso, a minha mãe começou a ler mais também, porque ela não lia muito. Então ali foi que foi surgindo assim. Já o meu padrasto agora, ele sempre leu bastante, aí a gente fica naquela troca de livros, vamos ver o que, que cada um vai ler agora.

Depois converso com ela sobre a influência de sua família em sua escolha profissional, Patrícia que quer fazer publicidade propaganda explica que o padrasto trabalha com fotografia e filmagem, e que isso era algo que ela sempre gostou, e que quando passou a conviver com o padrasto que tinha o material relacionado a isso, ela passou a mexer e ele ensiná-la o funcionamento dos aparelhos de tal forma que passou a se aprofundar mais e tomar mais gosto por essas atividades, o que segundo ela pode ser uma pequena influência dele, mas não de forma total, uma vez que ela já se interessava por isso e apenas direcionou o gosto à profissão.

Em relação ao acompanhamento de sua vida escolar, Patrícia expõe que a avó é mais presente e que ela cobra bastante sobre seus temas. Sempre pergunta se tem trabalhos escolares, se já foram feitos ou entregues. E que por mais que a avó esteja ocupada com outras coisas e que não consiga ajudá-la em função do pouco conhecimento que tem sobre assuntos escolares, que essa está sempre em vigília de seus estudos e que sempre explica a ela que deve estudar. Já a mãe, com as ligações telefônicas constantes, também acompanha sua trajetória, sempre pergunta se ela foi à aula, o que aprendeu no dia e que ainda por vezes pede que explique por telefone algum determinado assunto que tenha aprendido em sala de aula.

Trata-se aqui de uma expressão exemplar de um dos mecanismos segundo os quais para Lahire (1997) é possível conceber o sucesso escolar nos meios populares, qual seja, o acompanhamento e dedicação da família na produção de uma disciplina favorável aos estudos escolares.

Em minha última pergunta relacionada à questão familiar, questiono Patrícia sobre as expectativas familiares. Se sua família em algum momento falou dos seus sonhos em relação a ela, em relação ao futuro que eles sonhavam para ela e se isso de alguma forma afetou a expectativa dela em relação a seu futuro profissional. E ao contrário de Maurício, a aluna é bastante falante, preferi expor com suas palavras a explicação que ela dá acerca desse assunto.

E: A mãe, não conversa, mas ela falou assim, no meio de uma conversa, mas não sobre isso, porque ela não terminou a faculdade porque ela engravidou de mim, né? Então um dos planos era "não engravide cedo para poder se formar", era o principal, mas nunca foi algo forçado, ela sempre disse que queria que eu fizesse faculdade, que não tivesse que passar pelas mesmas coisas que ela passou dificuldades e algumas coisas assim, referentes a não ter feito faculdade, no caso. Mas nunca foi algo imposto, então pra mim foi tranquilo e é uma coisa que eu realmente quero fazer.

Observo em sua fala que há a expectativa de que Patrícia faça graduação, assim como há o anseio de que ela não repita a trajetória da mãe. Isso é observável em muitas das falas aqui expostas nessa pesquisa também. Pois da mesma forma, Joana e Janaína, também na fala de Maurício, expuseram que a família não fala abertamente, mas que pede para que elas sigam determinada conduta em relação à escolha profissional. O que parece estar implícito nessas famílias é o desejo de realizarem-se através de seus filhos que estão em idade escolar. Ou seja, como já mencionado, esses são uma espécie de esperança para suas famílias. Bourdieu (2015, p.54) descreve de forma que:

Seria necessário descrever a lógica do processo de interiorização ao final do qual as oportunidades objetivas se encontram transformadas em esperanças ou desesperança subjetivas. Essa dimensão fundamental do *ethos* de classe, que é a atitude com relação ao futuro, seria, com efeito, outra coisa além da

interiorização do futuro objetivo que se faz presente e se impõe progressivamente a todos os membros de uma mesma classe através da experiência dos sucessos e das derrotas? Os psicólogos observam que o nível de aspiração dos indivíduos se determina, em grande parte, em referência às probabilidades (intuitivamente estimadas através dos sucessos ou das derrotas anteriores) de atingir o alvo visado: "aquele que vence", escreve Lewin, "situa seu próximo alvo um pouco (mas não muito) acima de seu último.

As expectativas ou falta delas colocadas sobre esses jovens em relação a suas escolhas profissionais, pesam muito para eles. Se por um lado há o excesso de expectativa em relação a ser alguém que é a esperança familiar de ascensão social, ou até mesmo para manter o padrão construído dentro de *habitus* familiar (no caso de classes mais favorecidas), por outro há em alguns casos a falta dessa expectativa e esperança no caso de famílias pertencentes a classes menos favorecidas, esses jovens que já são desprovidos de recursos materiais e marcados por carências emocionais, se não obtiverem o mínimo de perspectiva, incentivo, mobilização em prol de movimentar-se em direção ao conhecimento, poderão ser apenas mais um número na tabela dos problemas sociais de seu país. Dessa forma, recorro a Bourdieu (2015, p.55) para tratar sobre o processo circular em relação às perspectivas:

Uma moral baixa engendra uma perspectiva temporal ruim, que por sua vez, engendra um moral ainda mais baixa; enquanto que uma moral elevada não somente suscita alvos elevados, mas ainda tem oportunidades de criar situações de progressos capazes de conduzir a um moral ainda melhor.

Fiz a opção por expor aqui nessa pesquisa de forma separada os dados dos alunos da escola pública e da escola privada, não por não haver conexão entre esses, pois por vezes se cruzam diversas informações, mas apenas para deixar mais claro ao leitor, por tratar-se de doze alunos que foram entrevistados. Acredito que a riqueza de detalhes se dá de forma mais ampla com esse modo de escrita. Assim como também optei por primeiramente colocar todos os dados e reflexões relacionados à instituição família dos entrevistados das duas escolas e em segundo momento os dados e reflexões sobre a instituição escola.

Dessa forma, começo a expor agora referências e discussões relacionadas aos entrevistados da escola privada.

Início com Daiana, aluna do colégio Santa Clara, falante e sorridente sempre. Às vezes me transmitia ansiedade e nervosismo. A aluna veio de outra cidade, e quando iniciou os seus estudos em Santa Maria - RS foi em escola estadual e entrou no colégio Santa Clara no terceiro ano do ensino fundamental e permaneceu até agora na terceira série do ensino médio. Começo a entrevista sobre sua configuração familiar, Daiana,

mora com os pais e a irmã, mora em um bairro nos arredores do centro e a renda familiar é obtida através do trabalho da mãe e do pai. O pai é advogado, está fazendo mestrado e trabalha como coordenador de vendas de uma empresa enquanto a mãe possui ensino médio completo e curso técnico e trabalha como representante comercial da mesma empresa. Sobre suas atividades extraescolares, Daiana coloca que faz cursinho pré ENEM, e que em seu tempo livre ela dorme. Questiono se é em função do cansaço de ter muita atividade no dia, o que ela responde positivamente, que em seu tempo livre dorme em função do cansaço. Pergunto sobre seus momentos de lazer, o que costuma fazer e a aluna coloca que não faz nada, insisto na pergunta, afirmando a ela que em algum momento livre ela deve fazer algum tipo de atividade prazerosa, ao que ela responde, dizendo que de fato, existem e que esses momentos são compartilhados em família quando eles vão ao cinema, saem para fazer alguma refeição juntos ou quando fazem atividades ligadas a um CTG (Centro de Tradições Gaúchas). Quando questiono sobre se a família tem o hábito de viajar, ela diz que raramente que isso ocorre apenas no período das férias, pergunto se esse período de viagem é longo e ela explica que em função da profissão dos pais as férias não são longas:

E: Meus pais, tecnicamente, meus pais são autônomos, eles prestam serviços para essa empresa, então eles não têm férias, entendeu? Então, eles tiram duas semanas... meu pai agora, como ele ascendeu socialmente, e ele passou a esse cargo, porque antes ele era representante, agora ele tem direito a quatro semanas de férias, que ele escolhe..... só que... e a minha mãe não tem direito. E aí a gente normalmente tira ali aquelas duas semanas de Natal e ano novo, que é mais baixo o fluxo de venda e tal, e a gente vai para Pelotas visitar a família, é normalmente isso.

Percebo o primeiro dado, que vai ao encontro dos dados levantados também sobre viagens com os alunos da escola pública onde aqueles que colocaram que faziam algum tipo de viagem, esta estava relacionada à visitação de algum parente e não vinculada ao lazer cultural.

Quando perguntada sobre seus hábitos de leitura, a aluna expõe que não cultivava muito o hábito até chegar ao ensino médio e que, a partir daí passou a ler mais, principalmente livros nas férias e que a família tem influência em suas leituras, que isso ela percebe mais por parte do pai que com mais frequência ela vê lendo em função do mestrado que ele está cursando. A leitura faz parte do gosto do pai, que tem vários livros inacabados em função do tempo, e que há uma estante em sua casa que já não cabem mais livros, tantos são os que o pai compra. Já a mãe não cultivava esse hábito

e não gosta de ler. Daiana é bastante entusiasmada pela leitura e diz já ter uma lista de livros que pretende ler durante as férias.

A forma de influência da família na sua expectativa profissional se deu na sua escolha pelo curso de Direito, uma escolha que afirma ter se dado mais em função da família e da questão socioeconômica engendrada pela profissão do que pelo seu gosto em si. No entanto, me chama atenção a expectativa colocada sobre a aluna que aparece claramente em sua fala em relação à futura profissão, quando ela diz que a mãe a princípio gostaria que ela fosse médica, e que foi difícil explicar para mãe que há outras possibilidades e oportunidades de profissões. Já a sua fala em relação ao pai é que esse perguntava a ela se se interessava pelo assunto relacionado a Direito, mas que não era algo que ele impusesse. Mas facilmente nota-se pelas questões levantadas pelo pai que indiretamente estava expressando sua vontade em relação ao futuro da filha. Questiono-a se de alguma forma essas expectativas a afetaram em relação ao que tinha de pretensão futura, ela expõe que:

E: Começou a me afetar no início do ensino médio, a parte da minha mãe, sabe? De eu, bah, fazer o que a minha mãe quer, mas será que eu quero isso mesmo? Será que eu não quero isso mesmo? A minha mãe. O meu pai sempre disse que queria que eu fosse feliz, que não importava o que, que fizesse que ele sempre ia estar lá por mim, para me ajudar, sempre, e a minha mãe sempre foi assim, mas aí ela foi entendendo, sabe? Eu acho que eu consegui explicar melhor que, calma, não é bem assim.

A fala de Daiana me remete a Zago (2000), quando a autora esclarece que não se pode reduzir os comportamentos escolares dos alunos às influências apenas do ambiente doméstico, mas também é necessário considerar esse como parte ativa do seu processo educacional, avaliando que as experiências extraescolares, próprias do universo juvenil, influenciam e não podem ser negligenciadas.

Minha próxima entrevistada, da mesma turma de Daiana, é bastante falante também. A aluna Cíntia é bolsista do colégio Santa Clara, entrou na escola para cursar o ensino médio e antes seu percurso escolar foi feito em outra escola perto de sua casa. Diferentemente da colega, Cíntia não mora na região central, mas em um bairro mais afastado da escola, pergunto sobre sua constituição familiar e ela fala longamente para conseguir definir a forma de moradia com sua família, que ao que indica moram em mesmo terreno, mas em casas separadas, além dos pais, mora parte da sua família extensa, avó, tia e prima. Sobre a forma de renda obtida pela família Cíntia descreve que o pai trabalha como agente socioeducativo, ou seja, é funcionário público do Estado, e a

mãe trabalha na prefeitura da cidade, como técnica de enfermagem, e que a avó trabalha como assistente de dentista na universidade da cidade, mas que a renda dela não contribui diretamente para o sustento da casa.

Sobre a escolaridade dos pais, Cintia diz que os dois têm graduação, mas ela não recorda o curso que eles fizeram, pois, não exercem as profissões, das graduações cursadas. Sobre seu tempo livre, a aluna diz que costuma estudar, que extraescolar fazia um curso preparatório para concursos militares, mas que já cumpriu toda carga horária desse. Quando insisto em seu tempo de lazer em tempo livre ela afirma que costuma ficar em família e que o lado familiar para ela é algo bastante forte e cultivado pelos pais, ela também expõe que os passeios em família são raros em função da carga de trabalho dos pais. Observo em Cintia uma disciplina bastante rígida no que tange seus estudos, lembro-me de que em uma conversa informal com ela dentro da escola, falou que na segunda série do ensino médio estava sem bolsa na escola e que em função disso as finanças estavam bastante apertadas para a família, e que decidiram que ela iria para uma escola pública. Daiana conta com tristeza que quando iniciou o ano na escola pública, chorava todos os dias, pois não havia se adaptado. Sentia que ali não era seu lugar, e que conversou com os pais sobre o quanto achava que iria perder permanecendo nessa escola. E que decidiram, então, fazer algumas concessões e também aumento da carga de trabalho da mãe para que, até que conseguisse o benefício da bolsa de estudos, se mantivesse no colégio Santa Clara. O que ocorreu.

O modo operandi dessa família remete às estratégias dos “batalhadores” (Souza, 2012), os quais fazem um sacrifício cotidiano para tentar ultrapassar limites estruturais postos pelas dificuldades econômicas do orçamento familiar.

Cintia tem uma conduta bastante comprometida em relação a seus estudos, na mesma conversa falo para ela que percebo o quanto é focada em seus estudos, ao que ela me explica que não gosta de ver os pais trabalhando tanto para ela poder ter bom ensino e não retribuir.

Essas questões me levam a pensar no *habitus*, tal qual declarado por Bourdieu (2015) como uma disposição ou ainda uma capacidade treinada de forma a pensar e agir de determinado modo. Cintia ao que observo detém essas disposições, pois parece ter sido engendrado nela tais disposições para o estudo. Ou ainda em uma passagem do livro *Escritos da educação* de Bourdieu (2015, p.46), onde o autor discorre sobre a transmissão do capital cultural, iluminando que a “influência do capital cultural se deixa apreender sob forma da relação, muitas vezes constatada, entre o nível cultural global da

família e o êxito escolar da criança”. E que dessa forma o êxito escolar se dá pela ação do meio familiar e nível cultural proporcionado à criança.

Quanto ao hábito de viagens e leitura, a aluna expõe que não são atividades frequentes. Viagens segundo ela somente em período de férias e mesmo assim, por poucos dias. Segundo Cintia em função da questão econômica também, e quanto ao hábito da leitura não é algo que cultive e que seus pais também não costumam ler. E que a leitura que ela faz está diretamente relacionada aos materiais da escola. Ela cita também a falta de tempo para se dedicar a leituras extraescolares em função dos estudos e do curso preparatório que faz.

Chama atenção também que assim como a colega anteriormente entrevistada, Cintia tem o acompanhamento da família presente em suas vidas escolares, mas segundo as falas das duas alunas esse acompanhamento não chega a ser algo extremo ou de cobrança, apenas com intuito de acompanhamento mesmo.

A questão relativa à sua avaliação da influência da família em seu futuro profissional é respondida pela aluna da seguinte forma:

E: A minha família tem uma influência muito grande, porque a gente escolhe a nossa profissão pelo gosto, mas também pela realidade que a gente viveu e o que a gente viu e eu nunca passei necessidade, de forma alguma, eu sempre tive tudo que eu precisei, mas teve vezes que a gente teve que pensar em segurar um pouco os gastos e encolher um pouco as contas, porque senão não ia dar certo. Então eu sempre pensei: “eu quero ter um emprego que eu precise cuidar tanto disso, eu quero ter uma estabilidade econômica muito grande e eu quero gostar disso que eu vou fazer”. E o meu pai então, muito antes de eu entrar em contato com os concursos militares, ele já vinha me incentivando: “tu tem que estudar, tu tem que partir para cima, tu vai escolher o que tu quiser se tu souber estudar, então tu tem que estudar, tu tem que se esforçar, tu tem que fazer isso, tu tem que fazer aquilo”, nesse sentido, não de dizer o que eu tinha que fazer, mas de me orientar para que eu conseguisse o que eu quiser.

Ainda vale a pena destacar a frequência com que surgem expectativas juvenis em torno da carreira militar. Santa Maria é a cidade com o segundo maior contingente militar do Brasil. O exercício é uma presença na arquitetura, na educação, na ciência e no imaginário local. Nem todas as cidades brasileiras têm o mesmo potencial de despertar o interesse dos jovens para esse futuro como tem Santa Maria.

E ainda sobre as expectativas da família sobre suas escolhas futuras, Cintia coloca que nunca seus pais falaram diretamente sobre os sonhos que esses teriam para ela e que quando expôs sua opção pela carreira militar, que teve apoio e lembrou que em um trabalho da escola, onde as famílias deveriam escrever cartas aos seus filhos com desejos futuros, que estava escrito que por seus pais que eles desejavam que ela fosse

feliz com o que escolhesse fazer. Ela ainda reforça que isso é bastante importante para ela.

Luísa também seguindo o mesmo perfil das outras duas entrevistadas é uma menina bastante centrada em seus estudos, aluna considerada nota “dez” pelos seus professores, as disposições para o estudo e a disciplina dessas entrevistadas é bastante perceptível, diria que o *habitus* de classe discutido por Bourdieu, assim como as disposições individuais discutidas por Lahire se mostram bastantes presentes. A destreza na argumentação, o domínio da língua, a postura diante de suas angústias, se apresentam de forma clara em suas respostas, e apontam que essas embora, de diferentes lugares, famílias e hábitos, mas ligadas por uma instituição, trazem consigo a inclinação para a disciplina e estudos.

Na escola privada temos uma maior imbricação entre as instituições família e escola que atuam de forma orgânica no sentido do êxito escolar (Nogueira, 2000). Algo que não é de todo modo ausente na escola pública, mas que têm mais dificuldades para se realizar, ora em razão das restrições das famílias (Willis, 1991) ora das limitações da própria escola, criando um caminho mais íngreme para o sucesso escolar dos jovens e, por conseguinte, das suas carreiras futuras.

O conjunto de saberes, de apreciações culturais, o sentido do estudo, compõem essas disposições que impulsionadas pela escola levam esses indivíduos a situar-se em uma esfera da sociedade que é demarcada pelo domínio do capital cultural. Embora em uma análise rápida entre essas três primeiras entrevistas da escola particular, possa se perceber capitais econômicos distintos, o capital cultural, adquirido por essas se mostra na forma de inclinações para a realização de uma profissão. Minha reflexão nesse momento é relativa ao que de fato acontece e ao que fica no sonho desses alunos das duas escolas, onde me parece que os alunos enquadrados aqui nessa pesquisa como pertencentes às classes médias terão mais possibilidades de realizar as profissões aspiradas e que aqueles pertencentes às camadas populares de um ponto de vista sociológico probabilísticos terão mais dificuldades de realizar suas expectativas.

Na dinâmica da relação indivíduo e sociedade (Elias, 1993), nada impede por princípio que essas expectativas se tornem realidade. Mas os caminhos, nesse caso, são menos evidentes do que o previsto e planejado pela família para os jovens de classe média (Diniz, 2001).

Luísa mora com a mãe e o padrasto, uma irmã de sangue e os filhos do padrasto. Seus pais segundo ela são separados há sete anos e seu pai também casou novamente e

ela tem uma irmã, que é da nova união do pai. A renda familiar se dá através do padrasto que tem uma empresa de contabilidade, da mãe que é professora no Instituto federal farroupilha e ela recebe uma pensão do pai, que é dentista e professor da Universidade Federal da cidade, todos os membros de sua família segundo a aluna são pós-graduados. Luísa teve seu percurso escolar todo no colégio Santa Clara, e suas atividades extraescolares são curso preparatório para processo seletivo, além de academia. Quando questiono sobre seus horários de lazer, ela expõe que costuma sair com os amigos ou assistir séries televisivas. Em família diz que se reúnem em uma roda de chimarrão para conversar ou costumam sair para algum lugar. As viagens são habituais na família e se dão nas férias de verão, e por vezes nas férias de inverno também.

Em relação à leitura chama-me atenção que Luísa diz não ter esse hábito afora os livros escolares, que tem acesso a um acervo de livros em casa, mas que não costuma ler, diz ela assim como as outras entrevistadas que nas férias tem a intenção de ler um livro, esse fato que chamou atenção, pois, as três entrevistadas até aqui parecem estar bastante ocupadas com as leituras escolares, que por mais acesso que tenham a algum tipo de leitura, nos seus tempos livres preferem fazer outras atividades à leitura. Também outro dado que perpassa as três entrevistas é em relação ao acompanhamento escolar, todas responderam que os pais acompanham seus percursos escolares, mas que, no entanto, não há uma cobrança acerca desse, pois de certa forma elas sabem o que devem fazer.

Observam-se nesses depoimentos juvenis as diferentes maneiras de ser jovens (Dayrell, 2007), quer dizer, as distintas facetas de uma possível condição juvenil. Se por um lado há uma representação de rebeldia e ousadia associada a esse momento da vida (Riviére, 1997), por outro lado também se observa um modo de ser que dá continuidade a um *ethos* mais ordeiro próprio de certo padrão de vida adulta.

Quando pergunto a Luísa sobre a influência de sua família nas suas expectativas profissionais, ela coloca que seu padrasto teve influência em sua escolha profissional, pois, foi observando o trabalho dele que ela se interessou pela profissão que pretende seguir. No entanto, ela diz que os pais apoiam qualquer escolha dela. Já quando questiono sobre os sonhos que eles teriam para e se de alguma forma foi afetada por isso, Luísa responde que:

E: Até sonham assim, em relação à profissão, eles nunca falaram: ah, eu queria que tu fizesse tal curso. Mas meu pai no início quando eu tinha falado que eu queria fazer contabilidade, ele achava que não tinha

tanto mercado assim, e daí ele ficava meio preocupado, porque ele falava pra eu não me basear no José, porque ele, o meu padraço, no caso, ele tem uma referência boa aqui no Rio Grande do Sul, então que não era pra eu me basear só nele, porque não era sempre assim, então eu acho que ele tinha medo de eu me frustrar no futuro, entende?

Meu próximo entrevistado endossa muito do que analisei no parágrafo em que exponho a questão ligada ao capital cultural e ao *habitus* e disposições. Bourdieu (2018, p.34), explica essa questão no capítulo I, “A escolha dos herdeiros”: “Os estudantes mais favorecidos não devem somente ao seu meio de origem hábitos, treinamentos e atitudes aplicáveis diretamente às suas tarefas escolares; eles também herdam saberes e um saber-fazer, gostos e um “bom gosto” cuja rentabilidade escolar por ser indireta, é ainda mais certa”.

Daniel, também um aluno considerado nota “dez”, seguindo a mesma perspectiva das outras entrevistadas dessa escola, perspectiva essa dada através das falas dos professores, limitadamente falando naquele aluno que é estudioso, faz e entrega trabalhos escolares pedidos, é participativo e tem notas boas em avaliações.

O aluno mora com a mãe e o irmão em Santa Maria, os pais são separados, e ele mantém contato com o pai, mas esse mora em outra cidade. A renda da família vem do avô que é médico na cidade natal deles, onde o pai mora, e que o avô sustenta ele assim como a mãe que cursa medicina em uma universidade particular da cidade, além de contar também com a pensão que é paga pelo pai que é administrador de uma empresa. Quanto à escolaridade de seus pais, ele expõe que os dois têm pós-graduação, tanto o pai quanto a mãe, que está cursando a segunda graduação em medicina, a mãe já é formada em farmácia e possui pós-graduação também. O aluno diz que passou a fazer parte do colégio Santa Clara a partir do nono ano, do ensino fundamental, que antes morava na cidade natal da família e que seu percurso escolar na outra escola foi entre escola privada e pública, no entanto, ele destaca que a escola pública onde estudou era melhor que a privada.

Em relação a suas atividades extraescolares ele coloca que faz curso preparatório para processos seletivos assim como as outras entrevistadas, e que em seu tempo livre, costuma fazer academia, sair com os amigos e a namorada quando possível. Pergunto se esses passeios com os amigos são culturais, ele responde que não propriamente, mas, que costumam ir ao cinema, a shows de músicas e a festas. Em relação às viagens, ele diz que é costume, e que são frequentes até a cidade natal, para visitar a família, e que nas férias geralmente também viajam para fora do país, o aluno cita alguns países que já visitou na América latina, Uruguai, Argentina, Paraguai e da América do norte Estados

Unidos. Em relação à leitura observo a mesma fala em analogia às outras entrevistadas, sem o hábito de ler livros, mais materiais da escola e algumas coisas da internet relacionadas à política, medicina, física e astrologia, no entanto, também fala que não observa esse hábito de leitura na família. O que me faz refletir que a questão das tecnologias presentes nas vidas desses jovens, leva-os a leituras sem que sejam de livros físicos e que para eles ao que indica não contam como um hábito de leitura, talvez por não estarem com o livro físico na mão, mas somente com o acesso a informações via rede tecnológica.

Se pensarmos na questão das tecnologias e o quanto essa geração, assim como as que a sucedem incorporam em seus hábitos o uso dessas, poderemos observar como mostra a fala dos entrevistados em alguns momentos, que tanto os indivíduos pertencentes a camadas médias quanto àqueles pertencentes a camada populares usam esses meios como forma de leitura e comunicação. Os usos das redes sociais, ao que indicam as falas, apontam para uma característica do universo simbólico dos jovens. Embora com usos variados por vezes apenas como diversão, lazer outras agregando a isso leituras e informações, em quase todas as entrevistas esse meio é o usado para obtenção de algum tipo de capital cultural, mesmo que esses não o façam conscientemente, pode-se dizer que nesse ponto, dessa pesquisa há uma aparente democratização dos bens culturais no que tange ao acesso e uso das redes e mídias sociais. No entanto, a democratização em relação a esses bens, assim como Bourdieu (2015), explica no capital objetivado, não basta apropriação do meio que determinado bem proporciona, pois esse é definido em sua relação com o capital cultural incorporado, dessa forma, embora o meio de acesso pelos alunos aqui estudados seja nas mesmas redes, o tipo de conteúdo por eles acessado aparece como distinção entre as classes, pois, para que as informações nesses meios fossem de fato democratizadas, deveriam todos ter o capital cultural incorporado em níveis semelhantes.

No que se refere ao percurso escolar, segundo o aluno, também tem a mesma característica aqui já apresentada em relação aos outros participantes da escola privada. A de que há o acompanhamento, mas sem grandes cobranças, sendo eles responsáveis pelos atos escolares, o que deixa evidente que uma vez criado o *hábitus* no indivíduo, é determinado neles às inclinações necessárias para agirem em direção ao que desejam. Daniel demonstra isso, quando já na metade do ano letivo, aprova em medicina, no vestibular da universidade que sua mãe cursa.

Sobre a influência familiar, em relação às suas expectativas ele diz que:

E: A família, ela tem ... uma influência grande, é... principalmente ... nas pessoas que não estão muito decididas do curso e ... do ramo que querem fazer. Ai a família vem como... é... disfarçado de uma orientação, mas, às vezes, mais uma imposição mesmo. E... que eu observo, principalmente, nos colegas.

E ainda quando questiono sobre se de alguma forma sua família expôs a ele sobre sonhos em relação a seu futuro profissional ele responde que:

E: Com relação a profissão não, ... eu fui criado no meio de uma família com vários médicos, e eu sempre me espelhei neles, e tinha esse desejo, ... a minha mãe sempre comenta ... que quando eu tinha dois anos, eu brincava de médico, enfim, e queria, eu falava que eu queria ser médico. Então era uma coisa que eu vim desde cedo, assim... que eu já tinha, assim, na minha cabeça que... era um desejo meu. Mas eles foram sempre... bem liberais quanto a isso. Até uma época que eu tava meio... meio indeciso, eles me apoiavam na decisão.

Em Os donos do saber Diniz (2001) indica que a medicina é uma das profissões mais fechadas em termos de classe e de família, quer dizer, trata-se de uma profissão que é patrimônio das classes médias brasileiras, em razão da qual o acesso por outro grupo social é uma mudança de destino pouco verificável. Com base nisso podemos pensar no caso das expectativas de jovens oriundos de famílias de médicos, nesse horizonte das vocações produzidas em grande medida no seio da sociabilização primária.

Meus dois próximos entrevistados (Manuel e Elisa) têm em comum o desempenho de atividade laboral. Todavia, o trabalho não parece ter o mesmo sentido na vida dos dois.

Começo apresentando Elisa, uma menina extrovertida, de opiniões fortes e com traços de independência. Elisa é maior de idade, os pais são separados e ela mora com a mãe e o irmão mais velho. Embora já tenha também morado com o pai em alguns momentos da vida. A renda familiar segundo ela se dá através do trabalho dos pais que são autônomos, o pai é médico e a mãe fonoaudióloga. Os dois são pós-graduados com mestrado na área. Seu percurso escolar foi feito todo em escola particular e a aluna passou a estudar no Colégio Santa Clara no ensino médio. Antes fazia parte de outra instituição privada da cidade.

Elisa, além da escola, desenvolve uma série de atividades extracurriculares, faz cursinho pré-vestibular, dá aula de patinação, faz aula de canto, pratica vôlei e futsal, e segundo ela não consegue ficar parada muito tempo. Em relação ao trabalho, Elisa dá

aulas de patinação duas vezes na semana, além desse trabalho ela também canta e faz parte de uma banda de musical que já fazem pequenos shows e segundo ela já ganham dinheiro com isso, também cita um trabalho com internet, que também obtém renda, mas não especifica o que faz. Quando questiono sobre seu tempo livre de lazer, se costuma frequentar cinema, teatro ou alguma atividade do tipo, a aluna fala que é difícil ficar parada e que nesses momentos raros aproveita para ver algo que lhe interesse na internet, assistir alguma série televisiva, ou filme ou ainda sair com os amigos, e que com sua família não tem o costume de ficar muito tempo juntos, mas que quando estão juntos, da mesma forma que os outros entrevistados, tanto da escola pública como da privada, o momento de lazer está ligado a tomar chimarrão juntos e compartilhar de conversas. No caso de Elisa as conversas com a mãe e o irmão giram em torno das atividades desempenhadas no dia a dia, sobre algum tema de esporte e quando com o pai, os assuntos são relacionados ao seu futuro, o que me faz lembrar que os costumes culturais são passados dessa forma, entre as gerações, nesses momentos em que compartilham momentos e conversas.

O chimarrão como traço da cultura gaúcha desempenha esse papel muito bem. O *ethos* de classe pode ser observado, como Bourdieu (2015) explica, “Na realidade cada família transmite a seus filhos mais por vias indiretas do que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícito se profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar”. No entanto, a diversão segundo ela de passeios á cinema, shopping, ou reuniões é com os amigos mesmo.

Em relação às viagens, Elisa fala que assim como as atividades no seu tempo de lazer é bem dividido entre o que faz com o pai e o que faz com a mãe, as viagens também são divididas, enquanto com a mãe as viagens são de férias e geralmente para praia, dentro do estado mesmo, já com pai ela diz que geralmente são para fora do estado, mas não fora do país. De qualquer forma, é um hábito cultivado pela família.

Sobre seu gosto por leitura, Elisa gosta bastante de ler, mas livros ligados à psicologia ou a questões humanas, assim como livros sobre feminismo. Em relação a seus pais ela coloca que a mãe lê livros de cunho espirituais, e que ela não percebe a mãe lendo assuntos relacionados à sua profissão, já o pai, ela diz que lê muito, que ele cultiva bastante o gosto pela leitura, já que tem a formação em três graduações, educação física, Direito e medicina que é a profissão que ele desenvolve. Enquanto ela

falava sobre as graduações do pai, que ela acredita justificar o gosto dele pela leitura, narra com entusiasmo sobre as trocas de leituras que têm com o pai.

E: E ele trabalhou com música também, mas não fez faculdade. Então, ele lê bastante. Ele está sempre comprando algum livro novo e sempre me contando algum livro que ele está lendo. Inclusive, a gente bateu em dois livros que a gente leu. Ele veio me falar de um livro e eu já tinha lido o livro. Foi legal.

Em relação ao acompanhamento da vida escolar, como já havia considerado nas outras entrevistas, aparece esse dado, muito específico dos meus entrevistados, por serem da terceira série do ensino médio, de não haver um acompanhamento imediato em seus alunos e sim de debitar neles a responsabilidade por seus estudos finais. Sobre a influência de sua família nas expectativas profissionais, Elisa também tem o mesmo discurso que apareceu aqui em outras falas dos jovens da escola privada, de que seus pais querem que ela faça qualquer coisa que a deixe feliz, que não interessa se essa profissão trará ou não algum benefício econômico ou social, ela inclusive narra um episódio em que conversou com a mãe sobre a escolha de uma profissão mais tradicional, e que após um tempo, mudou de ideia e que se decidiu por trabalhar com algo relacionado à internet, e que a mãe falou que isso era bem mais a “sua cara”, referindo-se possivelmente que essa profissão estava mais adequada aos seus ideais. Também questiono Elisa sobre se de alguma forma os pais falaram sobre sonhos que teriam em relação ao seu futuro, ao que responde:

E: Na verdade, toda vez que eu falo dos meus sonhos é quando a gente entra nesse assunto. Então, quando eu falo dos meus sonhos, eles sonham em me ver conquistando os meus sonhos. Então, me influencia bastante, na verdade, quando a gente conversa sobre isso porque eles me dão muita motivação pra seguir as coisas que eu quero.

Elisa, em suas expectativas laborais me leva a refletir sobre uma discussão que Bourdieu faz em seu livro “Herdeiros” (2018), onde o autor coloca que a escolha por temas mais exóticos nos estudos de sociologia, por exemplo, são realizados por aqueles alunos que possuem origem social mais alta. Isso está, segundo Bourdieu, ligado a sua grande diversidade de interesses culturais, assim como também se pode pensar que enquanto mais seguros de seus futuros, e que de certa forma poderão optar por algum tipo de profissão e em caso de não dar certo poder retroceder e refazer, mais ecléticas são suas escolhas.

Dessa forma, quando faço a observação de que os dois jovens têm em comuns atividades laborais, o que fica claro é que no caso de Elisa a atividade é feita mais como forma de ocupação de tempo ou poderia dizer até mesmo de lazer, pois não é algo que

necessite economicamente, diferentemente daqueles jovens entrevistados na escola pública onde a prática laboral entra como ajuda no sustento da família.

Trata-se no primeiro caso de atividades laborais associadas a ampliar capitais que podem ser útil nas profissões futuras (Nogueira, 2000) e no segundo, caso da escola pública, diz respeito a uma necessidade mais imediata de renda, bem como de aquisição de bens materiais e imateriais importantes para construção da identidade juvenil (Zago, 2000).

Também o próximo entrevistado, parece ir para esse viés, não de ajuda no sustento, mas para poder adquirir objetos que são próprios da juventude ou que mesmo definem essa assim, como para poder manter também as atividades de lazer, como saídas com os amigos. O que me leva a Dayrell (2007, p.1109), quando coloca que o trabalho também faz a juventude e que nesse sentido o trabalho é uma forma de mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil. Também esclarece o autor que dependendo da condição social o trabalho e a escola são projetos que se superpõem e que dependerá das condições e vivências de cada jovem a ênfase maior ou menor em um ou outro.

Manuel é um menino que parece tímido, tem um humor ácido e se dá muito bem com todos os colegas, percorre a sala de aula conversando com todos. A timidez talvez não o resuma, mas, sim reserva. E é dessa forma que ele me concede a sua entrevista de maneira reservada em suas falas.

Manuel é bolsista na escola e seu percurso escolar desde o maternal foi feito no Colégio Santa Clara. Sua família é tradicional, mora com o pai, a mãe e o irmão mais novo. A renda familiar vem do trabalho dos pais. O pai é gerente de um supermercado e a mãe trabalha no setor financeiro de uma empresa. A escolaridade dos pais, segundo ele do pai, é ensino fundamental e da mãe ensino médio completo, e também um curso técnico em magistério. As atividades extracurriculares de Manuel era o trabalho que a poucas semanas de dar a entrevista ele havia saído, trabalhava dentro do programa Jovem Aprendiz, e no momento não fazia nada de atividade extraescolar, nem mesmo o cursinho preparatório para processos seletivos ou os chamados Pré- ENEM, que de todas as entrevistas aqui da escola privada foi a única onde não apareceu esse dado.

Pergunto a Manuel o que ele costuma fazer em seu tempo livre, de lazer, se tem hábito de frequentar cinema, teatro, fazer passeios e viagens, ele coloca que em família esses momentos são mais relacionados a almoços, por vezes sair para passear e que com os amigos esse tempo está relacionado a atividades de esportes e de festas. Também

aproximo aqui a resposta de Manuel com a maioria das falas dos outros entrevistados, tanto público como privado, de fato os momentos em família resumem-se mais a atividades de conversas, seja em rodas de chimarrão, seja em refeições que se reúnem para conversar. Essas refeições parecem ter a denotação de reunião à maneira que não é conseguida no dia a dia, em função dos afazeres laborais dos pais. Dessa forma, essa reunião familiar se apresenta como forma de interação cultural.

Em relação às viagens, ele fala que são anualmente e que quase todo ano programam uma viagem em família que se dá nas férias para a visitação de familiares que moram em outra cidade.

Já em relação à leitura e ao acompanhamento escolar pela família, ele traz que costuma ler e que suas leituras estão mais relacionadas aos assuntos de seu interesse no momento. Que neste momento está lendo sobre economia, tenho a lembrança dele em sala de aula com um livro de Ludwig Von Mises, mas que seu gosto é bem variado. E ainda coloca que esse hábito em família se dá mais por parte da mãe e do irmão, que o pai como não foi muito adiante em seus estudos não cultivava o hábito e que tem uma leitura mais rasa, segundo ele, alguma notícia de jornal, alguma informação, mas livros não. O acompanhamento de seu percurso escolar, diferentemente dos outros que colocaram que não era uma exigência a eles, Manuel coloca os pais, como sendo presentes na vida escolar desde pequeno e que esse acompanhamento se desmereceu com o tempo e complexidade de assuntos, os pais já não conseguem explicar determinados conteúdos para ele, mas de toda forma estão presentes indo a escola, e acompanhando seu desempenho escolar.

Sobre avaliação que ele faz se há influências recebidas pela família nas suas expectativas profissionais, coloca que:

E: Sim. No meu caso eu acredito que muito até, porque eu acho o contrário da escola, eu acho que a família trabalha de uma forma mais direta, né? Na escolha profissional, pelo menos na minha família é assim. Ela não desvaloriza as minhas escolhas, porque a minha família, no caso, sempre demonstrou como um pilar na minha vida, porém ela, sim, demonstra quais são os interesses e as expectativas dela em cima da minha pessoa, em cima das minhas decisões e da minha profissão.

E quando pergunto sobre se de alguma forma os pais expuseram a ele sonhos em relação a seu futuro e se foi afetado de alguma forma nessas suas escolhas, Manuel coloca que os pais nunca falaram diretamente as reais expectativas deles em relação a isso, mas em algumas palavras soltas e alguns elogios sobre determinadas profissões davam a entender predileção por alguma profissão específica.

E: Dá-se a entender que eles têm expectativas em tal profissão ou tal decisão minha na minha vida, mas eles sempre deixaram em aberto, porém nas entrelinhas é possível ver que eles têm um direcionamento, né? Nas expectativas e no que eu tomo ou não de decisão na minha vida e o que eles esperam que eu tome, né?

Insisto se isso o afeta de alguma forma, ao que ele responde que:

E: Eu acredito que afeta não só em mim como em todo mundo, porque, principalmente jovens nunca têm uma decisão absoluta e que nunca irá mudar daquilo que quer, assim, é uma fase de transição, de decisões e de ideias embaralhadas na cabeça e que sim, influencia e já me influenciou também na minha decisão.

Ao analisar as falas dos entrevistados em relação à família em vários momentos percebo que o capital cultural, ou pelo menos disposições favoráveis a ele, devem ser levados em conta, o que para alguns é sonho a ser conquistado, para outros é sonho que deve ser buscado para satisfazer expectativas, para outros é a banalidade de um destino, conforme Bourdieu (2018, p.17) analisa:

Ainda que não sejam estimadas conscientemente pelos interessados, variações muito fortes nas chances escolares objetivas exprimem-se de mil maneiras no campo das percepções cotidianas e determinam segundo os meios sociais, uma imagem dos estudos superiores como futuro “impossível”, “possível” ou “normal”, tornando-se por sua vez um determinante das vocações escolares.

3.2 - ESCOLA PERPETUADORA E ESCOLA AGÊNCIA - VISÕES DOS ALUNOS.

Início essa seção com algumas questões. Qual o caráter da escola? Propedêutico ou profissionalizante? Ou teria ela os dois? E seus alunos, qual a visão deles sobre essa, suas expectativas se constroem nos alicerces da escola?

A discussão colocada nessa pesquisa, no item 1.3, sobre a instituição escola, já deixa desnudado um pouco dessas questões com o início da escola republicana. A escola privada segue geralmente o caminho propedêutico, da continuação dos estudos universitários, enquanto a pública segue o viés do profissionalizante, que embora tenha inicialmente um bom fundamento, no sentido de não reduzir o Brasil a cultura do bacharelismo, mostra que diferentemente de outros países (europeus), onde o estudo profissionalizante tem um maior reconhecimento, aqui no Brasil, nessa modalidade, os jovens não passam de aprendizes que, na realidade, como mostraram algumas observações e conversas com agentes da escola pública, servem com frequência para compor uma mão de obra barata, isso é mostrado nos cursos profissionalizantes ofertados pelo estado, através, por exemplo, do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial).

Essa dicotomia tem uma longa história no campo da educação. Saviani (2007) associa essa polaridade aos diferentes contextos de classe, quando tradicionalmente um grupo é formado para ocupar posições hierarquicamente superiores e a ser a classe dirigente enquanto os grupos populares recebem sua formação preponderantemente pelo trabalho, vindo, assim, tendencialmente, a ocupar posições associadas às atividades manuais, considerando a divisão social do trabalho. Também nesse sentido Moura (2007) vai compreender as desigualdades que marcam a formação e a inserção profissional dos brasileiros associados às suas respectivas classes sociais, o que incide diretamente na preparação e ocupação dos jovens.

Versando sobre isso, lembro-me de um acontecimento específico em relação a uma noite dentro da escola João Barbosa, quando um aluno, ao ser chamado atenção pelo supervisor, pelos atrasos constantes na chegada à escola, respondeu que estava descarregando um caminhão que havia chegado tarde à empresa onde trabalhava. O aluno passou para aula e a diretora que estava ao meu lado me disse: “o atestado de estágio dele que assino é curso profissionalizante de logística, no entanto toda noite chega após a entrada, na escola, pois algum caminhão chega e ele tem que descarregar”, fiquei com a percepção de que na educação profissionalizante no Brasil nem sempre a aprendizagem tem prevalecido como objetivo central.

Para tentar esclarecer o caráter da escola, nas expectativas profissionais desses jovens finalistas, me detive em quatro questões específicas das que foram feitas na entrevista.

1. Qual a visão que o aluno tem em relação à instituição escola? Qual a sua importância na vida dos indivíduos? De forma geral e também de forma específica em relação a sua própria escola.
2. Se o aluno acha que essa instituição influencia na escolha da sua futura profissão. E de que forma isso ocorre?
3. Se a escolha de sua profissão tem sido uma escolha fácil. Sim, não e por quê?
4. Se a escola de alguma forma tem ajudado nessa escolha profissional, de que modo? Ou seja, a escola, proporciona alguma coisa: projetos, palestras, para que ajude nessa escolha, no momento em que está descobrindo o que quer fazer para o resto da vida (hipoteticamente) profissionalmente?

Dessa forma, em relação a pergunta número 1, quando questionados sobre sua visão dessa instituição os jovens da escola pública colocam de forma abrangente que ela, em absolutamente todas as entrevistas tanto da escola pública como da escola

privada, os discursos acerca da importância dessa instituição, está diretamente ligada à socialização. Essa palavra perpassa o pensamento de todos os jovens entrevistados, com algumas variações nos discursos, mas que ao final todos acreditam nessa instituição como formadora e socializadora.

Pedro diz que é um lugar de estudo, que “leva adiante na vida”, credencia, portanto, a escola como agência de impulso social, que pode levar o indivíduo a ter uma posição socioeconômica melhor. Já Joana, fala mais como mãe do que como aluna quando se refere à escola. Acredita que dentre as instituições as mais importantes são a escola e a família, e que a escola é de suma importância para aprendizagem da criança como um todo. Deposita nela confiança, pois segundo ela deixa sua filha ali e essa cumpre o seu papel de ensinar, se refere a isso contando episódio em que a filha já havia apreendido a ler. Para Janaína a escola é local de aprendizagem e convivência, quem passa pela escola carrega consigo um pouco de conhecimento do mundo, também observo em sua fala que a escola para ela é como um segundo lar. Talvez isso se deva ao tempo que esses jovens costumam permanecer dentro da escola, como também a confiança que depositam de que ali estão seguros e que sempre haverá alguém para ajudá-los.

A fala de Maurício é possível aproximar da fala de Pedro, ele coloca a escola como socializadora, como lugar de aprendizagem não só de conteúdos, mas de tornar o indivíduo uma pessoa melhor, com crescimento pessoal. Já Patrícia, assim como falou Joana, diz que em sua visão a escola é grande influenciadora na vida do jovem, que é um espaço onde esses podem ter confiança, que podem procurar ajuda, que não é um local apenas de aprendizagem de conteúdos, mas também de convívio. Por fim, coloco a resposta de Anita em relação a sua visão da escola:

E: Eu acho que o papel da escola, principal, é a socialização, porque as pessoas, se elas só conviverem com pessoas parecidas com elas, elas não vão aprender a aceitar as diferenças. Porque pela parte do conhecimento, muitas pessoas, elas aprendem melhor sozinhas e não necessariamente elas vão aprender coisas erradas, elas podem ter fontes boas, mas aprender sozinhas, ter fontes que sejam totalmente verdadeiras, científicas, prováveis, mas principalmente, essa parte da socialização é muito importante. E pela parte de aprender sentidos de comunicação, no convívio em geral, assim. O único problema que eu vejo é que o sistema de ensino, ele é muito antigo, ele é muito antiquado, tem muitas coisas que se fossem ensinadas de outras maneiras, estariam tendo melhores resultados, porque a gente ainda tem um sistema muito antigo, por exemplo, de copiar e é só isso, sabe? Quando tem um projeto assim, quando tem um trabalho que todo mundo tem que se envolver e que é diferente, como, por exemplo, teve esse ano, de teatro, que a gente estudou sobre outras culturas do nosso próprio país, que a gente não conhecia isso foi muito bom, mas aí tem outros trabalhos que a gente acaba estudando só para passar e depois nunca mais

lembra daquilo. Que é o meu caso com a maioria das coisas que eu não tive muito interesse, agora as matérias que eu tive interesse, eu lembro muita coisa.

Promulgo na íntegra a resposta de Anita, pois, me parece que a aluna de todos entrevistados é que consegue colocar com mais clareza qual seria o papel da escola em uma sociedade onde as desigualdades não se perpetuassem de forma tão expressiva e se essa instituição não reproduzisse essas desigualdades, dessa forma, como Bourdieu (2015, p.59) expressa, se a escola é igual para todos em seus conteúdos e práticas então o sistema escolar sanciona as desigualdades iniciais, diante da cultura. Dessa forma, ainda ele ilumina sobre o que chama de pedagogia para “o despertar” e “pedagogia racional”.

Assim, por exemplo, a “pedagogia” que é utilizada no ensino secundário ou superior aparece objetivamente como uma pedagogia “para o despertar”, como diz Weber, visando a despertar os “dons adormecidos em alguns indivíduos excepcionais, através de técnicas encantatórias, tais como a proeza verbal dos mestres, em oposição a uma pedagogia racional e universal, que partindo do zero e não considerando como dado o que apenas alguns herdaram, se obrigaria a tudo em favor de todos e se organizaria metodicamente em referência ao fim explícito de dar a todos os meios de adquirir aquilo que não é dado, sob a aparência do dom natural, senão às crianças das classes privilegiadas. (BOURDIEU, 2015, p. 59).

Ainda nessa questão passo a apresentar as respostas dos jovens da escola privada que foram entrevistados, na maioria de suas falas também se observa a visão que esses têm da escola como instituição que vai muito além do “conteudismo”. A escola é colocada como fonte socializadora, de responsabilidade social e que junto com a família é base de princípios que nortearam a vida deles.

Daiana diz que em sua visão é a instituição que pode mudar a vida das pessoas, o que vai ao encontro das falas de Pedro e de Joana da escola pública. Diz ela que nessa instituição onde se aprende os conteúdos, dependendo da forma que como essa está organizada pode trazer aos jovens consequências boas ou ruins, citando o fato de ter dificuldade com cálculo, que fez com que desenvolvesse ansiedade em função disso. Para Cíntia, o papel dessa instituição em sua visão é socializador e de aprendizagem, mas que no Brasil nem sempre ela cumpre esse papel, referindo-se à escola pública, pois segundo ela essa não é uma instituição que esteja em primeiro lugar nas políticas governamentais. Sente-se privilegiada de estudar em uma escola privada em função disso. Para Luísa, essa é base de princípios assim como a instituição família, onde são desenvolvidas questões relacionadas à humanidade, respeito, tem viés socializador, e está ligada diretamente à família no processo de formação do indivíduo.

Já para Manuel, em sua visão, essa é uma instituição de responsabilidade social, que deve ajudar os jovens tanto na parte socializadora, quanto na questão de preparação para o futuro profissional. Elisa delimita a instituição em sua visão como formadora e socializadora do indivíduo, e que essa não deve preocupar-se apenas com o conhecimento de conteúdos.

E para Daniel, sua visão é que no Brasil a instituição tem o sentido de socializar e formar pensamento de crianças e jovens, mais do que ensinar, ou de apenas cumprir papel de “local onde crianças passam o tempo”.

Dessa forma encontro em Lahire (1997) aquilo que resume a visão desses jovens em relação à escola. A escola como socializadora e formadora de um cidadão autônomo.

Antes de tudo é preciso destacar o fato de que a escola não é um simples lugar de aprendizagem de saberes, mas sim, ao mesmo tempo um lugar de aprendizagem de formas de exercício do poder e de relações de poder. A escola, como um universo onde reina a regra impessoal, Opõe-se a todas as formas de poder que repousam na vontade ou na inspiração de uma pessoa. (LAHIRE, 1997, p. 59)

Quando analiso a segunda questão, sobre a influência dessa instituição sobre as escolhas profissionais e de que forma isso ocorre, dois dados me chamam atenção, em todas as falas dos alunos da escola pública colocam que essa se dá quando esses entram em contato com as áreas de conhecimento, percebo pelos seus discursos que eles indicam que adentram na educação de nível médio, sem a noção do que gostariam de fazer de suas vidas, a escola parece ser uma etapa a cumprir sem sentido em relação a essa ser um meio que os levará de certa forma a uma formação, que ajudará em suas vidas laborais. Segundo as entrevistas eles passam a ter essa noção é no contato com as áreas de conhecimento e com os seus professores, que também aparecem em momentos das entrevistas como influenciadores desses. Constata-se que cada vez que os alunos lembram-se da influência da escola remetem-se quase sempre aos professores aqui nesses primeiros entrevistados da escola pública. “(...) quando essa AP²⁶ é exercida por uma instituição (SE)²⁷, isto é, estabelecer o que deve ser uma instituição para ser capaz de produzir as condições institucionais de produção de um *habitus* ao mesmo tempo em que o desconhecimento dessas condições”(BOURDIEU, 2018, p.77).

Ainda dentro desse contexto da influência direta ou indireta que os professores exercem sobre os alunos, podemos analisar na reflexão de Lahire (1997, p.55), quando

²⁶ Ação pedagógica.

²⁷ Sistema de Ensino.

expõe sobre as visões que esses professores constroem de seus alunos, por vezes já os pré-selecionando, como inaptos a seguirem a carreira escolar, seja por suas condições econômicas ou falta de autonomia, não sabem eles o quanto sua postura diante daqueles que estão ali pode influenciar.

Os professores evocam tanto – senão mais – o comportamento dos alunos, suas qualidades morais, quanto seus desempenhos ou suas qualidades intelectuais. Um princípio de explicação pode vir do fato de que, ao contrário dos alunos oriundos das classes médias e superiores, nem todas essas crianças interiorizam as normas de comportamento que estão na base da socialização escolar. (LAHIRE, 1997, p.55).

A influência que esses professores exercem sobre seus alunos sem, por vezes, nem terem essa percepção pode passar pela falta do desenvolvimento da autonomia em relação aos saberes que podem ser proporcionados pela família quando essa detém algum tipo de capital cultural. O que não se percebe nas entrevistas com os alunos da escola privada.

É possível constatar isso nas entrevistas que seguem:

Pedro acredita que a escola influencie sim, pois segundo ele, é dentro dela que é mostrado a eles diversos saberes que mudam seus pensamentos e despertam seus interesses para determinada profissão. Exemplo disso ele coloca quando em contato com a área de matemática que seu gosto foi desenvolvido de forma que o levou a optar por fazer engenharia. Joana também acredita que há influência e que esta se dá através dos professores, ela explica que a escolha pelo jornalismo se deu em função de um determinado professor que ela admirava a retórica e forma de apresentação da aula dele.

Janaína assim como Pedro, evoca a influência dessa instituição, pois, ela se percebe como aluna à moda de John Locke²⁸ como uma tábula rasa onde a escola vai imprimindo os saberes durante o percurso escolar. Dessa forma, segundo Janaína, os alunos vão agregando conhecimento e inclinando-se para determinada área de conhecimento, que tenham mais afinidade, cita ela a influência de sua professora de biologia, que fez com que ela tivesse interesse em tornar-se bióloga.

Maurício já acredita que a escola possa ter sim influência, no caso do jovem não ter claramente delineado seu projeto de vida, mas que no caso dele isso não ocorreu, pois, sempre teve muito claro o que gostaria de fazer de futuro profissional. Patrícia, por sua vez, percebe a influência da escola como um encaminhamento para alguma área de

²⁸ Faço referência aqui ao livro do autor, Ensaio acerca do entendimento humano, de 1690, onde esse descreve que processo de aprendizagem se dá através da experiência e que a mente do ser humano ao nascer é como uma folha em branco, uma “tabula rasa”, aonde as ideias vão sendo impressas de acordo com as experiências.

conhecimento, mas não crê na influência direta. E por Anita, diz assim como Maurício ver pouca influência, pois, segundo ela a escola nunca proporcionou nada de sua área de interesse, ainda comenta que se fosse levar em conta algum tipo de influência da escola, seria em relação a uma segunda opção que teria como curso a ser seguido, dentro da área das ciências naturais, e que essa influência se daria em função das experiências positivas que teve com professores dessa área.

Quando passo a analisar as falas referentes à influência da escola, dos alunos da instituição privada, aparecem em todas as entrevistas assim como nas falas da escola pública, um padrão de respostas, no entanto, difere a visão da influência e de suas formas, quase todos os alunos falam daquilo que poderia ser nomeada como “tentativa” de influência em função de projetos e discursos dos agentes que compõem a escola. Os alunos dizem detectar, de certa forma nesse meio escolar uma predileção por profissões que eles nomeiam de tradicionais, aquelas chamadas profissões imperiais (Coelho, 1999). Alguns citam o modo dos professores darem aula de forma mais direcionada a curso preparatório, assim como estar presente em suas falas a todo o momento elogios a alunos que desejam ou passaram em cursos concorridos.

Começo expondo o pensamento de Daiana sobre essa questão. A aluna coloca que na verdade muito mais que influenciada às vezes sente-se pressionada a escolha de determinadas profissões:

E: Assim, eu Daiana, me senti muito tempo pressionada que medicina era tudo, que eu tinha que fazer medicina porque estava todo mundo fazendo medicina, porque todo mundo ia fazer medicina, porque a escola falava que era a melhor coisa fazer medicina.

P: A escola ou os colegas, os professores?

E: Tudo, o todo, o todo. Até eu entender que medicina não é tudo isso e que não tinha problema eu não querer fazer medicina, demorou um tempo, realmente demorou um tempo. E isso se amenizou graças a Deus, eu entendi que não era bem isso, e muitas vezes a escola me ajudou a ver certas profissões de outra maneira, realmente, sabe? Pesquisando sobre isso, até falando com profissionais da área, que vieram aqui muitas vezes fazer alguma palestra e houve perguntas sobre a profissão, sabe? E eu acho que influencia muita gente tanto positivamente, quanto negativamente, sabe? Negativamente no modo de... Aquela profissão é tudo, se tu não fizer aquilo vai ser ruim para ti, eu acho que tu tinha que fazer aquilo. E também o fato de ter esse outro olhar, ao mesmo tempo, das outras profissões, sabe? Eu acho que sim.

Cíntia também não desenvolve uma fala muito diferente da de Daiana, segundo a aluna o Colégio Santa Clara não influenciou diretamente sua escolha, e que a escola em sua visão tem um trabalho mais voltado para o ENEM (exame nacional de ensino médio), e que os projetos que a escola disponibilizava mostraram que ela não se encaixava em determinadas profissões, como por exemplo, o curso de odontologia, que inclusive desenvolveu um projeto na escola.

Nesse particular é relevante retomar Apple (2008), posto que o incentivo aos preparatórios é também uma forma de pensar o currículo. Quer dizer, a escola incorpora no dia a dia de professores e estudantes certa condição de treinamento para as seleções futuras.

Luísa também reforça a fala das outras duas alunas e diz que a escola influencia mais para cursos que são voltados para carreiras como medicina, odontologia, Direito, ou cursos do tipo. Luísa inclusive coloca que sobre ela não houve qualquer influência da escola em sua escolha profissional, uma vez que o curso que ela pretende sequer foi mencionado dentro da escola em qualquer tipo de projeto.

Manuel já mais comedido, fala que de forma direta não influenciou, mas relata que a escola através de seus agentes têm um discurso que vangloria determinadas profissões, embora não desvalorize algumas de prestígio social mais baixo. Já Elisa, diz que acredita que não houve influência em suas escolhas e que vê a escola muito limitada no que diz respeito à apresentação e trabalho em cima de cursos superiores, pois segundo ela sempre há uma tendência de profissões que são tradicionais. Por fim, Daniel tem o único discurso diferente dos outros entrevistados, acredita que sim, que há influência da escola no seu conjunto e dentro desse em específico os professores como influenciadores. Daniel diz acreditar que a instituição tem a função de orientar, mostrando as diversas áreas de conhecimento. Mesmo assim, ele diz que vê falhas por parte da instituição, uma vez que essa não valoriza todas as profissões de forma igual.

Nos primeiros momentos deste estudo havia a expectativa de identificar alguma influência de ordem religiosa na forma de organização curricular, em razão da escola particular ser confessional parecia provável que um *ethos* religioso produzisse influência no *ethos* escolar. Para Weber (2004) as religiões influenciam em grande medida o modo de formação dos jovens. Na escola estudada nessa pesquisa essa ingerência não aparece diretamente associada aos conteúdos curriculares, mas sim no modo de conceber a organização escolar e de influenciar as opções futuras dos alunos.

A palavra central aqui é disciplina. Ou seja, a conduta necessária para uma vida ordeira como estudante e futuramente como trabalhador

As questões 3 e 4 aqui colocadas nessa seção são a respeito da facilidade ou dificuldade na escolha de uma profissão e se a escola contribuiu para essa escolha através de algum projeto, palestra, viagens de estudos, testes vocacionais, ajuda psicológica.

Pedro diz que a escolha não foi fácil em função da questão financeira, que cursar o curso escolhido é muito caro. Coloquei a ele a questão de uma universidade federal, ao que ele responde que é muito difícil, possivelmente referindo-se a seus hábitos de estudo, assim como também não fazer nenhum curso preparatório para os exames de seleção, questiono sobre a escola ajudar e ele diz que de certa forma, através de palestras, e cita uma palestra que teve na escola com um engenheiro, que acredita ter contribuído pela escolha. Anita afirma que não foi fácil, no sentido do que ela quer fazer depois, que ela quer ser empreendedora, que escolha em si, não foi difícil, mas que em função do que ela pretende fazer depois de formada sentiu certa dificuldade. Quanto à escola ela diz que ajudou quando essa disponibilizava projetos que incluíam arte, cita inclusive dois projetos, um relacionado a fotografia e um relacionado ao teatro, onde ela teve a oportunidade de confeccionar as roupas de alguns personagens, também menciona que as palestras que teve na escola não contribuíram em nada pois, nunca são relacionadas a sua área.

Joana disse que a escolha foi fácil, que foi um curso (jornalismo) que a medida que conheceu já se identificou e citou a contribuição da escola em uma palestra com duas psicólogas que teve na escola, que ajudaram ela a esclarecer alguns questionamentos que ainda tinha. Maurício por sua vez, disse que não foi fácil chegar a sua escolha profissional em função do caminho que sabia que tinha que trilhar, referindo-se ao curso de medicina. E que em relação à escola, a única contribuição que lembra foi a visita a um quartel da cidade. Um projeto que existe no exército brasileiro em parceria com as escolas públicas, onde esse disponibiliza transporte e lanche aos alunos que passeiam pelo quartel, ouvindo sobre a história deste e as formas de ingressar também.

Esse ponto merece destaque. Quando Bourdieu se refere à produção de determinado *habitus* tem por base as diferentes maneiras sutis e discretas de trabalhá-lo no cotidiano dos sujeitos. Nesse sentido, a produção do desejo referente às carreiras militares é um trabalho institucional que conta com a aliança entre exército e escola

particular no caso em questão. A presença significativa dos militares na cidade contribuiu para a realização desse trabalho de inculcação.

Patrícia afirma que não foi uma escolha tão fácil no sentido da angústia e confusão que gerou essa escolha. Quanto à escola ela diz acreditar que através de palestras ou oficinas específicas, não teve ajuda, mas que uma palestra motivacional contribuiu, bem como a conversa com professores de como fazer o exame seletivo, a aluna coloca que não tinha ideia de como era o processo de seleção, pois diferentemente da escola privada os alunos da escola pública não têm simulado que os preparem para treinarem suas aptidões à prova. Janaína afirma que não encontrou dificuldade na escolha, que difícil mesmo foi em relação a família, citando mais uma vez a questão da mãe ter o sonho que a filha fizesse outro curso e não o escolhido de biologia. Quanto à ajuda da escola, refere-se mais à escola anterior em que esteve, pois, estava há pouco tempo na escola João Barbosa, e como ajuda cita as conversas com a professora de biologia, assim como passeios a universidade em um programa de mostra de profissões.

Já na instituição privada, Daiana, indica que não foi fácil sua escolha e cita uma série de questões relacionadas aos dilemas juvenis, como agradar as pessoas que fazem parte de círculo de convivência escolhendo uma profissão de status maior, fazer o que vai agradar a mãe, e diz que o que pesou mesmo foi a questão econômica. Ou seja, se decidiu por fazer um curso que lhe daria estabilidade financeira. Quanto à ajuda da escola diz que obteve através do teste vocacional, passeios às universidades da cidade, bem como conversa com a psicóloga que a escola disponibiliza para seus alunos.

Já Cíntia explica que não foi fácil sua escolha e fala longamente sobre seus dilemas.

E: Escolher com 17, 16 anos, o que tu quer fazer para o resto da vida, não é fácil e no Brasil, a gente sabe que é mais difícil ainda, porque independente de fazer um concurso militar ou fazer o ENEM, ambos são muito difíceis, tu vai ter que passar muito tempo da tua vida se dedicando só para conseguir entrar, para fazer o que tu quer. Às vezes não ter certeza não é um problema, só que no meu caso é, porque na época que eu fiz a minha escolha, eu não sabia se eu poderia fazer um curso preparatório ou se depois do ensino médio eu teria condições de fazer um curso preparatório, hoje eu sei que eu posso fazer um curso preparatório, mas antes eu não sabia e aí? Eu ia conseguir passar sem o auxílio do colégio? Essa dúvida ficava na minha cabeça a todo momento, tu pensar que vai ficar cinco anos ou quatro anos fazendo um curso preparatório, machuca, né? Porque é muito difícil, mas é o que tem que fazer.

E ainda sobre a escola ter ajudado nessa escolha ela coloca que:

E: A minha escolha profissional, como eu já tinha falado, ela já estava pré estabelecida, então antes de entrar na escola, eu já tinha, mais ou menos, certo o que eu queria fazer. Teve uma época da minha vida que eu queria fazer medicina e isso eu desenvolvi aqui dentro, porque antes de entrar aqui eu não queria medicina e esse pensamento de “talvez, quem sabe medicina seria bom”, eu desenvolvi aqui dentro da escola, porque vieram pessoas fazer palestra aqui, os professores comentam sobre medicina, os alunos falam muito, é o curso que as pessoas mais falam, mais priorizam.

P: Status social?

E: É um status social, né? Porque quando a gente fala de uma profissão ou de uma pessoa que se daria bem aqui dentro do Brasil, a gente pensa em médico.

Para Luísa, a escolha segundo ela foi fácil, difícil foi dizer ao pai que faria esse curso, pois, ele já havia a prevenido que não são todos os profissionais da área que se dão bem economicamente falando. Quanto à ajuda da escola, a aluna coloca que em relação a sua profissão nunca teve nada que a ajudasse na escolha.

Manuel diz que não está sendo fácil a escolha. Ainda indeciso sobre qual profissão seguir, disse que o peso das pressões que sofrem nesse momento é muito grande. Diz que todo mundo quer que já se tenha delineado o que fazer no futuro e coloca que isso não é tão fácil em função da gama de profissões existentes e que eles não conhecem. Quanto à escola diz que essa está sempre aberta a ajudar, através de palestras, testes vocacionais, conversas com professores, com coordenação, que nesse sentido a escola é bastante prestativa. Já Elisa, indica que em primeiro momento não foi fácil a escolha, pois estava apegada a uma situação de fazer um curso tradicional, e que quando se “libertou” dessa questão e decidiu trilhar o caminho que sempre sonhou, que tudo se tornou mais fácil. Quanto ao incentivo da escola, ela diz que acredita que não haja auxílio, se diz desconectada com a escola, e que obteve mais ajuda através de conversas com professores do que da instituição em si.

Diniz (2001) indica que as escolhas profissionais são condicionadas em grande medida pelas famílias que correspondem a determinadas classes sociais. No caso do Brasil, Edmundo Coelho (1999) argumenta que as profissões imperiais são largamente fechadas nas heranças familiares, de modo que os sobrenomes de famílias com frequência remetem a atividades profissionais nas cidades e localidades.

Por fim, Daniel coloca que foi uma escolha relativamente tranquila, diz que chegou a ter dúvidas em alguns momentos, mas que após algumas pesquisas, conversas com a família, convivência com membros da família que estão ligados a sua escolha,

decidiu-se. Quanto à escola, acredita que contribui com projetos, acompanhamento psicológico, assim como os professores, foram alguns itens que ajudaram.

As falas dos alunos da escola privada me fazem refletir sobre a questão da desigualdade que não se mostra somente diante da escola, mas que prossegue até o ensino superior. Bourdieu (2018, p. 16) ilumina sobre essa questão colocando que o acesso ao ensino superior é resultado de uma seleção que se dá durante todo o percurso escolar e que ainda se torna mais rigorosa segundo a origem social do aluno.

Dessa forma o sistema educacional que para alguns desses alunos expressaria a vantagem de ascender socialmente, ou simples sonho de entrar em uma universidade, serve como perpetuador de desigualdades. Onde a maioria daqueles que não contam com uma herança cultural que condiciona o que o êxito escolar se dará dependendo do nível de capital cultural global familiar, Bourdieu, (2015, p.46), poderá ficar à margem da sociedade, uma vez que seu destino social parece ser selado no nascimento, pertencendo a uma classe popular ou não.

A pesquisa sociológica é uma espécie de encontro entre o ponto de vista dos interlocutores e o olhar do pesquisador. Nesse estudo se buscou destacar a perspectiva dos atores, analisando suas expectativas, com uma atenção especial para a subjetividade que compõem as escolhas individuais, bem como em que medida os condicionantes sociais se impõe, confirmando ou não as probabilidades dos destinos sociais. Na perspectiva desse estudo o desafio esteve justamente na travessia entre um ponto e outro, lançando luz sobre uma das questões que mais preocupam a razão sociológica, qual seja, a relação entre indivíduo e sociedade/agência e estrutura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição desta pesquisa foi algo acalentado há muito tempo. Como já colocado, passear por mundos tão distintos, sem refletir sobre aqueles espaços, ou os agentes que compõem aqueles espaços, torna-se impossível. A busca pelas respostas às questões que envolveram essa pesquisa foi bastante angustiante.

Objetivar compreender de que forma as instituições mais importantes na socialização do indivíduo influenciam nas suas escolhas profissionais, ou ainda de como elas estruturam essas escolhas, e buscar entender o caráter de cada uma dessas instituições, seja de transmissão de capital cultural, do *habitus* adquirido, das disposições favoráveis engendradas ou de caráter perpetuador dessas nas diferenças sociais, foi tarefa difícil, no sentido de fazer parte profissionalmente das duas escolas pesquisadas e de manter o distanciamento necessário como pesquisadora.

Minha busca por respostas e reflexão foi amparada por conceitos norteadores trabalhados por autores clássicos. Pierre Bourdieu iluminou esse estudo com seus conceitos de capital cultural, *habitus*, *ethos*, e com suas reflexões sobre a escola reprodutora e perpetuadora de desigualdades. Bernard Lahire creditou esperança as minhas reflexões, quando balizou as disposições favoráveis que os indivíduos podem ter, em relação ao sucesso escolar, através da configuração familiar quando devidamente inculcados neles rotinas rígidas, que ao encontro de Bourdieu poderia ser validado como a incorporação do *habitus* do estudo. Para Lahire são um conjunto de habilidades e competências que podem ser desenvolvidos pela escola e mobilizados, uma vez que não adianta somente ter o capital cultural, se não souber mobilizá-lo.

No entanto, quando confrontadas as respostas dos alunos da escola pública e privada, a expressão do acúmulo de capital cultural em seus estados incorporados e objetivados ou a exiguidade dele torna-se visível. Os conhecimentos e habilidades, os gostos, as informações, que são manifestadas pelos alunos da escola privada em suas falas mostram, por um lado, que esse conjunto de qualificações é herdado de seu meio social. Dessa forma, o feixe de disposições que Bourdieu nomeia de *habitus*, quando adquirido no meio familiar tende a ampliar ou não as disposições para novos *habitus*, que seriam secundários e adquiridos no meio escolar.

Bernard Lahire que critica esse conceito de *habitus*, por delimitá-lo como unívoco, e dessa forma esse criar sempre a mesma ação no indivíduo, coloca como alternativa ao *habitus*, as disposições plurais, que são as condições e possibilidades que esse indivíduo tem de exibir o seu mundo individual. Dessa forma, explicaria esse

conceito que alguns indivíduos não aceitam aquilo que lhes foi pré-determinado, e a partir de suas práticas esse desenvolverá disposições que dependendo de sua força e seu grau de fixação, poderão levá-lo ou não ao sucesso escolar.

Essas disposições em maior ou menor força foram percebidas, ao longo desse estudo, nas falas dos alunos da escola pública, a intencionalidade dos alunos em seguir os estudos, após o ensino médio, apareceu em todas as falas desse, tanto da escola pública como da privada. No entanto, chama a atenção a intencionalidade daqueles da escola pública que demonstram expectativas referentes às futuras profissões que se explicariam na forma de disposições que Lahire expressa. Mais especificamente ainda, podemos observar essas disposições favoráveis nos alunos bolsistas da escola privada, que embora não detentores de capital econômico abundante, dados esses captados nas questões abertas aplicadas na pesquisa, mostram que através da família foram provocados a internalizar as práticas relativas ao sucesso escolar.

Quando analisamos as falas dos jovens pertencentes à escola pública percebemos que sua maioria são estudantes trabalhadores e nesse sentido recorri a Paul Willis, com o propósito de analisar a escola como cenário desses atores juvenis. Se de fato essa se porta como reprodutora e perpetuadora ou se há dentro desta a cultura contra escolar desenvolvida pelo autor. Willis desenvolve esse conceito em contrapartida ao conceito de reprodução. Coloca esses jovens como agentes atuantes e não apenas como passivos da reprodução do sistema escolar. Dessa forma, os jovens de Willis são jovens de luta, de resistência, onde a não obtenção do sucesso escolar é uma forma de opor-se ao tipo de escola que se apresenta a eles.

Os alunos da escola privada me levaram a refletir fortemente sobre aquilo que Maria Alice Nogueira nomeia de “treineiros”. Esses alunos, amparados pelas famílias e escola, tornam-se hábeis através dos simulados à prática de provas de seleção. Esses, por sua vez, incorporam em seus hábitos todo o tipo de método que pode levá-los ao expressivo número de acertos nas provas seletivas, colocando-os, dessa forma, na disputa em patamares elevados dos cursos das universidades. Dessa forma percebi que as famílias usam da estratégia da escolha da escola para seus filhos que possa proporcionar a esses além de escolarização, princípios e valores. Essas buscam aperfeiçoar a escolarização com o treinamento para provas seletivas. Nesse sentido, observei que cabe a escola privada, em nome de um clientelismo, ajustar seus ideais a essa busca que as famílias fazem pela aprovação de seus filhos em universidades, conservando dessa forma o capital cultural que é herdado.

Estudei minuciosamente os métodos que seriam usados nesse estudo, a fim de conseguir retirar os dados mais precisos possíveis. Foram escolhidos os métodos quali-quantitativo, onde foram aplicados questionários às supervisoras das escolas, entrevista aberta com diretores e alunos, sendo que a entrevista com os alunos previa questões de acesso às suas famílias, onde se podiam obter dados de como estava configurada a família do estudante, bem como seus hábitos culturais e também referentes aos estudos, assim como também era possível questionar os jovens diretamente sobre as influências que recebiam das duas instituições, e também a visão desses em relação a elas. O método etnográfico também se fez necessário, trabalhar e pesquisar o mesmo local exige distanciamento e um diário de anotações, que catalogava cada reunião, conselho de classe, atividade extra, assim como as conversas nos corredores e todas as formas de ser e de sentir que envolviam aqueles jovens e suas instituições.

Após a escolha do método e munida do aporte teórico dos autores, a preocupação passou a ser a coleta de dados e a forma apresentação desses. Em primeiro, a apresentação das escolas já delineada nesse estudo desejou demonstrar as formas que essas conduzem o processo de educação dos alunos e como essas se posicionam em relação às expectativas profissionais desses. A análise do PPP (Projeto Político Pedagógico) em primeira instância já mostrou diferenciação entre as escolas em termos organizacionais e a contribuição das entrevistas dos supervisores e gestores demonstrou que a forma de condução do processo educacional pode ser variada, embora os agentes que estejam nesse campo, tenham as preocupações compatíveis dentro desse, o fim é a educação e os jovens que dela dependem, mas o caminho percorrido é com caminhos diferentes, cada uma dessas escolas apoia-se no que lhe é concedido. A escola como instituição socializadora, ao lado da família, tem importância singular dentro da sociedade, pois, essa é encarregada do trabalho de consagração das divisões sociais, segundo Bourdieu (2015, p.45)

É, provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois, fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e, sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.

O acesso às famílias se deu através das falas dos alunos com questões pontuais que pude através das respostas desses, trazer dados que mostraram ora a hereditariedade do capital cultural, ora, nos termos bourdieusianos, a exiguidade desse, assim como o

desenvolvimento do *habitus* e o *habitus* precário encontrado no seio das famílias que nesse estudo foram analisadas. As consonâncias e dissonâncias entre aquilo que alguns pais desejam e aquilo que os filhos desejam também foram alvos de observação e inquietude no sentido de perceber que seja pelo *habitus* ou disposições favoráveis, a família pode ser grande incentivadora ou desalentadora nas expectativas desses jovens.

A juventude é uma etapa da vida do indivíduo em que todas as decisões ou indecisões tomam proporções maiores. O universo simbólico juvenil, também trabalhado nessa pesquisa, mostra que há homogeneidade em relação a ser jovem, aquilo que os caracteriza, assim como ser estudante como Bourdieu (2015, p. 29) declara: estudante é o indivíduo que tem em comum com os outros o fato de estudar. A heterogeneidade dessa fase da vida está também imbricada ao pertencimento de classe.

De tal maneira, considera-se que se, por um lado, esse estudo mostrou que o *habitus*, as disposições através das famílias, pode influenciar nas expectativas desses jovens é na escola que muitos buscam a afirmação de seus desejos e inquietudes. E nessa é que vai se perpetuando aquilo que as condições de vida iniciais deles lhes proporcionam.

Por fim, foram muitas as questões suscitadas no tocante desse tema, algumas puderam ser analisadas, outras ficaram na expectativa de serem aprofundadas, como, por exemplo, a influência dos professores que por diversas vezes nas falas dos estudantes apareceram, como incentivadores, inquietadores, abrandadores ou simplesmente aconselhadores no universo de escolhas desses jovens. Em específico, pode-se perceber que dentro da escola pública esses têm um papel social bastante considerável. Em algumas falas os alunos atribuíram aos professores as suas escolhas profissionais. De tal forma, o juízo professoral não pode ser investigado com profundidade em razão de não estar no enfoque desse estudo, mas que fica como inspiração a um estudo posterior. A finalização desta dissertação representa um convite para novas frentes de análise para a presente pesquisadora e para outros cientistas sociais que por ventura desejem abordar esse campo de estudo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana. **Família e escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Ultrapassando o pai – Herança cultural restrita e competência escolar. Petrópolis: Vozes, 2000
- ANDERSON-Levitt, KATHRYN M. **Anthropologies of education, A global Guide to Ethnographic Studies of Learning and schooling**. New York, ed. Berghahn, 2012, 2013, p.49-69.
- APPEL, Michael W. **Ideologia e Currículo**. Porto Alegre. Artmed, 2008.
- BERNARD, Lahire. **Sucesso escolar nos meios populares: a razão do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBERON, Jean Claude; PASSERON, Jean Claude. **A profissão do sociólogo: Metodologia da Pesquisa Sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BOURDIEU, Pierre; ORTIZ, Renato (Org). **Pierre Bourdieu: Sociologia: Esboço de Uma Teoria da Prática**. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o Historiador**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.
- BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Vozes, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). 16 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude; tradução Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. – 2. Ed. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Fim de Século, Lisboa, 2003.
- BRANDAO, C. F.. Processo de civilização e processos educativos: a questão do controle das emoções. Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação: **História e memória da educação brasileira**. 2002 p. 374 - 375
- COELHO, Edmundo Campos. **As profissões imperiais: Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999.

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol.28, n.100 – Especial, p. 1105-1128, out.2007.

DAMATTA, Roberto. **A aventura sociológica: O ofício do etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues"**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Diniz et.al.. **Ética na pesquisa social: desafio ao modelo biomédico**. Ética em pesquisa: temas globais. Brasília: Letras Livres/Editora UNB; 2008. (Coleção Ética em Pesquisa, 4).

DINIZ, Marli. **Os donos do saber: profissões e monopólios profissionais**. Rio de Janeiro: Renavan, 2001.

EGGERS, Sabrina. **Estudo sobre o Segundo Polo de Defesa Nacional: caso de Santa Maria, RS**. <<https://periodicos.ufsm.br/interacao/article/view/37423>> V.10, n.1, 2019. Acessado em abril. 2020.

FERREIRA, S. Laura. **Processos de resistência e novos desenhos identitários: o ofício do mecânico e a racionalização da indústria da reparação automotiva**. 2013. Tese. (Doutorado em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 42/43.

FOOTE-WHITE, William. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GUNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa X Pesquisa Quantitativa: Esta é a questão? Psicologia: Teoria e Pesquisa** Mai- Ago 2006, Vol 22 n.2, pp. 201- 210.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MOURA, Henrique D. Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: Dualidade Histórica e Perspectivas de Integração. **Holos**, Ano 23, Vol.2 - 2007

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (orgs). **Família e escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. A Construção da Excelência Escolar – Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. Petrópolis: Vozes, 2000.

NORBERT, Elias. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

OLIVEIRA, L. R.C. Pesquisa em versus Pesquisas com seres humanos. In: VÍCTORA, C.; OLIVEN,R. G.;MACIEL,M. E.;ORO, A.P. (Orgs.). **Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil**. Niterói: Ed. UFF, 2004.

PEIRANO, MARIZA. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Disponível em <[http://www.marizapeirano.com.br/artigos/2014 antropologia não é etnografia](http://www.marizapeirano.com.br/artigos/2014_antropologia_nao_e_etnografia)>. Acessado em: 12 jul. 2018.

PUCETTI, Chiara; MARTINS, Humberto (Org); MENDES, Paulo (Org). **Trabalho de campo: envolvimento e experiência em Antropologia: Quando o campo são emoções e sentidos. Apontamentos de etnografia sensorial**. Lisboa: ICS, p. 39-56, 2016.

SANTOS, Boaventura. **Conhecimento Prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2006.

SAVIANI, Dermival, Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, V.12 n. 34, jan/abr. 2007.

SOARES, Glaucio. **O calcanhar metodológico da ciência Política no Brasil. Sociologia, problemas e práticas**, n. 48, p. 27-52, 2005.

SOUZA Jessé de. **Os batalhadores brasileiros: Nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: UFMG, 2012.

VÍCTORA et al. **Pesquisa qualitativa em saúde**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

WEBER, Max, **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo** / Max Weber; tradução José Marcos Mariani de Macedo— São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência, e reprodução social**. Trad. Por Tomaz Tadeu da Silva, Daise Batista. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ZAGO, Nadir. NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; (orgs). **Família e escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Processos de escolarização nos meios populares – A contradições da obrigatoriedade escolar. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEI Nº 13.415, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20172018/2017/lei/113415.htm> acessado em de 25 novembro de 2019.

Dados da rede estadual de ensino <<https://educacao.rs.gov.br/inep-divulga-dados-da-rede-estadual-de-ensino>> acessado em 25 novembro de 2019.

ANEXO A

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM GESTORES.



Universidade Federal de Santa Maria
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS –
MESTRADO

Título do estudo: FAMÍLIA E ESCOLA DISPOSIÇÕES E EXPECTATIVAS PRESENTES NAS ESCOLHAS PROFISSIONAIS DOS JOVENS DE CLASSE MÉDIA E POPULARES NA CIDADE DE SANTA MARIA-RS

Pesquisadora responsável: Rosa Ulicimara de Menezes Balbuena

Orientadora: Professora Doutora Laura Senna Ferreira

Nome:

Data de nascimento:

Profissão:

Tempo de profissão: (tempo de cargo):

Onde mora: (Bairro):

Como ocorreu a escolha da profissão de educadora?

O que é ser um educador?

Como você acredita que deve ser conduzido o processo de educação?

Como é estar no comando de uma instituição desse porte?

Quais os maiores entraves que você percebe enquanto gestora, no processo educacional?

Com base em que princípios é elaborado o PPP Da escola? O cumprimento do que é posto nele chega a ser um problema para escola?

Qual a importância da instituição família na instituição escola?

As famílias são participativas na escola? De que forma você percebe essa participação, ou a falta dela?

De que forma a escola conduz a relação das famílias com a escola e o processo educacional?

Há diferenciação na participação das famílias, nos diferentes níveis da educação? (infantil, fundamental e médio)

Qual a expectativa da escola em relação ao futuro de seus alunos?

De que forma você avalia que a escola influencia nas expectativas de trabalho dos seus alunos concluintes do ensino médio?

ANEXO B

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM JOVENS.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS –
MESTRADO**

Título do estudo: FAMÍLIA E ESCOLA DISPOSIÇÕES E EXPECTATIVAS PRESENTES NAS ESCOLHAS PROFISSIONAIS DOS JOVENS DE CLASSE MÉDIA E POPULARES NA CIDADE DE SANTA MARIA-RS

Pesquisadora responsável: Rosa Ulicimara de Menezes Balbuena

Orientadora: Professora Doutora Laura Senna Ferreira

1. Identificação:

a) Masculino

b) Feminino

2. Data de nascimento:

3. Como é constituída sua família?

4. Qual a forma de renda obtida pela sua família? (Trabalho dos pais? Em que?)

5. Qual a escolaridade de seus pais?

6. Você sempre estudou na mesma escola?

7. Como você vê a escola? (qual a sua visão dela?)

8. Você realiza alguma atividade além dos estudar? Qual?

9. O que você faz em seu tempo livre?

10. Como são seus momentos de lazer? Em família e com amigos?

11. Você e sua família têm hábito de viajar anualmente mensalmente, férias?

12. Você costuma ler, além dos seus materiais escolares? Se sim, que tipo de leitura?

13. Quais são seus planos, objetivos pessoais futuros, e como você pretende alcançá-los?
14. Como você avalia a influência da escola na sua escolha de profissão?
15. Como você avalia a influência de sua família na sua escolha de profissão?
16. Seus pais acompanham sua vida escolar? De que forma?
17. Em algum momento seus pais conversaram com você sobre os sonhos que eles teriam em relação ao seu futuro? Se sim, como isso afetou você?
18. A escolha da sua profissão foi uma escolha fácil?
19. A escola ajudou nessa escolha? De que forma? Através do que? Projetos? Palestras?

ANEXO C

Questionário supervisores



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS –
MESTRADO**

Título do estudo: FAMÍLIA E ESCOLA: DISPOSIÇÕES E EXPECTATIVAS DAS ESCOLHAS PROFISSIONAIS DOS JOVENS DE CLASSE MÉDIA E POPULARES NA CIDADE DE SANTA MARIA-RS

Pesquisadora responsável: Rosa Ulicimara de Menezes Balbuena

Orientadora: Professora Doutora Laura Senna Ferreira

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria – Rio Grande do Sul, Brasil

Telefone e endereço postal completo: (55) 3220-8450. Avenida Roraima, 1000, prédio 16, sala 3155, 97105-970 - Santa Maria - RS.

Local da coleta de dados:

1. Nome:
2. Idade:
3. Formação acadêmico/profissional:
4. Tempo de trabalho na instituição:
5. Cargo ocupado na instituição:
6. A escola está composta por quantos alunos?
7. A escola é composta por quantos professores?
8. Como está organizada a escola? Por setores? Como estão compostos?
9. Existem alunos que participam do programa federal, bolsa família? Quantos?
10. Como está organizada equipe diretiva da escola, de que forma é composta?

11. Como se dão as decisões tomadas pela escola, em relação aos alunos e professores?

12. Como está composto o currículo da educação básica da escola?

13. De que forma se dá a construção do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola?

14. De que forma a escola disciplina seus alunos? (regras, acordos...)

15. Como você descreve a relação dos professores com a equipe diretiva?

16. Como você descreve a relação dos alunos com os professores?

17. De que forma se dá a formação dos professores ao longo do ano letivo ou do seu percurso de trabalho na instituição?

18. Como está constituído o currículo do ensino médio da escola?